

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
**CÂMPUS CORA CORALINA**  
**MESTRADO ACADÊMICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**GEOGRAFIA**

**COMUNIDADE QUILOMBOLA ÁGUA LIMPA, EM FAINA-GO: as Folias de Santos**  
**Reis e São João Batista como fortalecimento sociocultural e (re)existência**

**GOIÁS-GO**

**2020**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
**CÂMPUS CORA CORALINA**  
**MESTRADO ACADÊMICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**GEOGRAFIA**

**LUIZ DOS SANTOS NEIA**

**COMUNIDADE QUILOMBOLA ÁGUA LIMPA, EM FAINA-GO: as Folias de Santos**  
**Reis e São João Batista como fortalecimento sociocultural e (re)existência**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Câmpus Cora Coralina, da Universidade Estadual de Goiás, PPGeo-UEG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Área de Concentração:** Estudos Ambientais e Territoriais do Cerrado.

**Linha de pesquisa:** Dinâmica Territorial do Cerrado.

**Orientador:** Prof. Dr. Edevaldo Aparecido Souza

**GOIÁS-GO**

**2020**

## **DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE**

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina  
Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

N397c Neia, Luiz dos Santos.

Comunidade Quilombola Água Limpa, em Faina-  
GO : as folias de Santos Reis e São João Batista como  
fortalecimento sociocultural e (re)existência  
[manuscrito] / Luiz dos Santos Neia. – Goiás, GO, 2020.  
159f. il.

Orientador: Prof. Dr. Edevaldo Aparecido Souza.  
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Câmpus  
Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2020.

1. Ciências humanas. 1.1. Comunidades  
tradicionalis - quilombolas. 1.2. Identidade cultural -  
tradições religiosas. 1.3. Geografia - desterritorialização  
e reterritorialização. 1.4. Comunidade Quilombola  
Água Limpa. I. Título. II. Universidade Estadual de  
Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 398.332(817.3)

## UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

**UEG CÂMPUS CORA CORALINA**

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

### ATA DE EXAME DE DEFESA 01/2020

Aos vinte e quatro dias do mês de novembro de dois mil e vinte às oito horas, realizou-se, por webconferência, o Exame de Defesa de dissertação do mestrando Luiz Neia dos Santos, intitulado **COMUNIDADE QUILOMBOLA ÁGUA LIMPA, EM FAINA-GO: as Folias de Santos Reis e São João Batista como potencialidade para a (re)existência**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Prof. Dr. Edevaldo Aparecido Souza – Presidente – (PPGEO/UEG), Profa. Dra. Jaqueline Vilas Boas Talga (UFG), Prof. Dr. Murilo Mendonça Oliveira de Souza (PPGEO/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo mestrando e seu orientador. Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o presidente da banca examinadora, Prof. Dr. Edevaldo Aparecido Souza proclamou que a dissertação encontra-se aprovada (X) ou não aprovada ( ) ou aprovada com ressalva (X) e com as seguintes exigências (se houver):

Que o mestrando, sob acompanhamento do orientador considere as alterações necessárias apresentadas pelos professores arguidores na forma oral e/ou escrita refazendo o texto da dissertação nos pontos apresentados.

Cumpridas as formalidades de pauta, às 10:50 a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora em duas vias de igual teor.

Goiás-GO, 24 de novembro de 2020.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Edevaldo Aparecido Souza (PPGEO/UEG)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Jaqueline Vilas Boas Talga (UFG)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Murilo Mendonça Oliveira de Souza (PPGEO/UEG)

Aos Quilombolas da Comunidade Água Limpa, pela incessante luta em busca de reconhecimento.

## AGRADECIMENTOS

Embora a pesquisa seja constituída de muitos momentos solitários, principalmente durante a redação, esta só foi possível pelo fato de muitos sujeitos acreditarem, contribuírem e permitirem que pudéssemos acompanhar e registrar as diversas manifestações culturais presentes na Comunidade Quilombola Água Limpa.

Com isso, atrevo-me a iniciar os agradecimentos usando os dizeres de Dom Pedro Casaldáliga, “nada possuir, nada carregar, nada pedir, nada calar e, sobretudo, nada matar”. Agradeço e homenageio todos que acreditaram e contribuíram com a pesquisa e pela páscoa neste ano de 2020 de Frei Domingos dos Santos e Dom Pedro Casaldáliga. Grandes defensores dos direitos humanos, da justiça social, da reforma agrária, dos mais pobres, dos povos marginalizados e dos povos indígenas.

Agradeço primeiramente aos Quilombolas da Comunidade Água Limpa, pelo carinho e respeito com que me receberam, pelo comprometimento com a pesquisa e por permitirem que eu pudesse acompanhar e registrar as manifestações culturais e de fé na comunidade. Em especial a Ismael Corrêa da Silva, Joaquim Corrêa da Silva, José Corrêa da Silva, Luiz de Deus Passos, Manoel Pinto Barroso (*in memoriam*), Maria Benta Corrêa e Ronie Pinto Barroso, que muito contribuíram nessa investigação, minha gratidão a todos. Espero que esta pesquisa contribua para fortalecer a Comunidade Quilombola e que possam ter acesso às políticas públicas que lhes são de direito.

À Universidade Estadual de Goiás-UEG, pela oportunidade concedida de cursar a graduação em Geografia, participar de programas de ensino/extensão e do mestrado.

Ao Programa de Pós Graduação em Geografia-PPGEO/UEG, pela oportunidade de fazer parte da primeira turma e poder contribuir com a consolidação do programa.

À Geografia, por moldar meus conhecimentos, aprimorar minhas reflexões e sempre me proporcionar novos horizontes.

Ao Professor Doutor Edevaldo Aparecido Souza, pela generosidade, atenção e dedicação durante os momentos de orientação, pelos ensinamentos e por ter concedido o ensejo de sua amizade.

Ao Professor Doutor Murilo Mendonça Oliveira de Souza, por conceder a oportunidade de sua amizade, por contribuir com a pesquisa e por se fazer presente na luta pelos direitos humanos.

À Professora Doutora Jaqueline Vilas Boas Talga, pelos ensinamentos, pelas importantes contribuições com minha formação e com a pesquisa desde o início.

À Professora Doutora Lorraine Gomes da Silva, pelos ensinamentos e pelas importantes contribuições na pesquisa.

Ao Professor Doutor Adriano Rodrigues de Oliveira, pelas contribuições com a pesquisa.

Ao Professor Doutor Welton Barbosa Santos, pela amizade, pela parceria acadêmica e por sempre me incentivar a buscar novos horizontes.

Ao Professor Mestre Uelinton Barbosa Rodrigues, por ter contribuído com minha formação acadêmica e humana e por sempre ter me incentivado a buscar o conhecimento, gratidão pela amizade.

À Professora Doutora Auristela Afonso da Costa, por ter me incentivado e contribuído com minha formação, desde a graduação, grato pela amizade.

À Professora Doutora Vera Lúcia Salazar Pessôa, pela valiosa colaboração na disciplina ofertada Seminários.

Ao Professor Doutor Pedro Alves Vieira, pelos ensinamentos durante a graduação e pela amizade.

À Dagmar Olmo Talga, pela amizade, generosidade e por se fazer presente na luta pelos direitos humanos.

Ao Professor Hélio Antônio Ramos, revisor ortográfico do texto.

À André Albuquerque De Sá, pela colaboração com a tradução do resumo.

À Natália Barbosa Mateus, pela amizade e pela contribuição com os mapas.

Ao Padre Denis Divino da Silva, pela amizade e generosidade, e por nos encorajar a buscar sempre uma utopia coletiva.

À Joannes de Souza Medrado, pela amizade, por muito ter me incentivado e pelos conselhos a mim proferidos.

À Geracinda Farias da Silva Santo, pela oportunidade de sua amizade, pelos conselhos, e por sempre se fazer presente na luta por uma sociedade justa e fraterna.

À Vitoriana Ferreira Taveira e família, pela amizade, gratidão pelos ensinamentos e conselhos, por ser exemplo de bondade e generosidade com o próximo.

À Aleixa Dias da Silva e família, pela consideração e amizade, gratidão pela convivência e pelos ensinamentos, por ser exemplo de família fraterna e bondade com o próximo.

À Jorgimar Luiz do Nascimento, pela amizade e por ser exemplo de bondade com o próximo.

À Professora Gilda Maria Barbosa da Costa, por, no Ensino Médio, ter acreditado no meu potencial e me incentivado a sempre buscar o conhecimento. Gratidão por ter doado fins de semana para transmitir seus ensinamentos, que foi fundamental para que eu pudesse me enveredar na docência e na pesquisa.

À minha família por ter me encorajado a buscar sempre o melhor da vida, tios, tias, avós, mãe, irmãos e aos sobrinhos: Adrian Felipe, Arthur e Jordanna que sempre me proporcionaram alegrias.

À Benedito Moreira Neia (*in memoriam*), que se foi de forma repentina, mas deixou acesso em nossos corações o exemplo de pai, de um grande homem, exemplo de generosidade com o próximo, homem íntegro, honesto que cultivou apenas o bem por onde caminhou.

Às amigas conquistadas em anos de docência, aos do Colégio Estadual Dom Cândido Penso, em Aruanã-GO, aos da Rede Municipal de Educação de Goiás-GO, em especial aos da Escola Municipal Olimpya Angélica de Lima, que, durante anos, pude adquirir conhecimento e contribuir para o fortalecimento das relações camponesas e da Educação do Campo em Goiás.

Aos amigos, professores, colaboradores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Geografia PPGeo-UEG, que muito doaram para a efetivação do programa e vêm a cada dia se consolidando por meio de pesquisas para o fortalecimento das relações culturais, sociais e físicas do Cerrado.

Gratidão a Deus e aos Santos pelo dom da vida, pela saúde física e mental e pelas pessoas que colocaram em meu caminho, me motivando e auxiliando para que eu pudesse percorrer e chegar até aqui.



Malditas sejam todas as cercas!  
Malditas todas as propriedades privadas que  
nos privam de viver e de amar!  
Malditas sejam todas as leis, amanhadas por  
umas poucas mãos, para ampararem cercas e  
bois e fazerem da terra escrava e escravos os  
homens!

Dom Pedro Casaldáliga

## RESUMO

O período escravocrata acomodou os pretos escravizados no lugar central de reprodução do sistema colonial de exploração. Como reações à condição de escravos, iniciaram-se as revoltas e a formação das comunidades quilombolas, as quais se originaram, em sua maioria, de duas maneiras: da fuga de escravos individuais ou em grupos, e da compra de terras por negros alforriados. A pesquisa possui grande relevância ao examinar a organização da Comunidade Quilombola Água Limpa, no município de Faina-GO, enquanto grupo social, pela identidade cultural, tradição e costumes seculares dos quilombolas na manutenção e na preservação do modo de vida camponês, dos saberes e práticas sobre o Cerrado, dos rituais das Folias de São João Batista e Santos Reis preservados. O objetivo desta pesquisa foi compreender a identidade quilombola e as relações da religião e da religiosidade na manutenção do território, a partir da preservação das tradições das Folias de Santos Reis e de São João Batista, na Comunidade Quilombola Água Limpa, como estratégias de permanência no e do território. As informações e conteúdos coletados foram possíveis através dos levantamentos e leituras bibliográficas para compreender as relações e os conceitos de Comunidades Tradicionais, Comunidade Quilombola, Territorialização, Desterritorialização Reterritorialização e Manifestações Culturais Tradicionais. Nas visitas a campo, foram realizadas, entrevistas e observações, com intuito de entender a dinâmica das folias e da comunidade, documentação fotográfica, vídeos e áudios, e também foi utilizado mapa para localizar a área de estudo. Por conta das tensões impostas pelo agronegócio e a ausência de políticas públicas que lhes são de direito, entre as décadas de 1990 e 2010, houve intenso processo de desterritorialização de famílias da comunidade e reterritorialização em áreas urbanas dos municípios vizinhos, em sua maioria na cidade de Goiás. No entanto, foi estabelecida como estratégia de resistência e permanência no campo a fé nos santos, sobretudo São João Batista e nos Santos Reis, padroeiros da daquela comunidade, fator que faz com que os moradores continuem a organizar as folias todos os anos, tradição que se arrasta por gerações e possibilita a manutenção da fé entre os moradores da comunidade e dos que moram em municípios vizinhos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunidade Quilombola Água Limpa. Desterritorialização. Reterritorialização. Folia de São João Batista. Folia de Santos Reis.

## ABSTRACT

The slavery period accommodated the enslaved blacks in the central breeding place of the colonial system of exploitation. As reactions to the condition of slaves, revolts and the formation of quilombola communities began, which originated, mostly, in two ways: from the flight of individual slaves or in groups, and the purchase of land by free blacks. The research has great relevance when examining the organization of the Quilombola Água Limpa Community, in the municipality of Faina-GO, as a social group, for the cultural identity, tradition and secular customs of the quilombolas in the maintenance and preservation of the peasant way of life, of the knowledge and practices about the Cerrado, of the rituals of the Whoopees (when groups of costumed merry-makers dance through farm) of Saint John Baptist and The Three Wise Men preserved. The objective of this research was to understand the quilombola identity and the relations of religion and religiosity in the maintenance of the territory, from the preservation of the traditions of the Whoopees from The Three Wise Men and Saint John Baptist, in the Quilombola Água Limpa Community, as strategies of permanence in and of the territory. The information and contents collected were possible thanks to bibliographic surveys and readings to understand the relations and concepts of Traditional Communities, Quilombola Community, Territorialization, Deterritorialization, Reterritorialization and Traditional Cultural Manifestations. In the field visits, interviews and observations were conducted, in order to understand the dynamics of the Whoopees and the community, photographic documentation, videos and audios, and a map was also used to locate the study area. Due to the tensions imposed by agribusiness and the lack of public policies that are their right, between the 1990s and 2010, there was an intense process of desterritorialization of families of the community and reterritorialization in urban areas of neighboring municipalities, mostly in the city of Goiás. However, it was established as a strategy of resistance and permanence in the field to faith in the saints, especially Saint John Baptist and in the The Three Wise Men, patrons of that community, a factor that causes the residents to continue to organize the churches every year, tradition that drags on for generations and enables the maintenance of the faith among the residents of the community and those who live in neighboring municipalities.

**KEY WORDS:** Quilombola Community Água Limpa. Deterritorialization. Reterritorialization. Saint John Baptist Whoopees. The Three Wise Men Whoopees.

## LISTA DE FLUXOGRAMA

<b>Fluxograma 1</b>	Sobrenome das famílias tradicionais da Comunidade Quilombola Água Limpa	97
---------------------	--	----

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b>	Distribuição da população de cor ou raça preta e parda - Brasil – 2010, conforme o Censo Demográfico 2010	34
<b>Imagem 2</b>	Rosário, comumente utilizado para rezar o terço	120

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1</b>	Trajeto entre Goiás e a Comunidade Quilombola Água Limpa	21
<b>Mapa 2</b>	Localização da área de estudo	23

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1</b>	Roça do senhor Ronie Pinto Barroso	73
<b>Fotografia 2</b>	Tuia de arroz nas ruínas do casarão do senhor Francisco de Deus ( <i>in memoriam</i> )	74
<b>Fotografia 3</b>	Tuia de Feijão nas ruínas do casarão do senhor Francisco de Deus ( <i>in memoriam</i> )	74
<b>Fotografia 4</b>	Máquina de pilar arroz na propriedade da senhora Domingas Pereira Passos	75
<b>Fotografia 5</b>	Escola Municipal Água Limpa	76
<b>Fotografia 6</b>	Cemitério da Comunidade Quilombola Água Limpa	77
<b>Fotografia 7</b>	Gado destinado à produção leiteira	87
<b>Fotografia 8</b>	Produção de polvilho	88
<b>Fotografia 9</b>	Produção de hortaliças para o consumo familiar	88
<b>Fotografia 10</b>	Criação de porcos	89
<b>Fotografia 11</b>	Igreja Assembleia de Deus em Água Limpa	101
<b>Fotografia 12</b>	Manoel Pinto Barroso	111
<b>Fotografia 13</b>	Festejos da entrega da Folia de Santos Reis 2020	112
<b>Fotografia 14</b>	Pouso de folia na casa de um ex-morador da comunidade	117
<b>Fotografia 15</b>	Almoço de folia na casa da senhora Maria Bento Corrêa	122
<b>Fotografia 16</b>	Reza do terço	124
<b>Fotografia 17</b>	Mesa de Truco, momento de descontração entre os foliões	125
<b>Fotografia 18</b>	Roda de Catira entre foliões e convidados	125
<b>Fotografia 19</b>	Preparativos para o almoço da folia	126
<b>Fotografia 20</b>	Veículos utilizados para locomoção dos foliões	128
<b>Fotografia 21</b>	Chegada da bandeira da Folia de São João Batista	129
<b>Fotografia 22</b>	Oração do Pai Nosso, seguido de três Ave-Marias e Santas Marias antes do almoço	130
<b>Fotografia 23</b>	Reza do Bendito de Mesa	130
<b>Fotografia 24</b>	Altar em louvor a São João Batista	131
<b>Fotografia 25</b>	Terço em louvor a São João Batista 23 de junho de 2020	132

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Certidões emitidas pela Fundação Palmares por região	42
<b>Gráfico 2</b>	Quantitativo de comunidades remanescentes Quilombolas reconhecidas pela Fundação Palmares por região	42
<b>Gráfico 3</b>	Faixa etária da população da Comunidade Quilombola Água Limpa	71
<b>Gráfico 4</b>	Atividades desenvolvidas por cada família na Comunidade Quilombola Água Limpa	86
<b>Gráfico 5</b>	Eletrodomésticos e eletroportáteis que as famílias possuem em casa atualmente	92
<b>Gráfico 6</b>	Meios de transporte usados na Comunidade Quilombola Água Limpa	93
<b>Gráfico 7</b>	Meios de transporte usados para locomoção aos municípios vizinhos	94
<b>Gráfico 8</b>	Religião das famílias da comunidade Quilombola Água Limpa	102

## LISTA DE SIGLAS

<b>ABA</b>	Associação Brasileira de Antropologia
<b>ADCT</b>	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
<b>AQAL</b>	Associação Quilombola Água Limpa
<b>CEP/UEG</b>	Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás
<b>CONEP</b>	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
<b>CF/88</b>	Constituição Federal de 1998
<b>CRFB</b>	Constituição da República Federativa do Brasil
<b>FCP</b>	Fundação Cultural Palmares
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>INCRA</b>	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
<b>MS</b>	Ministério da Saúde
<b>PPGEO-</b>	Programa de Pós-Graduação em Geografia
<b>SUPPIR</b>	Secretaria de Governos e Assuntos Institucionais e Superintendência Estadual de Promoção da Igualdade Racial
<b>RENAC</b>	Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Recursos Naturais do Cerrado
<b>UEG</b>	Universidade Estadual de Goiás

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS CONCEITOS DAS CULTURAS E DOS TERRITÓRIOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA ÁGUA LIMPA</b>	18
<b>2 CONCEITOS DE QUILOMBO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: APLICAÇÃO À COMUNIDADE QUILOMBOLA ÁGUA LIMPA</b>	27
2.1- Povos e comunidades tradicionais: conceitos que se ajustam às comunidades quilombolas	31
2.2- Territorialização das comunidades quilombolas no Brasil	38
2.2.1- Origem da Comunidade Quilombola Água Limpa	46
2.3- Identidade quilombola: reconhecimento do território camponês	51
2.4 - Revisitando conceitos: Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização (T-D-R), para compreender a mobilidade espacial da Comunidade Água Limpa	55
<b>3 RESÍDUOS DE PRÁTICAS CULTURAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA ÁGUA LIMPA: o protagonismo dos anciãos</b>	69
3.1- Saberes tradicionais guardados e praticados pelos anciãos da Comunidade Água Limpa	70
3.1.1- Migração dos jovens da Comunidade Quilombola Água Limpa e a manutenção das relações com o lugar	83
3.2- O Cotidiano da Comunidade Quilombola Água Limpa e a identidade camponesa: importância das mulheres na produção alimentar	85
3.2.1- Metamorfoses no modo de vida dos quilombolas nas últimas três décadas e a revalorização do lugar	90
<b>4 INFLUÊNCIAS DO HIBRIDISMO CULTURAL E MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES NO LUGAR ÁGUA LIMPA</b>	95
4.1- Cultos evangélicos na comunidade que celebram as Festas dos Santos	98
4.2- As Festas de São João Batista e Santos Reis convergem católicos e evangélicos	103
4.3- Folias de Santos Reis e São João Batista na Comunidade Quilombola Água Limpa	107
4.4- Particularidades da Folia de Santos Reis da Comunidade Quilombola Água Limpa: um dia de pouso	115
4.5- Ritual de almoço e pouso da Folia de São João Batista da Comunidade Quilombola Água Limpa	129
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	133



<b>REFERÊNCIAS</b>	136
<b>APÊNDICES</b>	148
APÊNDICE A- Fontes orais	149
APÊNDICE B- Roteiro de entrevista para os (as) moradores (as) da Comunidade Quilombola Água Limpa	151
APÊNDICE C- Roteiro de entrevista para os (as) moradores (as) que mudaram da Comunidade Quilombola Água Limpa para municípios vizinhos	152
<b>ANEXOS</b>	153
ANEXO A- Parecer consubstanciado do CEP	154
ANEXO B – Certidão de Autodefinição	158

# 1 INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS CONCEITOS DAS CULTURAS E DOS TERRITÓRIOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA ÁGUA LIMPA

Tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de trocas entre pessoas, com o corpo e a consciência. As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe e faz, para quem não-sabe-e-aprende (BRANDÃO, 1998, p. 18).

Nesta pesquisa, são discutidas categorias de análises a partir do olhar da Geografia, espaço, lugar, território, com suas derivações, desterritorialização e reterritorialização, e os conceitos da Geografia Cultural, tais como identidade, saberes tradicionais, religiosidade e festas, em específico, as executadas tradicionalmente na Comunidade Quilombola Água Limpa em Faina-GO.

Esses conceitos foram de fundamental importância para compreender os motivos pelos quais a comunidade conta com 21 famílias, onde havia mais de 60, assim como as causas para o processo de desterritorialização de mais de 40 famílias nas últimas três décadas. Ao mesmo tempo, foi possível entender as práticas daquelas que optaram em permanecer na comunidade, como os casamentos entre primos, as festas e a religiosidade expressa nos cultos e, principalmente, nas Folias de Santos Reis e São João Batista. Também se considera importante o fator de as famílias terem somente três sobrenomes: Pinto Barroso, Serafim de Aguiar e Corrêa da Silva, ou seja, todos integrantes da Comunidade possuem um desses sobrenomes.

A escolha do tema se deu por ocasião da graduação. Naquele tempo, ouviam-se relatos sobre a Comunidade Quilombola Água Limpa, por um colega do curso de Geografia que residia próximo à Comunidade e sempre comentava dos festejos, das folias e dos fortes traços culturais entre os Quilombolas. A temática continuou viva em leituras e se fortaleceu em 2016, após cursar a disciplina “Sustentabilidade dos Recursos do Cerrado”, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Recursos Naturais do Cerrado RENAC-UEG, que forneceu bibliografias relacionadas ao tema e a realização de aula de campo na Comunidade Quilombola do Cedro, no município de Mineiros-GO.

Em 2019, já como aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo, em conversas com os docentes Lorraine Gomes da Silva e Edevaldo Aparecido Souza, que ministraram a disciplina “Comunidades Tradicionais do Cerrado: o saber/fazer nas relações socioculturais”, senti-me encorajado a aprofundar os conhecimentos e as pesquisas por questões culturais e, com isso surgiu a proposta de pesquisar e compreender as relações sociais e culturais da Comunidade Quilombola Água Limpa. Dessa forma, a Comunidade

Quilombola Água Limpa surge como fonte de pesquisa quanto aos aspectos sociais, culturais e pelo modo de vida e identidade ligado aos saberes e fazeres dos quilombolas acamponesados<sup>1</sup>.

A pesquisa tornou-se importante devido à organização da Comunidade Quilombola Água Limpa enquanto grupo social, pela identidade cultural, tradição, os costumes seculares dos quilombolas na manutenção e preservação do modo de vida camponês, dos saberes e práticas sobre o Cerrado, dos rituais das Folias de São João Batista e Santos Reis preservados. Mesmo diante de um enorme potencial cultural, existem poucas pesquisas científicas sobre a comunidade.

Apenas três trabalhos científicos produzidos sobre a Comunidade foram encontrados durante as pesquisas bibliográficas são: uma monografia, “A formação da Comunidade Água Limpa tem seu início no século XIX, de Neto, Arrais e Camargo (2001); uma dissertação de mestrado, “Giros e pousos, moradores e foliões: identidade territorial e mobilidade espacial na Folia de Reis da ‘comunidade negra rural’ de Água Limpa, Faina, Goiás, elaborado e defendido por Leite (2008); e um artigo científico, “A Folia de Santos Reis na comunidade negra de Água Limpa (Goiás) publicado por Simoni e Oliveira em 2015.

O desenvolvimento da pesquisa teve por objetivo compreender a identidade dos Quilombolas da Comunidade Quilombola Água Limpa e de como a religião e religiosidade são importantes práticas para a permanência no campo e a manutenção do território, a partir dos cultos da Igreja Assembleia de Deus e, sobretudo das tradicionais Folias de Santos Reis e de São João Batista. Foram discutidos ainda os processos de desterritorialização de mais de 40 famílias da comunidade e sua reterritorialização em municípios vizinhos.

O estabelecimento da problemática da pesquisa é essencial para o direcionamento da investigação. Nesse sentido Cervo e Bervian (2002, p. 85) afirmam que “desde Einstein, acredita-se que é mais importante para o desenvolvimento da ciência saber formular problemas do que encontrar soluções”. As inquietações e problemáticas que foram investigadas estão relacionadas à hibridação cultural que estes sujeitos depararam na atualidade pelos cultos evangélicos e das Folias de São João Batista e Santos Reis.

As memórias dos anciãos e do cotidiano da comunidade para entender a identidade quilombola e o reconhecimento do seu território; as causas e consequências da desterritorialização e reterritorialização de muitas famílias da comunidade para municípios vizinhos entre as décadas de 1990 a 2010; e a relevância dos saberes tradicionais no cotidiano

---

<sup>1</sup> Ato de amalgamar o modo de vida camponês aos costumes e valores éticos culturais já existentes.

dos quilombolas e a perda desses conhecimentos pelos jovens são também elementos que compuseram a investigação.

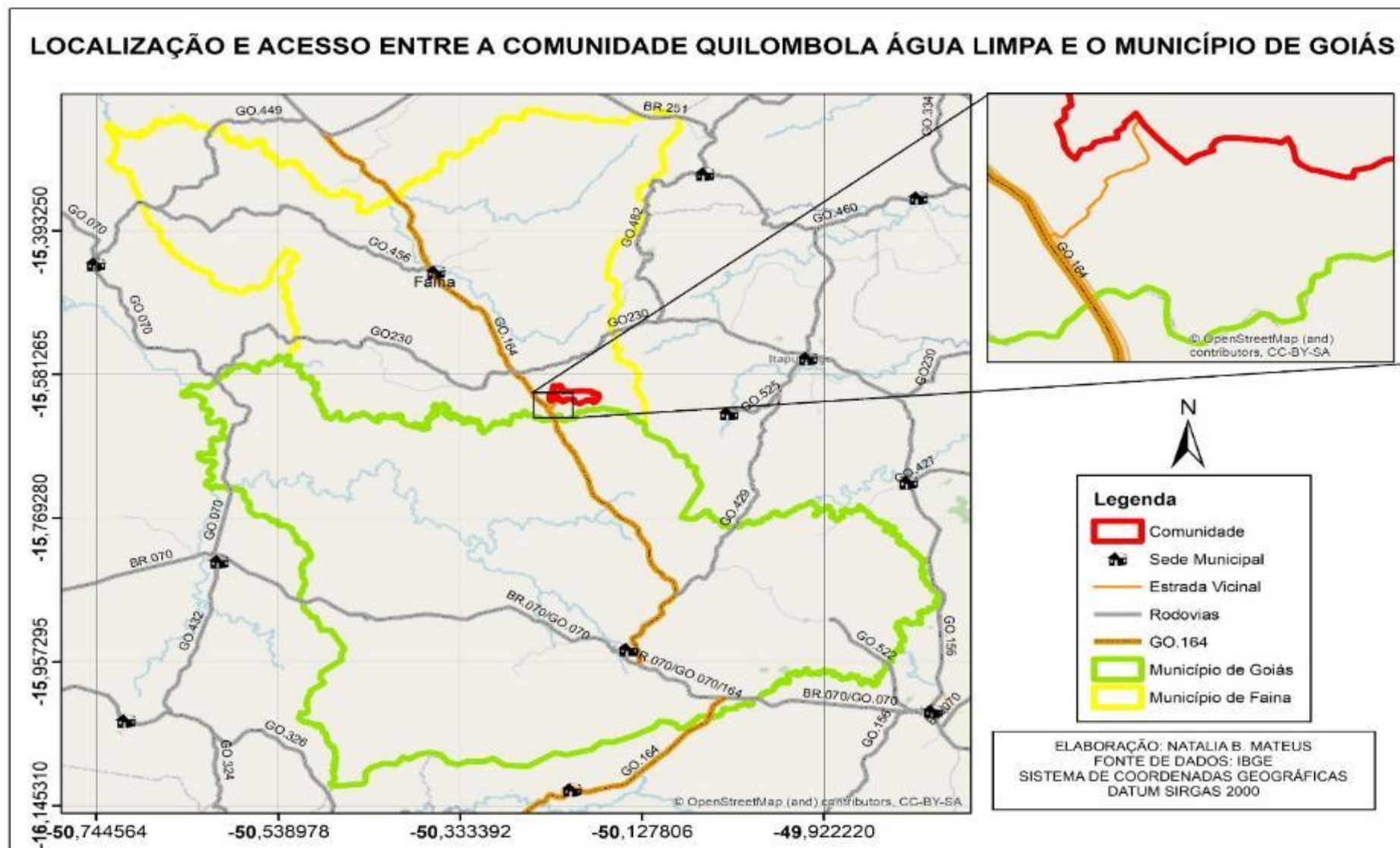
O primeiro contato com os Quilombolas para a apresentação da proposta e da permissão para a pesquisa se deu na manhã de quarta-feira, dia 15 de maio de 2019, após algumas informações superficiais sobre a localização da Comunidade Quilombola Água Limpa e a organização da visita. As informações até ali obtidas davam conta que seria próximo ao Caxambu, limite entre os municípios de Goiás e Faina.

A primeira parada em busca de informações foi no bar Garça Branca, onde se encontrava o jovem quilombola por nome Diego que relatou ser ali mesmo a entrada para a comunidade (Mapa 1). O jovem revelou que vivia com sua família na comunidade, nos quais seus pais ainda permanecem na região, que trouxe informações importantes sobre o lugar e os quilombolas. Pela sua explicação, o trajeto foi seguir pela estrada vicinal e procurar pelo presidente da associação por nome de Luiz, que poderia dar a permissão ou não para a realização da pesquisa na comunidade.

Seguindo o percurso informado, antes do destino, foi realizada visita a uma propriedade com casa simples, de pau a pique. Ao ser chamado, um senhor simpático e brincalhão, por nome de Manoel Pinto Barroso que saiu para receber. Ele concedeu mais detalhes sobre o presidente da associação e que estava à frente, por cerca de dois quilômetros, e, ao comentar sobre a intenção da pesquisa, inicialmente demonstrou espanto, mas depois disse que contribuiria no que fosse preciso.

Continuando pela estrada, chegou-se a uma igreja evangélica, e quem saiu para fazer a recepção foi o pastor e presidente da Associação Quilombola Água Limpa (AQAL), o senhor Luiz de Deus Passos. Na conversa, ele foi muito solícito e relatou os desafios e conquistas dos moradores da comunidade. Ao mencionar a pretensão da pesquisa, ele questionou os motivos da investigação e, ao ser exposto os objetivos, prontamente permitiu e se comprometeu em auxiliar no que fosse necessário, inclusive, a partir de um agendamento futuro, fazer a apresentação a toda a comunidade. A partir desse acordo, ficou decidido que seriam organizados os documentos de permissões junto ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás-CEP/UEG para o próximo encontro com os participantes da pesquisa.

Mapa 1 - Trajeto entre Goiás e a Comunidade Quilombola Água Limpa



O Quilombo Água Limpa foi reconhecido como comunidade quilombola em 2005, pela Secretaria de Governos e Assuntos Institucionais e Superintendência Estadual de Promoção da Igualdade Racial (SUPPIR). A comunidade quilombola se encontra situada no espaço rural, no sudeste do município de Faina, próximo ao limite com o município de Goiás, nas margens da GO 164 e do ribeirão Água Limpa (Mapa 2).

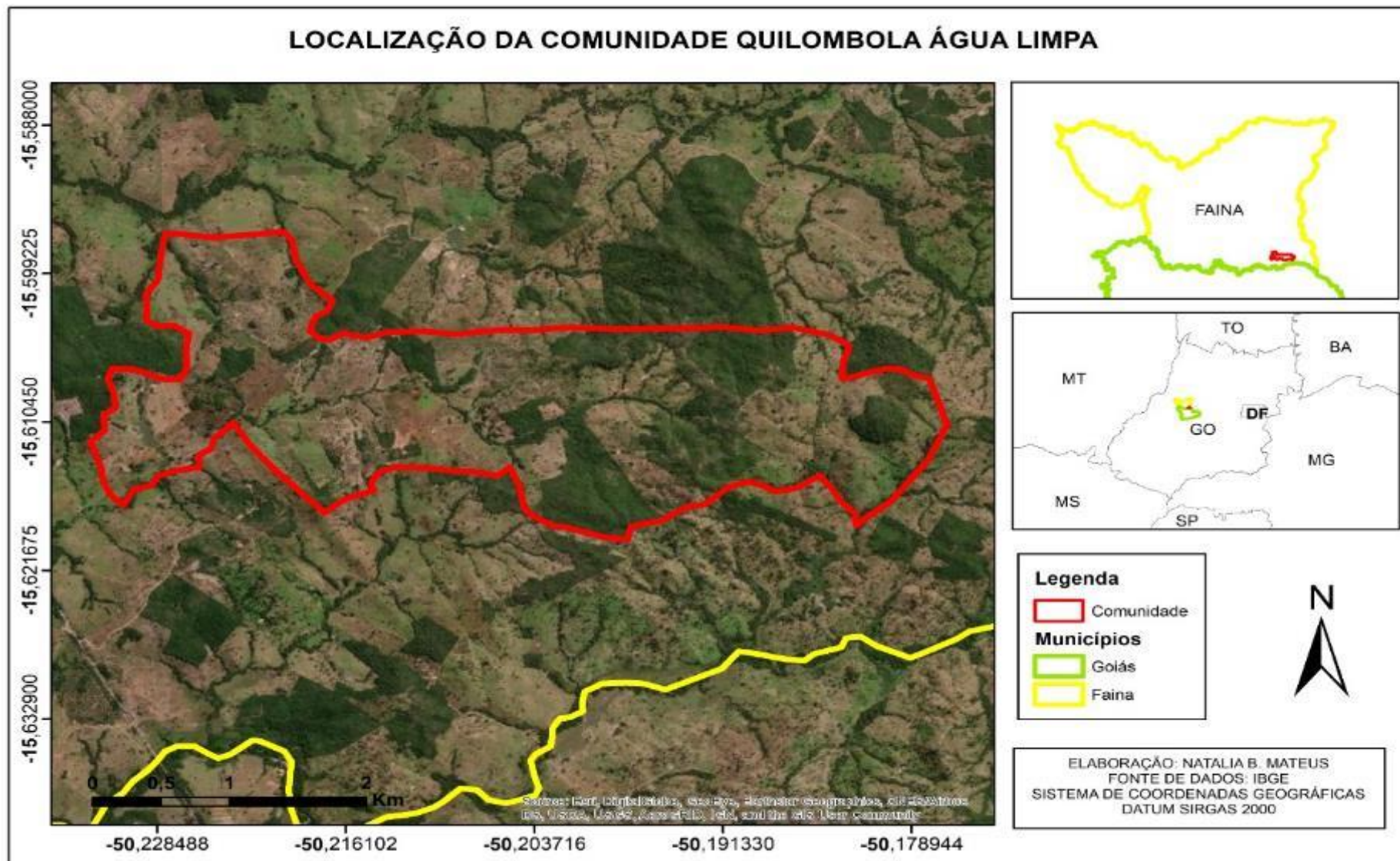
Faina se localiza a 210 km da capital Goiânia, na Mesorregião do Noroeste Goiano e na Microrregião do Rio Vermelho, com população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 7.004 habitantes (BRASIL, 2015). Limita-se com os municípios de Matrinchã, Morro Agudo de Goiás, Crixás, Goiás, Guaraíta, Itapuranga e Araguapaz.

Quanto aos procedimentos metodológicos, foram realizados levantamentos bibliográficos para entender o período de escravidão no país, o surgimento dos quilombos, a territorialização das comunidades quilombolas, remanescentes de quilombos, ou não, e a forma como constroem e organizam seus territórios. Dentre os autores que contribuem fortemente para o debate estão: Silva Filho e Lisboa (2012), Brandão (2004), Canclini (1998), Claval (1997), Hall (2006) e Haesbaert (2006).

Após o projeto de pesquisa, referente ao estudo que se esboçou, ter obtido a aprovação pelo CEP-UEG sob o número: CAAE: 22535119.0.0000.8113, sem necessidade de apreciação na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa/Ministério da Saúde-CONEP/MS, foram realizadas vinte e uma visitas a campo para conhecer e compreender as práticas e as relações existentes na comunidade, registros fotográficos das práticas culturais, dos estilos de residências e das atividades do cotidiano das famílias. Busselle (1998, p. 16) ressalta a importância dos registros fotográficos, “[...] torna-se indispensável andar de um lado para o outro, aproximar-se e afastar-se da cena, colocar-se um ponto superior e inferior a ela, a fim de observar o efeito produzido na fotografia por todas essas variações”.

Também foram efetuadas entrevistas com os anciãos e com os jovens, utilizando-se de caderneta de campo. Geertz (1989, p. 89), ressalta, “a questão da etnografia enquanto uma experiência interpretativa na qual o pesquisador não irá perceber aquilo que seus informantes percebem, mas com que, ou por meio de que, ou através de que os outros percebem”.

Mapa 2 - Localização da área de estudo



Durante os chamados giros da Folia de Santos Reis de 26 de dezembro de 2019 a 6 de janeiro de 2020, nos dias 1º e 19 de fevereiro, 13 de março e nos dias 17, 23, 25 e 27 de junho de 2020, foram realizados os registros fotográficos, as entrevistas e a caderneta de campo para entender o modo de vida quilombola e apontar se eles se reconhecem como quilombolas e/ou camponeses, e de que forma os antepassados escolheram a região para se abrigarem e reproduzirem enquanto sujeitos e grupo social. Faz-se necessário ressaltar que as entrevistas foram realizadas, em sua maioria, durante os giros das folias, e a partir de agendamento prévio em fins de semana ou às tardes, após terem terminado os afazeres.

Gostaria de agradecer a confiança e o convite do “embaixador” para participar do terço em louvor a São João Batista no dia 23 de junho de 2020 e poder registrar a manutenção da fé entre os quilombolas, haja vista que foi uma manifestação cultural restrita, com a participação somente dos quilombolas, devido ao atual surto de coronavírus. Na pesquisa, será revelado o nome dos entrevistados (as) e dos participantes que consentiram<sup>2</sup>.

A partir de levantamentos, foi possível apresentar o número exato de famílias que vivem na comunidade, a distribuição entre homens, mulheres e jovens, quantas famílias de fato residem, quantas possuem dupla moradia e as causas da saída de grande parte delas para municípios vizinhos. A pesquisa possibilitou ainda entender a relação dos sujeitos com as manifestações religiosas específicas da comunidade, os cultos evangélicos, a Folia de São João Batista e Folia de Santos Reis, registrados por fotografias, áudio e vídeo durante o acompanhamento dos giros, nos anos de 2019/2020.

O comprometimento e a receptividade das famílias e dos entrevistados favoreceu a realização da pesquisa e garantiu que se obtivesse resultado satisfatório. Foram visitadas dezoito famílias de um total de vinte e uma, três famílias não manifestaram interesse em contribuir com a pesquisa e isso foi respeitado. As principais dificuldades encontradas foram a distância da comunidade quilombola, a situação das estradas vicinais na comunidade e as datas e horários para encontrar cada entrevistado em suas residências. No entanto, estas dificuldades foram superadas com o comprometimento de cada família e entrevistado, doando algumas horas das tardes e dos fins de semanas para que fossem realizadas as entrevistas e apresentar as atividades desenvolvidas no cotidiano.

No dia 13 de março de 2020, foi organizada e realizada visita de campo na Comunidade Quilombola Água Limpa com presença do orientador e do ancião da

---

<sup>2</sup> Os entrevistados (as) e os participantes da pesquisa manifestaram interesse em serem identificados como quilombolas, por assim se reconhecerem e por considerarem uma forma de valorizar e dar visibilidade à comunidade quilombola, haja vista que o CEP-UEG deu consentimento para isso.



comunidade e embaixador das folias, sr. Joaquim Corrêa da Silva, que prontamente se dispôs a acompanhar. O intuito do campo foi de findar as entrevistas com os moradores, visitar os cemitérios já desativados da comunidade, visitar ruínas de casas de moradores que se mudaram para municípios vizinhos e apresentar o orientador da pesquisa, professor Edevaldo, ao presidente da associação, sr. Luiz. Para que pudéssemos obter os dados necessários para a pesquisa, foi de fundamental importância a colaboração do pastor da Igreja Evangélica Água Limpa e presidente da Associação Quilombola Água Limpa Luiz de Deus Passos, o ancião e embaixador das folias Joaquim Corrêa da Silva, encarregados das folias José Corrêa da Silva e Ismael Corrêa da Silva, anciã e moradora da comunidade Maria Benta Corrêa, ancião e morador Manoel Pinto Barroso, que faleceu dia 30 de dezembro de 2019 e o morador Ronie Pinto Barroso. Para Sobral e Alketa (2008, p. 216), liderança é “o processo social de dirigir e influenciar o comportamento dos membros da organização, levando-os à realização de determinados objetivos”.

A dissertação está estruturada em três seções; cada uma foi subdividida em subtítulos para melhor apresentar a produção textual, além da Introdução e Considerações Finais. Na primeira seção, estão apresentados conceitos de comunidades tradicionais, a territorialização das comunidades tradicionais no país e as narrativas do surgimento e localização da Comunidade Quilombola Água Limpa, elementos das identidades camponesas em comunidades quilombolas, por fim ainda revisitamos os conceitos de Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização para compreendermos os motivos da desterritorialização de várias famílias da comunidade e a sua reterritorialização em municípios vizinhos, no período de 1990 a 2010. Para a elaboração dessa seção, utilizamos matrizes teóricas que foram fundamentais para a validação científica das discussões apresentadas.

A segunda seção aborda, a partir das entrevistas e embasamento teórico, as memórias dos anciãos da Comunidade Quilombola Água Limpa, os conhecimentos tradicionais praticados e guardados pelos anciãos da comunidade, causas e consequências, as ausências desses conhecimentos pelos jovens da comunidade, a presença de elementos da identidade camponesa.

Para a terceira seção, também com embasamento teórico e entrevistas, foram apresentados o hibridismo cultural e a manutenção, reelaborações e adaptações das tradições na Comunidade Quilombola Água Limpa, a chegada, no final da década de 1960, do protestantismo e sua relação com a comunidade, assim como os festejos das Folias de São João Batista e Santos Reis, cujo percurso tem saída no espaço urbano, em Goiás, e o

encerramento se dá na Comunidade Quilombola Água Limpa, no qual convergem católicos e evangélicos.

## 2 CONCEITOS DE QUILOMBO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: APLICAÇÃO À COMUNIDADE QUILOMBOLA ÁGUA LIMPA

### NEGROS

Negros que escravizam  
e vendem negros na África  
não são meus irmãos

negros senhores na América  
a serviço do capital  
não são meus irmãos

negros opressores  
em qualquer parte do mundo  
não são meus irmãos

Só os negros oprimidos  
escravizados  
em luta por liberdade  
são meus irmãos

Para estes tenho um poema  
grande como o Nilo.

(TRINDADE, 1961, p. 38)

Os africanos pretos e pretas escravizados trazidos ao Brasil nunca aceitaram a escravidão, sempre resistiram e lutaram para romper com essa situação. Uma das maneiras de romper com essa opressão foram às fugas individuais ou em grupos, formando diversas comunidades quilombolas em todo o país. Estes espaços representam uma sociedade que preserva enorme riqueza cultural de matrizes africanas, mas que também acolheram brancos, indígenas e mestiços, também fugitivos ou por serem contra o trabalho escravo nas grandes fazendas.

Buscando a definição para o termo “Quilombo”, Calheiros e Stadtler (2010) citam que:

Intui-se que os negros escravizados na África trouxeram o vocábulo “quilombo” para as Américas, onde assumiu novos sentidos em diferentes épocas e nas diversas regiões. No Brasil, o termo foi originalmente utilizado para designar um espaço e um movimento de resistência ao sistema escravocrata, composto predominantemente por negros e negras que fugiram e formaram núcleos paralelos de poder, produção e organização social. Agregando indígenas e brancos desertores, o quilombo [...] foi a expressão mais radical de ruptura com o sistema brasileiro latifundiário e escravista. [Neste sentido] se a instituição legal da escravidão marcou o início da organização quilombola no país, não se pode, entretanto, imaginar que a sua

proibição pôs fim aos quilombos. Mesmo quando escravizar tornou-se ilegal, as práticas opressoras continuaram se reproduzindo contra a população negra e daí a manutenção da sua resistência (CALHEIROS; STADTLER, 2010, p. 135-136).

Também sobre quilombos Gomes, (2015, p. 20) pondera que, “no Brasil ao contrário de outras áreas escravistas nas Américas, as comunidades de fugitivos se proliferaram como em nenhum outro lugar, exatamente por sua capacidade de articulação com as lógicas econômicas das regiões onde se estabeleceram”. Nessa mesma perspectiva, Arruti (2009, p. 66) nessa mesma perspectiva, na atualidade, “a produção de novos sujeitos políticos, etnicamente diferenciados pelo termo ‘quilombola’ tem início depois da ampla tomada de conhecimento dos novos direitos instituídos pelo ‘artigo 68’ (Ato dos Dispositivos Constitucionais Transitórios/Constituição de 1988)”. Após a promulgação da Constituição Federal de 1988 (CF/88) inúmeras Comunidades Quilombolas entraram com processo de reconhecimento para que fossem assegurados, dentre vários direitos, o acesso ao título e à propriedade definitiva das terras. O mesmo autor acrescenta que a CF/88 “reconhece aos ‘remanescentes das comunidades de quilombo’, a ‘propriedade definitiva’ das terras ‘que estejam ocupando’, assim como a obrigação do Estado em ‘emitir-lhes os títulos respectivos’” (ARRUTI, 2009, p. 66).

Buscando o entendimento do que seja comunidade quilombola, percebe-se que isso é complexo, pois, como afirma Figueiredo (2011, p. 42), na Carta Magna de 1988, não foram organizadas as demandas que favoreçam o entendimento, “ao contrário de outros grupos cujos direitos foram garantidos na Constituição de 1988, as comunidades quilombolas, entendidas aqui como grupos étnicos de ancestralidade negra, [...] não haviam organizado suas demandas no plano nacional antes da Constituição de 1988”. O mesmo autor continua sinalizando que:

As lutas em torno dos direitos das comunidades negras rurais são formuladas, via de regra, em um campo caracterizado pela liminaridade: por um lado, tais direitos são afirmados em torno da terra, entendida como meio de produção e reprodução dos grupos; por outro, trata-se do reconhecimento de uma identidade coletiva própria e particular, traduzida no campo jurídico-político pelo termo remanescentes de quilombo, identidade racializada e historicamente referida (FIGUEIREDO, 2011, p. 26).

Ao referirmos sobre comunidades, Weber (1991, p. 275) esclarece que, “o conceito de comunidade ‘étnica’ que logo se volatiliza na formação de conceitos exatos, corresponde nesse aspecto, até certo grau, a outro para nós mais carregado de sensações emotivas”. Segundo Barth (2000, p. 27), “grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras

empregadas pelos próprios atores, conseqüentemente, tem como características organizar as interações entre as pessoas”. O mesmo autor continua expondo que:

[...] torna-se claro que as fronteiras étnicas permanecem apesar dos fluxos de pessoas que as atravessam. Em outras palavras, as distinções entre categorias étnicas não dependem de ausência de mobilidade, contato e informação, mas implicam efetivamente processos de exclusão e de incorporação, através dos quais, apesar das mudanças de participação e pertencimento ao longo das histórias de vida individuais, essas distinções são mantidas. (BARTH, 2000. p. 27).

Também sobre a ausência do entendimento na CF/88 sobre comunidades tradicionais, Figueiredo (2011, p. 18) aponta que, “considerando que o dispositivo constitucional não explicita os critérios para a definição do que seja ‘remanescente das comunidades de quilombos’, ou para a definição das terras a que tais grupos têm direito, como operar sua aplicação?”

Se a princípio, a categoria ‘remanescente de quilombo’ evocava o sentido de quilombo histórico de ‘quilombo’ como comunidade de negros fugidos à época da escravidão, o processo de interpretação do dispositivo constitucional, por outro lado, não tardaria a operar a sua tradução para outra categoria, a de ‘Comunidade negra rural’, a partir da mediação do conceito antropológico de grupo étnico (FIGUEIREDO, 2011, p. 18).

Diante disso, se faz importante ressaltar que as disposições da CF/88, que assegura o direito à titulação das terras ocupadas aos quilombolas, “as chamadas ‘terras de pretos’, ‘comunidades negras rurais’, ‘remanescentes das comunidades de quilombolas’, são variações que comprovam não haver consenso quanto à questão quilombola e são usadas nas mais variadas formas” (BRASIL, 1988).

Pelo exemplo de Palmares, temos não apenas o confronto pelo direito à liberdade, mas principalmente a oposição ao sistema político, econômico e religioso vigente. Fica nítido que grande parte das terras ocupadas por estes quilombolas estavam isoladas e seus moradores partilham suas vivências cotidianas.

Silva Filho e Lisboa (2012) fizeram importantes considerações sobre o surgimento e os processos de estruturação das comunidades quilombolas no país e as diversas formas de resistências, na obra *Quilombolas, Resistência, História e Cultura*, que, no contexto histórico contribuiu para a formação da sociedade brasileira e,

Fundamentou-se em encontros desiguais, envolvendo dominação, conflitos e trocas culturais. Para torná-la produtiva, prevaleceu o uso da mão de obra indígena e africana como força de trabalho. Os africanos foram importados

em número superior a quatro milhões até a segunda metade do século XIX. Por mais de três séculos, africanos e seus descendentes estiveram presentes em atividades produtivas e de prestação de serviço na condição de escravos ou libertos (SILVA FILHO; LISBOA, 2012, p. 6).

Quanto ao processo de resistência contra a escravidão, os autores continuam evidenciando que, “[...] algumas das formas de reação contra o poder e a opressão dos senhores eram: fazer corpo mole no trabalho, quebrar ferramentas, incendiar plantações, rebelar-se individual e coletivamente contra os senhores e feitores e a negociação de espaços de autonomia” Silva Filho; Lisboa, (2012, p. 6).

A resistência mais singular, porém, contra a condição de serem escravizados foi à fuga individual e em grupos. Assim, as articulações mais variadas eram tramadas para fugir e formar comunidades de resistência. Essas comunidades, ao contrário do que muito se interpretou, não formavam ilhas de rebeldia, mas perpetuaram pela interação e formação de redes de relacionamento de parentesco, a amizade com negros livres e cativos, com determinados grupos indígenas e até mesmo com alguns senhores e donos de vendas, com quem negociavam alimentos, armas, munição e outros produtos. Esses acampamentos ficaram conhecidos como quilombos e se espalharam pelo Brasil, tornando-se núcleos socioculturais em múltiplas localidades em busca de segurança, relação de igualdade, de liberdade e de acesso à terra (SILVA FILHO; LISBOA, 2012, p. 7).

Após a abolição da escravidão, na última década do século XIX, “os quilombos continuaram existindo e, devido à permanência das desigualdades sociais fundamentadas em níveis de riqueza, eles se encontravam distantes das propostas de políticas de integração social e econômica”. (Silva Filho; Lisboa, 2012, p. 7).

Em 2020, as comunidades quilombolas em todo Brasil vivem em um contexto de desigualdade socioeconômica, ausência de políticas públicas, projetos e investimentos mínimos para a produção e reprodução da vida. É sabido que os direitos que lhes são assegurados pela Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB), promulgada em 1988, não tem garantido a dignidade e autonomia desses sujeitos por seus territórios e modos de vida. Retrato disso está na titulação das terras pertencentes às comunidades, no qual geralmente os processos de reconhecimento das comunidades se esbarram em diversos conflitos com a demarcação das terras, por interesses econômicos e fundiários, em comunidades quilombolas urbanas e rurais.

Muitas lideranças quilombolas em processo de reconhecimento e demarcação de suas terras apresentam críticas ao papel do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e da Fundação Cultural Palmares (FCP) por burocratizarem o acesso às documentações e dificultarem o acesso às políticas públicas que lhes são asseguradas.

## **2.1 Povos e comunidades tradicionais: conceitos que se ajustam às comunidades quilombolas**

Com relação aos povos e comunidades tradicionais, o artigo da Constituição Federal de 1988 teve como objetivo o reconhecimento e a manutenção dos direitos dos sujeitos pertencentes aos diversos grupos tradicionais do país. Antes da CF/88, os povos e comunidades tradicionais estavam invisibilizados do ponto de vista social e jurídico no país. A Carta Magna expressa que "Povos e Comunidades Tradicionais são grupos que possuem culturas diferentes da cultura predominante na sociedade e se reconhecem como tal" (BRASIL, 1988). Molinaro e Dantas (2013) acrescentam que os direitos culturais e a integridade dos povos e comunidades, sejam de forma individual ou coletiva, devem ser garantidos.

Como direito individual se firma na característica que cada ser humano, tomado individualmente, tem direito a desfrutar e desenvolver sua vida cultural no interior do grupo social a que pertence, assim, este direito de titularidade individual é suficiente para respeitar e proteger a diversidade cultural e a integridade dos grupos sociais interconectados na vida nacional. Como direitos coletivos os direitos culturais se dirigem a titularidade coletiva das características imprescindíveis para a preservação da identidade e integridade dos grupos minoritários ou não hegemônicos, aparecem com intensidade nas comunidades quilombolas, nas tradicionais e nos povos indígenas [...]. Nesse sentido, os direitos culturais das populações etnicamente diferenciadas que integram e colaboram para a construção da identidade nacional [...]. O histórico ocultamento e invisibilidade dos povos indígenas, dos negros e de grupos formadores do tecido social brasileiro sempre estiveram vinculados aos seus diferenciados modos de ser, pensar e de agir. (MOLINARO; DANTAS, 2013, p. 1983).

Os estudos sobre povos e comunidades tradicionais no país se intensificaram nas últimas duas décadas, entretanto, esse conceito ainda é bem recente, e diversos autores trazem várias definições:

Há uma série de dificuldades em definir o conceito "comunidades tradicionais". Primeiro, o uso do conceito é recente – já que data das últimas duas décadas – e não se consolidou ainda num significado único. Segundo, o conteúdo do conceito varia de acordo com as diferentes perspectivas sociais utilizadas para definir o conceito. Não existe uma definição "correta" do conceito porque cada definição vai incorporar os interesses de grupos sociais específicos na sua delimitação. Para tanto, a definição e delimitação do conceito é simultaneamente um problema técnico e uma questão política. (LITTLE, 2006, p. 5).

No Brasil, existe um grande número de povos e comunidades tradicionais devido à existência de vários grupos étnicos e dos encontros culturais, em função da miscigenação e do vasto território que atribui identidade a cada povo. Nas palavras de Little (2002, p. 2), “a imensa diversidade sociocultural do Brasil é acompanhada de uma extraordinária diversidade fundiária”. A partir da criação, em 2005, e das pressões do Comitê de Povos e Comunidades Tradicionais, foi concebido, pelo Decreto 6040/2007, o conceito de povos e comunidades tradicionais:

Povos e Comunidades Tradicionais – grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (Decreto 6040/2007).

Bergold e Souza Filho (2013) descrevem que, os povos e comunidades tradicionais mais conhecidos são: Caboclos, Caiçaras, Extrativistas, Indígenas, Camponeses, Jangadeiros, Quilombolas, Ribeirinhos, Seringueiros, Quebradeiras de Coco Babaçu, Faxinalenses, Comunidades de Fundos de Pasto, Pomeranos, Ciganos, Geraizeiros, Vazanteiros, Piaçabeiros, Pescadores artesanais, Pantaneiros, Afro-religiosos e demais sujeitos sociais emergentes, cujas identidades coletivas se fundamentam em direitos territoriais e numa autoconsciência cultural.

Nesse sentido, Brandão (2010) assevera que comunidade tradicional:

[...] constitui-se como um grupo social local que desenvolve: a) dinâmicas temporais de vinculação a um espaço físico que se torna território coletivo pela transformação da natureza por meio do trabalho de seus fundadores que nele se instalaram; b) saber peculiar, resultante das múltiplas formas de relações integradas à natureza, constituído por conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição ou pela interface com as dinâmicas da sociedade envolvente; c) uma relativa autonomia para a reprodução de seus membros e da coletividade como uma totalidade social articulada com o “mundo de fora”, ainda que quase invisíveis; d) o reconhecimento de si como uma comunidade presente herdeira de nomes, tradições, lugares socializados, direitos de posse e proveito de um território ancestral; e) a atualização pela memória da historicidade de lutas e de resistências no passado e no presente para permanecerem no território ancestral; f) a experiência da vida em um território cercado e/ou ameaçado; g) estratégias atuais de acesso a direitos, a mercados de bens menos periféricos e à conservação ambiental. (BRANDÃO, 2010, p. 37).

Estes povos se organizam de forma distinta, ocupar e usar territórios e recursos naturais para manter sua cultura, tanto no que diz respeito à organização social quanto à



religião, economia e ancestralidade. Rinaldo Arruda (1999) discorre que povos tradicionais são aqueles que:

Apresentam um modelo de ocupação do espaço e uso dos recursos naturais voltados principalmente para a subsistência, com fraca articulação com o mercado, baseado em uso intensivo de mão de obra familiar, tecnologias de baixo impacto derivadas de conhecimentos patrimoniais e, normalmente, de base sustentável [...]. Em geral ocupam a região há muito tempo e não têm registro legal da propriedade privada individual da terra, definindo apenas o local de moradia como parcela individual, sendo o restante do território encarado como área de utilização comunitária, com seu uso regulamentado pelo costume e por normas compartilhadas internamente. (ARRUDA, 1999, p. 79-80).

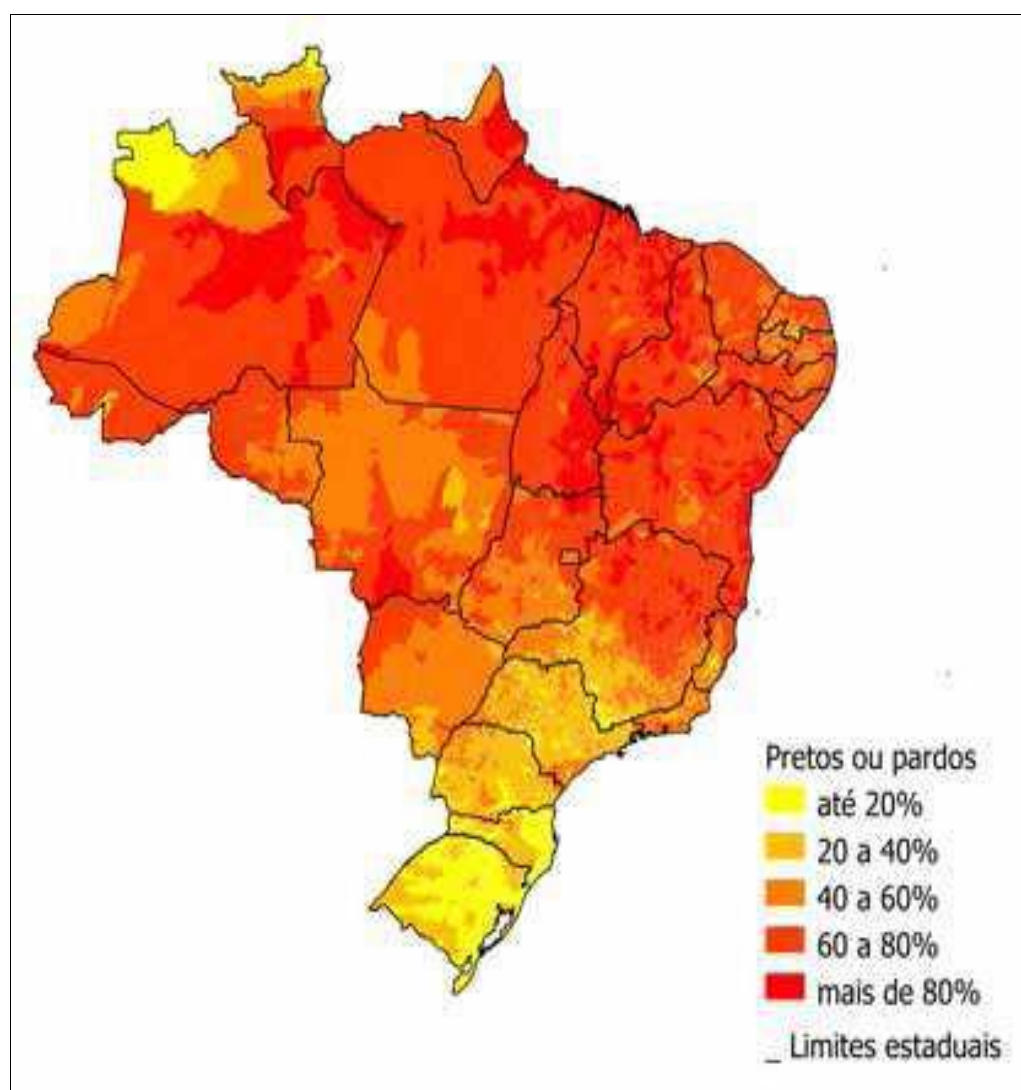
Sobre o processo de invisibilidade que os povos e comunidades tradicionais vêm enfrentando desde antes da Constituição de 1988, Costa (2011, p. 234), esclarece que “há diversas amarras que os mantiveram invisíveis aos olhos do Estado e da Sociedade Nacional que necessitam ser desarticuladas para emergirem no campo político de produção de suas legitimidades como portadores efetivos de tal direito”. O mesmo autor continua afirmando que “[...] a assunção dos mesmos à condição de tradicionalidade se deve à contribuição dos mesmos para a construção da nacionalidade brasileira, considerada, a partir daí, como multiétnica e multicultural”, Costa (2011, p. 234).

Percebe-se, assim, que existe invisibilidade nas políticas públicas e desprezo à cultura e à identidade dos quilombolas da Comunidade Água Limpa, haja vista que a comunidade nunca foi incluída em nenhum projeto social ou programa de governo que assegurasse a manutenção da identidade ou cultura da comunidade e dos sujeitos. Para Costa (2011, p. 234), “cada povo ou cada comunidade para ser considerada tradicional e ser efetivamente partícipe do direito de que são detentores necessita produzir-se culturalmente como tal e afirmarem sua territorialidade que fundamenta o sentido de pertencimento ao sujeito coletivo de que são constitutivos”.

Após a chegada dos colonizadores, houve um longo processo de devastação social e cultural, que exterminou vários grupos e inúmeras etnias indígenas que não se renderam ao trabalho forçado, principalmente no rompimento histórico entre os indígenas e seus territórios. Com a resistência indígena, os portugueses trouxeram pretos africanos para o trabalho escravo em diversos setores. As territorializações das comunidades quilombolas são decorrentes dos territórios dos quilombos que se formaram com as fugas de escravos em grupos ou individual e pela compra de terras por pretos alforriados.

A partir da introdução de milhares de pessoas africanas, o Brasil tornou-se um país miscigenado com indígenas, pretos escravizados trazidos da África, e europeus, promovendo a mestiçagem da população brasileira, formando a identidade nacional com diferentes sotaques, diversidade étnica, linguística e religiosa contribuindo também para a efetivação das classes sociais no país, a partir da cor da pele e características faciais. Ao analisar os últimos censos demográficos, percebe-se o crescimento da população parda e preta<sup>3</sup>, de acordo com a imagem 1, elaborada pelo IBGE, a partir do último senso, por regiões brasileiras.

**Imagem 1** - Distribuição da população de cor ou raça preta e parda - Brasil – 2010, conforme o Censo Demográfico 2010



Fonte: IBGE, 2010.

<sup>3</sup> Noventa e sete milhões 50,7% da população brasileira. (IBGE, Censo 2010).

Ao analisar a imagem, percebe-se que nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste existe um percentual maior de pessoas pretas e pardas, sendo inferior nas regiões Sul e Sudeste. Grande parte dessa população brasileira vive de forma vulnerável aos diversos problemas sociais seja em áreas urbanas periféricas ou em áreas rurais.

Destaca-se uma menor proporção de pessoas que se declaram brancas e uma maior proporção das pessoas que se declaram como pretas ou pardas. Esse conjunto passou de 44,7% da população; em 2000; para 50,7%, em 2010. Entre as hipóteses para explicar tal dinâmica, pode-se destacar uma valorização da identidade afrodescendente. [...] Dos nossos 190 milhões de habitantes, 91 milhões se classificaram como brancos (47,7%), 15 milhões como pretos (7,6%), 82 milhões como pardos (43,1%), 2 milhões como amarelos (1,14%), e 817 mil como indígenas (0,4%) no Censo de 2010. (IBGE, Censo 2010).

O último censo também estabelece que a população preta e parda venha crescendo de forma rápida no país, sobretudo nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste. Lopes (2005, p. 23) considera que “o nascer é mais difícil para os filhos de mães negras, da mesma forma que viver também se apresenta como um grande desafio”. O crescimento da população preta e parda está ligado aos processos de reconhecimento e certificação das comunidades quilombolas pelo país, sobretudo nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, que desde os anos 2000 vêm aumentando significativamente.

Os povos indígenas, por influência europeia, tiveram grande parte da população e de suas identidades ceifadas. Canclini (1999, p. 163) define a identidade como “uma construção que se narra. Estabelecem-se acontecimentos fundadores, quase sempre relacionados à apropriação de um território por um povo ou à independência obtida através do enfrentamento dos estrangeiros”. Sobre as influências externas que os povos indígenas foram submetidos, Hall (1999) afirma: “à medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural”. Hall (1999, p. 74).

O convívio social dos sujeitos traz fortes influências para a suas vidas, os indígenas também tiveram e ainda têm sua identidade transformada de acordo com o convívio social. No entanto, a partir da luta e resistência contra as invasões de seus territórios, por longo período de tempo, conseguiram preservar parte dos seus costumes. Brandão (1990) afirma que:

Os acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem de si mesma, uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com outros: a mãe, os pais, a

família, a parentela, os amigos de infância e as sucessivas ampliações de outros círculos de outros: outros sujeitos investidos de seus sentimentos, outras pessoas investidas de seus nomes, posições e regras sociais de atuação (BRANDÃO, 1990, p. 37).

A escravidão alojou esses povos no lugar central de reprodução do sistema colonial de exploração, como reações à situação de escravizados, surgiram as revoltas e as comunidades pretas quilombolas, as quais em sua maioria, se deram de duas maneiras: da fuga de escravos individual e em grupos, e da compra de terras por pretos alforriados.

Com relação à origem da Comunidade Água Limpa, os quilombolas defendem que a comunidade surgiu quando a família Camargo, dona da fazenda Caxambu, adquiriram uma grande quantidade de escravos das minas de Goiás.

Em entrevista, o presidente da Associação Quilombola e morador da Comunidade, Luiz de Deus Passos<sup>4</sup>, relata que a Comunidade Quilombola Água Limpa surgiu “com um grande fazendeiro da família Camargo, dono da fazenda Caxambu compro um tanto razoável de escravo das minas de Goiás que, naquela época estava acabano o garimpo. Isso era o que meus avôs contava”<sup>5</sup>.

Nesse contexto, a Comunidade Quilombola Água Limpa atravessou por várias décadas mantendo diversos costumes ligados à cultura indígena e camponesa. Dentre esses estão: o período certo para os plantios das roças; as colheitas; as Folias de São João Batista e Santos Reis; e as rezas dos terços no dia de cada santo. Freitas (1982) apresenta como eram as atividades agrícolas dos pretos ainda no tempo da escravidão:

Os escravos plantavam milho, feijão, mandioca, cana-de-açúcar, batata, legumes. Duas semanas antes do plantio preparavam o terreno com grandes queimadas. A preparação das terras, a semeadura e a colheita era realizada de maneira coletiva. Celebravam o término da colheita com uma semana inteira de festejos em que todos folgavam, dançavam, comiam e bebiam. Mantinham muitos pomares com uma variedade de árvores frutíferas. (FREITAS, 1982, p. 45).

Os anciãos da Comunidade Água Limpa foram fundamentais para que os costumes fossem mantidos por décadas e séculos. Quando os quilombolas chegaram às margens do ribeirão Água Limpa, onde se estabeleceram, as atividades agrícolas eram em pequenas escalas, basicamente para a economia de consumo, como afirma em entrevista o senhor Luiz de Deus Passos “os mais antigo daqui sempre contou que quando tudo começo plantava muito

---

<sup>4</sup> Luiz de Deus Passos, Presidente da Associação Quilombola Água Limpa.

<sup>5</sup> Entrevista concedida no dia 19 de fevereiro de 2020, pelo pastor da comunidade e presidente da Associação Quilombola Água Limpa: Luiz de Deus Passos.

pouco, o que plantava era só pra comê no dia a dia”<sup>6</sup>. As atividades agrícolas na Comunidade Água Limpa se intensificaram, as famílias utilizaram o emprego de ferramentas e técnicas para que se pudesse produzir quantidades maiores de alimentos. Houve um declínio na produção de alimentos após 2010, pelo processo de desterritorialização de várias famílias da comunidade para as áreas urbanas de municípios vizinhos, como continua afirmando em entrevista o senhor Luiz de Deus Passos: “antigamente as famílias sempre plantô muitas roça, planta pra comê e pra vendê ou trocá em outro tipo de alimento com os vizinho. Isso facilitou com a ajuda de matraca e outras ferramenta. Mas de uns dez anos pra cá planta poucas roças por que muitos mudô daqui”<sup>7</sup>.

Outras expressões da cultura mais recente também estão preservadas, como as folias presentes na comunidade, que exemplificam os costumes e a manutenção das tradições atuais na comunidade, sempre passadas de geração para geração. “[...] o que aproxima as comunidades indígenas, quilombolas, e as ainda existentes (e cada vez mais raras) comunidades regionais tradicionais camponesas semi-isoladas, é o fato de que entre elas o tempo ainda é mais ‘comida’ do que ‘dinheiro’”. (BRANDÃO, 2009, p. 43).

A manutenção e a realização das Folias de São João Batista e de Santos Reis nas últimas três décadas foram de fundamental importância para a permanência de grande parte da cultura e tradição quilombola na Comunidade. Pereira (2001, p.87) aponta que: "Uma das grandes apostas para o próximo milênio será tornar as pessoas mais resilientes e prepará-las para uma certa invulnerabilidade que lhes permita resistir a situações adversas que a vida proporciona...". A identidade entre os povos e comunidades pretas se estabelece pela junção de práticas culturais, haja vista que os processos identitários de uma comunidade são múltiplos e fragmentados com características locais. Hall (2011, p. 108) expõe que “as identidades são sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”.

As famílias que optaram por permanecer na Comunidade Água Limpa exemplificam isso, ao entenderem que a qualidade de vida que necessitam está no modo de vida que possuem na Comunidade, não em centros urbanos. Os modos de vida e as características de comunidade são construídos historicamente pelos sujeitos e, por isso, é importante compreender os conceitos de comunidades quilombolas, apresentados a seguir.

---

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Entrevista concedida no dia 19 de fevereiro de 2020, pelo pastor da comunidade e presidente da Associação Quilombola Água Limpa: Luiz de Deus Passos.

## 2.2 Territorialização das comunidades quilombolas no Brasil

Durante a escravidão os pretos, serviram como força de trabalho em diversos seguimentos, que variou da mineração aos trabalhos nas fazendas, com no cultivo de café, cana-de-açúcar e nos trabalhos domésticos. Mattoso (1982) relata a ascendência dos escravos durante o período da escravidão e após a abolição da escravatura.

Graça ao seu jeito de saber viver, o escravo empenha-se em apressar a passagem que leva ao passado mítico, perdido, através do presente difícil, a um futuro de liberdade idealizado. No dia-a-dia, o jeito permite, pois ligar passado e futuro são o saber sobreviver. Ele é que libera tesouros imagináveis, riqueza da vida escrava. Comprado, vendido, mandado, o escravo sabe preservar sua parcela de autonomia, de humor, de ternura e de sonho. (MATTOSO, 1982, p. 174-175).

Após a abolição da escravatura, criou-se uma imagem desestimada dos pretos libertos, no sentido de que eram considerados diferentes no contexto social e cultural, “o ‘outro’ é aquele que é estranho, diferente não apenas na aparência, mas também nos valores, crenças, estilo de vida e posição social”. (AZERÊDO, 1987, p. 27).

A escravidão no Brasil foi intensa e duradoura, iniciando pela forma mais antiga no país com os indígenas. O litoral brasileiro era repleto de povos indígenas, fator que facilitou o primeiro processo de escravidão no Brasil. Período curto, devido à dificuldade em capturá-los, ao porte físico e às poucas habilidades para o trabalho escravo fez com que buscassem africanos para escravizá-los. Gutierrez (1987, p. 12) “acredita que a ‘docilidade’ dos Guarani os tornavam objetos da cobiça dos ‘encomenderos’, e a escravização de índios foi proibida pelo Marquês de Pombal, pois eram considerados pouco aptos ao trabalho escravo”. Os escravizadores optaram por trazer pretos africanos escravizados, não apenas pela força de trabalho, mas também pelos lucros que o tráfico oferecia aos escravizadores, tornando essa atividade intensa e lucrativa.

Relatos dão conta de que os primeiros escravos chegaram ao Brasil entre 1539 e 1542, e esse sistema de escravidão perdurou por mais de 300 anos. Os africanos, escravizados, foram retirados à força do seu espaço vivido, do seu território, da sua família, dos seus valores espirituais, da sua cultura, para servirem de força de trabalho, principalmente na produção de açúcar, na primeira metade do século XVI. Trabalhavam em todas as etapas da produção do açúcar, desde o plantio até a fabricação do açúcar nos engenhos, posteriormente na mineração, trabalho doméstico, em lavouras de café e cacau e em outras atividades diversas.

Sobre o regime de trabalho escravo, Brandão (2009) afirma que:

Branco e negro de Goiás compartilham a experiência de viver juntos 250 anos reproduzindo vidas e produzindo ouro, gado e cereais, entre o labor e o trabalho. Durante este período, redefiniram-se algumas vezes como tipos étnicos e como produtores locais. Mais de uma vez precisava rever, em suas versões ideológicas, boa parte do que se refere à posição e relações tanto entre negros e brancos quanto entre empregados e patrões, quando se transformaram de mineiros (branco senhor) e mineradores (preto escravo) em criadores (branco e patrão) e peões (brancos e negros, empregados). (BRANDÃO, 2009, p. 23).

O período de escravidão nas minas de Goiás foi curto, se considerarmos todo o processo de mineração, mas foi intenso na Cidade de Goiás, pois além das minas os escravos também trabalharam na construção da cidade e vilarejos, muros para dividir propriedades e em diversos prédios na época. Dentre estes estão a Catedral de Santana, a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, o Palácio do Governador, mais conhecido como Palácio do Conde dos Arcos, o Quartel do XX, a Casa de Fundação, as ruas do centro histórico calçadas com pedra, a Casa de Câmara e a Cadeia que, em 1949, foi transformada no atual Museu das Bandeiras, passou por adequações e foi aberto ao público em 1954. Ao visitar a cidade de Goiás, com seus prédios e monumentos, percebe-se a vida dura que os escravos enfrentaram, não só na construção da cidade, prédios e monumentos, mas em todo o processo escravista.

Nessa perspectiva, Palacin (2008) apresenta algumas das condições de vidas precarizadas e os males ocorridos no garimpo: “esgotamento, má alimentação (quase que exclusivamente milho) e graves doenças (reumatismo, pelo contato contínuo com água, doenças da coluna e dos rins, pelo trabalho curvado com o sol nas costas, enfermidades venéreas, verminoses, etc.)” (PALACIN, 2008, p. 55). Atribuía-se esses problemas aos duros castigos e à falta de liberdade.

A partir de 1775, Goiás já não importava mais escravos. O tempo de vida e trabalho de um escravo era muito curto, devido às condições precárias onde viviam e a má alimentação, por isso já não compensava mais comprar escravos. Posterior a isso, a atividade de comercialização de pretos escravizados em Goiás perdurou, pois o tráfico interno foi muito lucrativo. Esses sujeitos eram comprados com a finalidade de trabalharem nos serviços domésticos e nos afazeres nas fazendas.

Dentre os poucos relatos sobre as mazelas que os antepassados dos quilombolas da Comunidade Água Limpa sofriam, o senhor Joaquim Corrêa da Silva narra em entrevista que,

“os mais antigo falava que a vida dos primero era difícil, era de muito trabaio nas roça prantano e cuidano de tudo e não tinha como fugi porque não tinha pra onde i”<sup>8</sup>.

Durante os períodos colonial e imperial do país, os quilombos se tornaram áreas de refúgios para escravos africanos e afrodescendentes que se rebelavam contra os escravistas brancos e, com o passar dos tempos, foram se configurando como comunidades quilombolas, compostos por descendentes de ex-escravos. Essas estão espacializadas em todas as regiões do Brasil e foram importantes pontos de preservação dos costumes africanos.

Segundo a Constituição Federal, em seu art. 68 do ADCT, o Estado deve preservar a identidade étnica e cultural, ao fixar que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” de modo que sejam garantidos aos membros da comunidade uma vida digna, conforme o princípio da dignidade da pessoa humana, insculpido no art. 1º, inciso III, CF/88.

Do ponto de vista social, o grau de espoliação dos trabalhadores durante a escravidão era tão brutal que não permitiu que os oprimidos, os trabalhadores, conseguissem se organizar social e politicamente. Daí a ausência completa de elaboração política. Sua única forma de lutar era fugir da escravidão, o que provocou o surgimento dos quilombos. (STÉDILE, 2002, p. 13).

Quilombolas por todo país lutaram e lutam para fazer valer o direito à propriedade de suas terras garantido pela CF/88, embora isso não tenha sido fácil. São considerados uma minoria étnica vulnerável, por um Estado que tem constituído formas políticas sociais duras e submissas a interesses econômicos e políticos de uma classe burguesa, que nascem em momentos políticos específicos, sendo necessário sufocar as necessidades e as reivindicações dessa minoria. Com relação às práticas referentes à territorialização desses grupos, a Associação Brasileira de Antropologia – ABA (1994) define que:

A ocupação da terra não é feita em termos de lotes individuais, predominando seu uso comum. A utilização dessas áreas obedece à sazonalidade das atividades, sejam agrícolas, extrativistas e outras, caracterizando diferentes formas de uso e ocupação do espaço, que tomam por base laços de parentesco e vizinhança, assentados em relações de solidariedade e reciprocidade. (ABA, 1994, p. 82).

Os quilombos no Brasil surgiram a partir de fugas e com ocupação, estrategicamente, de terras geralmente isoladas, de difícil acesso, para manterem pouco contato com outros

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida no dia 17 de junho de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.



povos. Também houve conquistas de terras por meio de heranças, doações, pagamento por serviços prestados ao Estado e proprietários de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após sua abolição. O processo de resistência e luta quilombola são históricas; foram maneiras de manterem sua cultura, seus valores e identidade.

As comunidades quilombolas passaram a ter o direito ao reconhecimento de suas terras com a Constituição Federal de 1988, conforme reza o artigo 68 do ADCT, que expressa o reconhecimento da propriedade definitiva, com a emissão de títulos de propriedade. Segundo Nascimento (1980, p. 264), “o Quilombismo seria a rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochês, escolas de samba, gafieiras [...] práxis afro-brasileira”.

Também em Goiás vários quilombos resultaram da compra das terras por pretos libertos. Geralmente trabalhavam em grupo aos domingos e horas a mais todos os dias, o resultado desse trabalho era para comprar suas liberdades e um pedaço de terra onde pudessem se estabelecer. As Comunidades Quilombolas do Cedro em Mineiros e Água Limpa em Faina, por exemplo, resultaram desse processo.

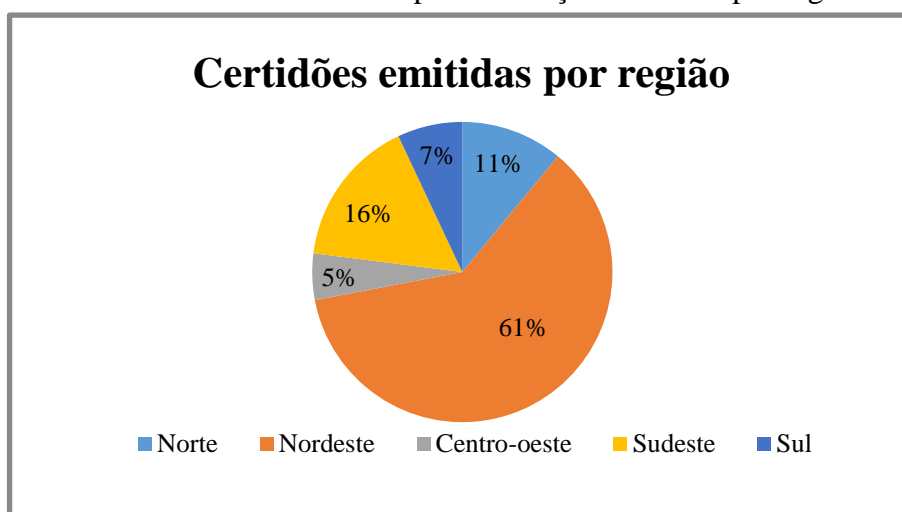
A maneira com que os quilombos se constituíram foi muito importante para a manutenção dessas comunidades. A vizinhança e o parentesco favoreceram o processo de extrativismo e produção de alimentos, sobretudo para a economia de consumo (BRANDÃO, 2009)<sup>9</sup>. A produção coletiva e a partilha de alimentos foram fundamentais para manter a proximidade entre todos e a representação da resistência que, conforme Carneiro (1988), simboliza “[...] a rebeldia contra os padrões de vida impostos pela sociedade oficial e de restauração dos valores antigos”. (CARNEIRO, 1988, p. 14).

O reconhecimento de milhares de comunidades espacializadas pelo país sempre foi difícil por conta da imensa burocracia, embora nas últimas duas décadas o número de certidões emitidas pela Fundação Palmares tenha aumentado, conforme se vê no gráfico 1, que apresenta o percentual de certidões emitidas por região.

---

<sup>9</sup> Por economia de consumo, entende Brandão, como a produção para sustentação familiar ou de trocas de produtos por produtos, em comunidades camponesas tradicionais, mas já integradas ao mercado. Diferente da economia de mercado, considerado “economia de excedente produção para além do consumo, o excedente comercializável” (BRANDÃO, 2009, p. 45).

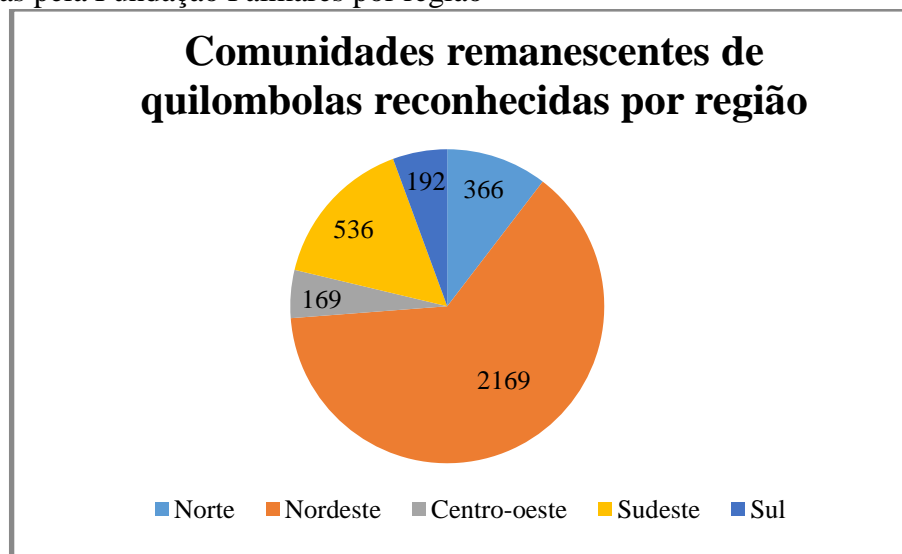
**Gráfico 1 - Certidões emitidas pela Fundação Palmares por região**



**Fonte:** <http://www.palmares.gov.br> (Dados atualizados até a Portaria nº 36 de 21/02/2020). Acesso em: 2 mai. 2020.

De acordo com a portaria nº 36 de 21/2/2020, da Fundação Palmares, de atualização de dados, as Regiões Norte, Nordeste e Sudeste possuem o maior número de comunidades quilombolas com certidões emitidas. Os menores números de certidões emitidas se encontram nas Regiões Sul e Centro-Oeste, isso se dá pelo fato de que nas regiões que possuem um número maior de certidões emitidas possuem uma quantidade superior de comunidades quilombolas e as que possuem uma quantidade menor de certidões emitidas possuem uma quantidade menor de comunidades. O gráfico 2 demonstra o quantitativo atual de comunidades quilombolas reconhecidas por região.

**Gráfico 2 - Quantitativo de comunidades remanescentes quilombolas reconhecidas pela Fundação Palmares por região**



**Fonte:** <http://www.palmares.gov.br> (Dados atualizados até a Portaria nº 36 de 21/02/2020). Acesso em: 2 mai. 2020.

O gráfico demonstra o quantitativo de todas as comunidades remanescentes de quilombolas reconhecidas por região. A Região Nordeste possui 2169 comunidades certificadas, a Região Sudeste possui 536 comunidades certificadas, a Região Norte com 366, a Região Sul com 192 e a região Centro-Oeste com o menor número de comunidades quilombolas certificadas, apenas 169. Chega-se, assim, a um total de 3.432 comunidades Quilombolas certificadas em todo o país, de acordo com Portaria nº 36 de 21/2/2020, da Fundação Palmares de atualização de dados.

Estima-se que este número seja superior, pois existem diversas comunidades quilombolas espalhadas por todo o país em processo de reconhecimento e outras que ainda não iniciaram o processo. Os dados apresentados pela Agência Brasil apontam que menos de 7% das terras pertencentes as comunidades quilombolas estão regulares.

Menos de 7% das terras reconhecidas como pertencentes a povos remanescentes de quilombos estão regularizadas no Brasil. Nos últimos 15 anos, 206 áreas quilombolas com cerca de 13 mil famílias foram tituladas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), órgão que executa a titulação das terras já identificadas e reconhecidas. (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

Os quilombolas possuem alguns rituais pertencentes aos indígenas, como os festejos após as colheitas e dos períodos certos para o plantio de acordo com as fases da lua. No entanto, grande parte dos quilombos enfrentaram um processo de acamponesamento, e isso se deu pelo modo de vida que tiveram que articular no Brasil, na relação com a terra, “nesse quadro, o processo de acamponesamento ou de formação de uma camada de pequenos produtores familiares tende a se expandir e consolidar”. (ALMEIDA, 2002, p. 59).

Para compreender o conceito de modos de vida dos camponeses, há que analisar as distintas temporalidades que ainda estão presentes, como resultados modificados de estratégias de existência social. As experiências de vida, em um processo histórico de reprodução da vida, contribuem para a observação das paisagens e territorialidades, que revelam práticas sociais com características camponesas.

Elementos da cultura indígena e camponesa foram incorporadas às comunidades quilombolas e, somando às suas tradições, resultou em um processo de hibridação cultural.

O campesinato não se restringe apenas a um modo de produção, mas também a um modo de vida, que representa suas especificidades nas tradições, crenças e saberes. Hobsbawm (1999, p. 218) acrescenta que “[...] objetivamente ele pode ser definido como uma classe ‘em si’ no sentido clássico, ou seja, um conjunto de pessoas que mantêm o mesmo tipo

de relação com os meios de produção, bem como outras características econômicas e sociais comuns”.

O campesinato se caracteriza por uma organização social específica que ora serve aos interesses capitalistas, ora lhes é contraditória. O modo de vida camponês apresenta simultaneamente uma relação de subordinação e estranhamento com a sociedade capitalista. Se, por um lado, o mercado domina o campesinato, por outro, ele não o organiza (MARQUES, 2008, p. 10).

Sobre o processo capitalista da questão agrária brasileira, Felício (2006, p. 209) acrescenta que, “para esse paradigma, a análise da luta camponesa compreende espaço, sujeito e tempo de forma dialética constatando que, ao aumentar a concentração de terras, aumenta simultaneamente o número de camponeses em luta pela terra no Brasil”.

Nesse contexto, Almeida (2003, p. 77) pondera que, “desse modo, o entendimento da agricultura brasileira passa a caminhar com destino à viabilidade econômica, ou seja, aos resultados quantitativos do modelo, sendo que, nesta moderna economia, o agricultor familiar toma lugar do camponês sem-terra”.

Os quilombos no Brasil foram se formando com extrema invisibilidade social. Durante o período Colonial e o Imperial, esses grupos buscaram distanciar como estratégia de se preservarem. Com a república, as lutas para garantir seus direitos junto ao Estado e pela sobrevivência da identidade passam a existir, mas a ausência de políticas públicas que os beneficiem reforça a imensa invisibilidade social que os quilombolas vivem.

Portanto, o que caracterizou os quilombos foram às fugas, o fato de estarem isolados em sua maioria e o processo de resistência e autonomia, “decorre daí que, para eles, o simples fato de apropriação do espaço para viver passou a significar um ato de luta, de guerra”. (LEITE, 2003, p. 3). A formação dos quilombos foi fundamental para manutenção da cultura material e imaterial, como afirma Gomes (2006).

Procuraram, fundamentalmente, reorganizar e transformar os mundos em que viviam. Muitos desses homens e mulheres, trabalhadores escravizados – com expectativas e perspectivas variadas –, procuraram conquistar liberdades e intervir nos sentidos da escravidão. Nesse processo histórico, os significados de liberdade e de escravidão possuíam complexas dimensões constantemente reelaboradas. Examinar como os cativos viveram situações de protestos, conflitos, acomodação, enfrentamento, confronto, sofrimento, alegria e dor significa compreender como reinventaram permanentemente tais significados a partir de concepções próprias. Vamos analisar como o quilombamento ganhou diversos sentidos políticos, seja para senhores e autoridades públicas que procuravam reprimi-lo, seja para cativos que em torno dele abriram caminhos para conquistar, manter e alargar espaços de autonomia no interior da sociedade escravista. (GOMES, 2006, p. 248).

De acordo com a Fundação Cultural Palmares (2020), existem atualmente no país 3386 comunidades quilombolas certificadas, dentre essas, 64 estão em Goiás. Há várias outras que estão em processo de certificação, no estado e no país. A Comunidade Quilombola Água Limpa recebeu da fundação Cultural Palmares a Certidão de Auto Definição no dia 12 de junho de 2017.

A tensão fundiária e a ausência de políticas públicas, emprego, escola e saúde fez com que várias famílias começassem a migrar do campo para as cidades. Isso também aconteceu com os Quilombolas da Comunidade Água Limpa, que iniciaram esse processo na década de 1990, que se deslocaram, em sua maioria, para os centros urbanos dos municípios de Faina e Goiás, mais próximos da comunidade. Sobre o assunto, Leite (2008) afirma que:

A Comunidade de Água Limpa tem vivido nos últimos anos um processo de mobilidade espacial que de certa forma tem contribuído para algumas mudanças no ritmo de vida das famílias que deslocaram para o meio urbano. Dessa forma, a mobilidade espacial não deixa de interferir em algumas práticas culturais que eram frequentes na comunidade. Podemos dizer que a comunidade se encontra bem “dividida” entre os que deslocaram para as cidades e os atuais moradores do território agualimpense. Essa divisão não é no sentido radical da palavra como interromper as relações, mas nos contatos diários, semanais ou mensais que aconteciam entre os moradores, as trocas de experiências nos trabalhos diários entre as famílias como os mutirões e outros. (LEITE, 2008, p. 14).

O fato de muitas famílias terem se deslocado da comunidade, em sua maioria, para o município de Goiás, fez com que diminuíssem algumas práticas culturais da comunidade, como é o caso dos mutirões, dias trocados e os próprios rituais de benzeção de pessoas e animais já não mais existem. Os terços rezados no dia em que se comemora o dia do santo, as Folias de Santos Reis e São João Batista vêm reunindo nos últimos anos os moradores da comunidade e os que se mudaram, buscando preservar os costumes daquele grupo.

Na Comunidade Água Limpa, o processo de resistência e de luta para a defesa e o direito ao território ocorre desde o fim da década de 1960, em um processo judicial entre os quilombolas e a família Camargo, referente a um extenso pedaço de terra. Além do mais, a ausência de políticas públicas por parte do Estado que lhes são de direito fez com que várias famílias buscassem os centros urbanos de municípios vizinhos para morarem. Isso fez com que muitas famílias comercializassem suas terras para fazendeiros vizinhos da comunidade por valores módicos. As famílias que permanecem na comunidade sobrevivem com invisibilidade do poder público, com a ausência de políticas públicas, e resistiram às tensões impostas pelo agronegócio.

Percebe-se que existe estreita relação entre os povos indígenas, campesinato e as diversas comunidades quilombolas. Essa relação é fruto de como os modos de vida e a construção dos territórios elaborados espaço/temporalmente pelos povos e comunidades que se reconhecem como sujeitos sociais cujas lutas são muito próximas. O modo de vida de várias comunidades quilombolas foi alterado pela proximidade e as relações com a cultura indígena e o campesinato, isso fez com que esses sujeitos se apropriassem de tradições, costumes e modo de vida camponês e dos povos indígenas. De acordo com Haesbaert (1997, p. 64), “nas terras quilombolas predomina seu uso comum, e a utilização dessas áreas obedece a critérios de prática de atividades sejam agrícolas, extrativistas ou outras”.

Na Comunidade Quilombola Água Limpa, esse fenômeno também ocorre, haja vista que muitos quilombolas também se denominam camponeses pela estreita relação com a cultura, costumes e tradição do campo. Muitas famílias buscaram municípios vizinhos para morar. Alguns, no decorrer da semana, estudam e trabalham, mas retornam à comunidade nos fins de semana, estabelecendo dupla moradia. Outros retornam para a comunidade apenas nos meses de junho, para participarem da Folia de São João e no final de dezembro e início de janeiro com objetivo de acompanhar a Folia de Santos Reis.

As Folias de São João e de Santos Reis são centenárias e possuem papel muito importante na comunidade no sentido de integrar as 21 famílias que compõem a comunidade e as que saíram e residem em municípios vizinhos. Francisco (2000, p. 123-124) relata que “a identidade é o conhecido ou o determinado, ou seja, um jogo que leva os homens e mulheres a existirem no sentido de ser o mesmo consigo mesmo uma relação unitária pela linguagem”. O embaixador, os encarregados, a rezadeira, os foliões e todos os integrantes das folias possuem papel importante na integração dos que estão na comunidade com os que se mudaram, para que possam manter a tradição e os costumes da comunidade, que é centenária e atravessa várias gerações.

### **2.2.1 Origem da Comunidade Quilombola Água Limpa**

O surgimento de Comunidades Quilombolas, sobretudo no estado de Goiás, teve estreita relação com o período da mineração, haja vista que os pretos escravizados foram trazidos para Goiás prioritariamente para trabalharem na extração de metais preciosos, em sua maioria, o ouro. O período da mineração em Goiás foi intenso, mas curto, se comparado com outras regiões do país. Em Goiás, a mineração se deu em sua maior parte pela força de

trabalho de escravos, que sofreram de maus-tratos e diversas barbaridades nas minas, com extensas jornadas de trabalho que duravam de 14 a 16 horas por dia.

Durante todo o período da mineração em Goiás, foram extraídas grandes quantidades de ouro, em três fases distintas, como afirma Leite (2013):

A primeira fase teve origem nos principais descobertos, que aconteceram no período 1726-50, quando o tipo de extração predominante era o de aluvião em córregos e leitos de rio, consistindo numa atividade simples de coleta aurífera. Nesta mineração premiada (de fácil extração), havia certa tendência ao aventureirismo que orientava o fluxo migratório para as novidades das descobertas mais recentes, e provocava o surgimento de arraiais que eram verdadeiros agrupamentos de choupanas. A segunda fase iniciou-se a partir de 1750, quando a extração tornou-se mais onerosa, requerendo o desmonte de tabuleiros nas margens dos rios, também conhecidos como grupiaras. Na terceira fase, métodos mais complexos foram utilizados: os mundéus, os talhos de morro e os túneis. (LEITE, 2013, p. 40).

Posterior a isso, os escravos foram “aproveitados” em outras funções, trabalho em grandes fazendas, cultivando grãos, café, cana-de-açúcar e o trabalho doméstico. “Por isso, enfatiza Oliveira (2007, p. 26), o fazendeiro-capitalista foi produto das relações sociais fundadas nas relações de produção no interior da fazenda”. Com o duro trabalho nas lavouras das fazendas, se iniciaram as primeiras revoltas, que tinham o objetivo de garantir-lhes direitos junto aos senhores, como afirma Machado (1994):

[...] os grupos de escravos passavam a reivindicar, mais e mais abertamente, o comprimento daquilo que se percebia como obrigações senhoriais. Um ritmo de trabalho próprio ao grupo, a injustiça dos castigos, os direitos à folga semanal, a alimentação e o vestuário, o recebimento de estipêndios pelo trabalho realizado a mais e a manutenção de uma economia independente na forma das roças e do pequeno comércio foram, muitas vezes, os argumentos que em seu conjunto justificam os ataques violentos dos plantéis contra os senhores e seus feitores. (MACHADO, 1994, p. 25).

As revoltas possibilitaram que grupos de escravos conseguissem comprar sua liberdade e fez com que muitos fugissem para formar as comunidades quilombolas. Ao entrevistarmos os Quilombolas da Comunidade Água Limpa, percebemos que existem divergências com relação ao surgimento da comunidade. Entre as narrativas dos entrevistados e a pesquisa produzida sobre a comunidade, foram colhidas valiosas informações na dissertação de mestrado de Antônio Ferreira Leite<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Dissertação de mestrado de Antônio Ferreira Leite, com o título; “Giros e pousos, moradores e foliões: identidade territorial e mobilidade espacial na folia de reis da “comunidade rural” Água Limpa, Faina, Goiás”. Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais, 2008.

Em sua pesquisa, Leite (2008) aborda que essa comunidade surgiu com um grupo de escravos que se deslocaram das minas de ouro do município de Crixás-GO, cuja fundação está ligada às descobertas dos garimpos de ouro no Brasil, entre 1726 e 1734, para as margens do Ribeirão Água Limpa:

Sobre o esgotamento das minas de ouro em Goiás e especificamente a de Crixás, mina de relevante importância no período e local de grande concentração de mão de obra escravizada sendo que essa é a que mais nos interessa para o momento. Porque foi de “lá que saíram os primeiros moradores de Água Limpa” para apossar das terras como uma nova espacialidade territorial.

Vale ressaltar que a mineração em Crixás não pode ser mencionada como importante apenas no passado. Atualmente o município é um dos maiores produtores de ouro do Brasil. Diferente da extração aurífera do passado a exploração do presente concentra-se a maior parte dos trabalhos através das máquinas em garimpos particulares. “Sua fundação está ligada às descobertas dos garimpos de ouro no Brasil. A descoberta se deu entre os anos de 1726 e 1734”.

Quando o trabalho na extração de ouro entrou em um processo considerado insuficiente para os donos das minas naquele período, de forma “pacífica”, os proprietários concederam alforria a uma parte de seus escravos em diferentes minas, “libertando-os” para procurar trabalho em outras localidades, pois, os mesmos não tinham mais interesses em mantê-los.

Como grande parte das terras em Goiás na época eram “devolutas”, eles teriam saído “errantes” até se estabelecerem nas terras onde um grupo de famílias vive até hoje e outras se deslocaram. (LEITE, 2008, p. 12).

Os quilombolas defendem que a comunidade surgiu quando a família Camargo, dona da fazenda Caxambu, adquiriu uma grande quantidade de escravos das minas de Goiás. O fato de a cidade de Goiás e a comunidade ficarem próximas e declínio da mineração facilitou a compra desses escravos. Em entrevista, o presidente da Associação Quilombola e morador da comunidade, Luiz de Deus Passos, conta como surgiu a Comunidade Quilombola Água Limpa e a origem desses escravos:

Meus avós sempre contava histórias que a comunidade era parte de uma grande fazenda, com o nome de Fazenda Caxambu pertencia à família Camargo. Com o enfraquecimento do garimpo em Goiás, os escravos ficaram baratos, então o fazendeiro adquiriu um grupo de escravos de Goiás aqui bem próximo, assim a fazenda virou uma senzala. O fazendeiro não tinha filhos, e com os escravos ele plantava muitas roças com arroz, milho, feijão, café e cana, colhiam os mantimentos, segundo meus avós os escravos faziam o serviço bruto da fazenda e mesmo com o fim da escravidão os escravos continuaram na fazenda servindo o fazendeiro por muitos anos, por que não tinham conhecimento do fim da escravidão. Um tempo depois os escravos se rebelaram e cercaram um pedaço da fazenda que era muito grande pra eles. Assim eles fizeram, por serem muitos escravos eles separaram um enorme pedaço na beira do Água Limpa, pela abundância de água. Eu ainda muito criança me lembro das ruínas da senzala, mais hoje já



não existe quase nada. O local passou por vários donos e sofreu alteração com o mecanismo das terras isto foi o que agente ouviu dos mais antigos, só que eles não gostavam de falar que vieram desta fazenda. Penso que pelo sofrimento enfrentado na época até por que havia uma rivalidade muito grande entre as duas famílias no passado isso entre a família Camargo e as famílias da comunidade. Essa rivalidade era por conta dos escravos terem saído da senzala e terem cercado um pedaço da fazenda para eles<sup>11</sup>.

É muito relevante abordarmos as memórias dos quilombolas da Água Limpa. Muitas já se perderam com a morte dos primeiros, mas ainda existem importantes recordações que os anciãos podem repassar aos jovens. Kandel (2009, p. 74) ressalta que “a memória humana está sempre se reinventando. Toda vez que nos lembramos de alguma coisa, essa lembrança se modifica um pouco”.

Nossas memórias, assim como as dos outros animais, provém da experiência. Por isso é mais sensato falar de ‘memórias’ e não de ‘Memória’, já que existem tantas memórias quantas experiências possíveis. É evidente que a memória de ter colocado o dedo na tomada não é igual à da primeira namorada, à da casa da nossa infância, à de andar de bicicleta, à de como nadar, à do perfume de uma flor, ou à de exercer a Psicologia (CAMMAROTA, 2008, p. 244).

Ao entrevistarmos o membro da comunidade e vice-presidente da associação, José Corrêa da Silva<sup>12</sup>, a respeito da origem da Comunidade Quilombola Água Limpa e de onde vieram estes escravos, o membro da Comunidade e vice-presidente da associação relatou:

Meus pais e meus avós sempre contaram que a comunidade é parte da fazenda de um grande fazendeiro que mesmo com o fim da escravidão manteve o grupo de escravos trabalhando na fazenda. Um tempo depois esse grupo se organiza e parte pra ocupar as margens do Água Limpa. Com os escravos ocupando essas terras houve muitas represálias por parte do fazendeiro e por não conseguirem cercar corretamente grande parte das terras foram se perdendo, restando apenas o pequeno pedaço que existe hoje. Eu acredito que nós somos descendentes de escravos que trabalhava nas minas de Goiás, pela proximidade e pelo processo de mineração que Goiás passava<sup>13</sup>.

Ao ser indagado sobre o surgimento da comunidade, o senhor Joaquim Corrêa da Silva, um dos anciãos, diz que sempre ouviu histórias de que seriam descendentes de negros escravizados das minas de Goiás.

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida no dia 19 de fevereiro de 2020, pelo pastor da comunidade e presidente da Associação Quilombola Água Limpa: Luiz de Deus Passos.

<sup>12</sup> José Corrêa da Silva, vice-presidente da Associação Quilombola Água Limpa.

<sup>13</sup> Entrevista concedida no dia 3 de janeiro de 2020, pelo vice-presidente da Associação Quilombola Água Limpa. José Corrêa da Silva.

Meu pai Ingrácio Corrêa da Silva e minha tia Ana de Deus Passos sempre falava que nossos antepassado veio dos garimpo de Goiás, que nós somos parente dos escravo que veio garimpá pros portugueses e depois um “Sinhô” comprô um tanto de escravo e levô pra região da Água Limpa pra trabaiá na roça produzino pro “Sinhô” que era dono. Então eu acredito que nós somos parente desses escravo que garimpava pros portugueses em Goiás na época da escravidão, nunca vi nenhum parente meu falá de que era de outro lugar não<sup>14</sup>.

Nesse sentido, Jedlowski (2003, p. 218) compreende que “a memória de cada um de nós é social na medida em que opera através de uma codificação das percepções baseada nos significados desses materiais, ou seja, numa estrutura de conhecimento do mundo que, por sua vez, é a expressão da pertença do sujeito a uma cultura”. Para Seixas:

A memória é ativada visando, de alguma forma, ao controle do passado (e, portanto, do presente). Reformar o passado em função do presente via gestão das memórias significa, antes de mais nada, controlar a materialidade em que a memória se expressa (das relíquias aos monumentos, aos arquivos, símbolos, rituais, datas, comemorações) Noção de que a memória torna poderoso (s) aquele (s) que a gere (m) e controla (m). (SEIXAS, 2004, p. 42).

As lembranças da entrevistada Julieta Corrêa da Silva trazem à tona como e quando a comunidade havia surgido:

Eu penso que nós somos de Goiás mesmo, era o que os moradores mais velho daqui sempre contava, que os nossos parente antigo daqui era escravo em Goiás. Foi comprado pelo “Sinhô” dono da fazenda que depois reuniu contra o “Sinhô” e acampô aqui na beira do Água Limpa, lugar de onde nunca quero sair<sup>15</sup>.

Com as entrevistas realizadas para entender quando e em que circunstâncias a Comunidade Quilombola Água Limpa surgiu, é notório que as memórias dos quilombolas são de extrema relevância. Segundo Giddens (2002, p. 18), “A memória e o esquecimento estão indissolúveis e mutuamente ligadas; que a memória é apenas uma outra forma de esquecimento e que o esquecimento é uma forma de memória escondida”

Os Quilombolas entrevistados reportaram que acreditam ser descendente de pretos escravizados das minas de Goiás, isso pelas memórias que os pais, avós e bisavós contaram a eles. Reportaram também que não existe nenhum fator que os ligue às minas de Crixás, isso pela distância entre as duas minas, haja vista que a distância entre a comunidade e as minas de Crixás é muito maior do que a comunidade e as minas de Goiás.

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida no dia 3 de janeiro de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.

<sup>15</sup> Entrevista concedida no dia 6 de janeiro de 2020, por Julieta Corrêa da Silva.

### 2.3 Identidade quilombola: reconhecimento do território camponês

A identidade de um povo ou de uma comunidade está intimamente ligada às tradições, costumes, expressões culturais e às memórias de maneira geral, que remetem às diversas práticas exercidas pelos antepassados. Como afirma Malcher (2006, p. 67), “Essa relação é registrada pela memória, individual e coletiva, fruto e condição de saberes e conhecimentos”. As histórias destas comunidades são contadas por meio das memórias que os quilombolas possuem “pois é o que define o negro não como um sujeito genérico, mas sim o negro de uma comunidade ou grupo que ocupa um determinado território, uma terra que lhe pertence”. Conforme expõe Gusmão (1999, p. 145):

Assim, a identidade de um povo é o resultado da identidade individual e coletiva estabelecidas pelos membros de uma mesma comunidade. Neste sentido [...] chegam a ser uma gente só, que se reconhece como igual em alguma coisa tão substancial que anula suas diferenças e os opõe a todas as outras gentes. Dentro do novo agrupamento, cada membro, como pessoa, permanece inconfundível, mas passa a incluir sua pertença a certa identidade coletiva (RIBEIRO, 1995, p. 131).

O conceito de diferença cultural e diversidade cultural são amplos e diversos autores buscam estes conceitos. Nesse sentido, Bhabha (1998) afirma que:

A diversidade cultural é um objeto epistemológico – a cultura como objeto do conhecimento empírico – enquanto a diferença cultural é o processo da enunciação da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. [...] a diferença cultural é um processo de significações através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade. A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados; mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou de cultura da humanidade. (BHABHA, 1998, p. 63).

A identidade quilombola foi construída a partir da relação exercida com o território, que sempre se fez importante para os sujeitos e, o conhecimento e a relação destes com o território propiciou-se que as comunidades quilombolas conseguissem se manter. “O importante é saber que a sociedade exerce permanentemente um diálogo com o território usado, e que esse diálogo inclui as coisas naturais e artificiais, a herança social e a sociedade em seu movimento atual”. (SANTOS, 2004, p. 26).

O negro faz parte de uma terra singular, uma terra que possui e da qual é possuído. Sua história nela se inscreve e ele próprio, enquanto negro, nela –

a terra – encontra-se inscrito [...] sua relação com ela [terra] é centrada em ritos, mitos, lendas e fatos. Memórias que contam a sua saga, revelam a sua origem e desvendam, além da própria trajetória, a vida em seu movimento. (GUSMÃO, 1999, p. 145).

A manutenção da identidade das comunidades quilombolas urbanas e rurais é um grande desafio contemporâneo, “[...] construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as)”. (GOMES, 2005, p. 43).

No Brasil, desde o século passado, grande parte das comunidades quilombolas se encontra no espaço rural, o que fez com que estas comunidades se apoderassem da cultura camponesa em diversos aspectos. Na verdade, parte da cultura camponesa pode se estender a várias outras que se estabelecem no campo. Claval (2001, p. 63) afirma que, “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra”.

A cultura incorpora, assim, valores. Estes têm uma tripla finalidade: primeiro, guiar a ação, inscrevendo-a em um quadro normativo; segundo, sublinhar a especificidade de tudo que é social, alçando a uma dignidade superior o que passa por procedimentos de institucionalização, e, terceiro, dar um sentido à vida individual e coletiva. (CLAVAL, 1997, p. 97).

Com o convívio no espaço rural, os quilombolas incorporaram à sua cultura a tradição e diversos costumes indígenas e camponeses, o que tornou as culturas africanas presentes no cotidiano ainda mais rico. Gusmão (1999, p. 147) entende que o convívio dos quilombolas no espaço rural “é poder contar com uma terra para a qual sempre se volta, porque é aí seu lugar”. Nessa perspectiva, para Ciampa (1984, p. 65), “não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos – biológicos, psicológicos, sociais, etc. – que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica [...]”.

As culturas africanas, partindo do subjetivo de cada um para coletivo, tem como característica a diversidade que, historicamente, sempre foi carregada de danças, rituais, possuindo uma grande quantidade de línguas e elementos culturais. Pensando a cultura dos quilombolas, que partiu da subjetividade para o coletivo e aderiram parte da cultura camponesa, Morin (1973, p. 132) afirma que a consciência individual é fundamental para isto, “o fenômeno da consciência é, ao mesmo tempo, extremamente subjetivo, porque está muito

carregado pela presença efetiva do eu individual [...]”. Outro elemento fundamental para essa compreensão é a identidade cultural:

[...] não existe uma identidade cultural única brasileira, mas diversas identidades que, embora não formem um conjunto monolítico e exclusivo, coexistem e convivem de forma harmoniosa, facultando e enriquecendo as várias maneiras possíveis de indianidade, brasilidade e humanidade. Ora, identidade implica a alteridade, assim como a alteridade pressupõe diversidade de identidades, pois é na interação com o outro não-idêntico que a identidade se constitui. O reconhecimento das diferenças individuais e coletivas é condição de cidadania quando identidades diversas são reconhecidas como direitos civis e políticos, conseqüentemente absorvidos pelos sistemas políticos e jurídicos no âmbito do Estado Nacional. (BANIWA, 2006, p. 49).

No país, grande parte das comunidades quilombolas está situada no espaço rural, os quais tem vivenciado dificuldades substanciais para a manutenção do seu território, principalmente quanto ao modo de produção, que sempre foi rudimentar, em pequena escala e para economia de consumo. Um modo de produção que se assemelha à agricultura camponesa, como explica Woortmann (1990, p. 24), que ressalta como ponto comum “o caráter familiar do trabalho. Este seria o elemento central de uma lógica econômica própria do ‘modo de produção’ camponês”.

As comunidades quilombolas situadas no espaço rural produzem alimentos apenas para o consumo próprio, ou seja, o modo de produção não capitalista, direcionando ao mercado apenas o excedente deste consumo. As comunidades quilombolas buscam viver em harmonia com a terra e com o meio, um modo de vida semelhante à camponesa, como na qual a terra é sinônimo de vida e trabalho, como afirma Woortmann:

[...] o trabalho camponês, além de produzir alimentos, também produz categorias sociais, “pois o processo de trabalho, além de ser um encadeamento de ações técnicas, é também um encadeamento de ações simbólicas, ou seja, um processo ritual. Além de produzir cultivos, o trabalho produz cultura (WOORTMANN & WOORTMANN, 1997, p. 15).

O modo de produção capitalista no campo se inicia ainda em 1950 e vem se expandindo de forma significativa por todo país nas últimas décadas (1980 a 2020), sob a ótica da modernização da agricultura, com o uso de máquinas e implementos agrícolas. Nesse sentido Graziano Neto (1982) relata que:

O trator seja o melhor indicador do padrão técnico de uma agricultura. Isso, porque tal máquina viabiliza a utilização de vários implementos (arados, grades, pulverizadores, entre outras), além de que a mecanização impulsiona

ou provoca a utilização de grande parte da tecnologia moderna (Graziano Neto, 1982, p. 28).

Com incentivos e políticas públicas de financiamento de maquinários e insumos, o país vem alcançando números recordes na produção. Mattei (2001, p. 1) afirma que, “durante o processo de modernização da agricultura brasileira, as políticas públicas para a área rural, em especial a política agrícola, privilegiaram os setores mais capitalizados [...]”.

De acordo com Oliveira (2007, p. 8), “o estudo da agricultura brasileira sob o modo capitalista de produção tem-se caracterizado pelo debate político entre as muitas correntes de pensamento que dedicam atenção especial ao campo”. Almeida (1990, p.15) continua enfatizando que, “a modernização se processou através de um conjunto de instrumentos que, sem alterar as bases fundiárias e até mesmo agravando a concentração da posse da terra passa a viabilizar a produção em larga escala de produtos modernos agrícolas para exportação”.

A modernização técnica da produção agropecuária tem afetado de forma direta os pequenos produtores e os povos e comunidades tradicionais, pelas tensões postas diante dos modos de vida e de produção tradicionais e/ou mais rudimentares. Também as comunidades quilombolas estão passando por dificuldades, principalmente pela questão da titulação e da demarcação de suas terras, que se arrastam por três décadas sem solução, o que facilita aos latifundiários se beneficiarem com tais problemas. Nesse contexto, as comunidades quilombolas situadas no meio rural, assim como as camponesas, “foram uma forma de organização política de camponeses que resistiram a expropriação e a expulsão da terra” (FERNANDES, 2001, p. 04) que, ao longo de décadas e séculos sempre lutaram por suas terras.

A resistência do campesinato brasileiro é uma lição admirável. Em todos os períodos da história, os camponeses lutaram para entrar na terra. Lutaram contra o cativo, pela liberdade humana. Lutaram pela terra das mais deferentes formas, construindo organizações históricas (FERNANDES, 2001, p. 01).

As estratégias que as comunidades quilombolas sempre usaram para sobrepor aos diversos problemas que os cercaram foram à união, enquanto grupo, e a manutenção de seus costumes e cultura, pois só assim conseguiram suportar as tensões de latifundiários e outros grupos empresariais em suas terras.

Compreender os caminhos que os camponeses percorreram ao longo da história é fundamental para que se possa ter a compreensão do que se passa atualmente com as comunidades quilombolas que vivem no espaço rural. Wanderley (2014, p. 30) afirma que “a

compreensão do que seja um campesinato no Brasil continua a ser objeto de um amplo debate e de acirradas disputas políticas, que envolve, entre outros, pesquisadores acadêmicos, formuladores de política e os distintos movimentos sociais”.

Compreender o campesinato como um sistema subalterno não significa ter uma visão mecânica, mas sim considerar a estrutura e as dimensões que compreendem seu modo de vida, a partir de seu território, sua cultura e identidade, seus valores, suas formas de luta e resistência no enfrentamento com o capital. Condições essenciais para continuar sendo camponês (WELCH E FERNANDES, 2008, p. 166).

As comunidades quilombolas localizadas em espaços rurais possuem cultura peculiar, haja vista que, no campo, as comunidades somaram à cultura africana dos antepassados, com vasta tradição oral e cultura material, os costumes e tradições camponeses e dos povos indígenas. “O que se busca assegurar é o respeito a essas comunidades, a possibilidade de que possam continuar se reproduzindo segundo suas próprias tradições culturais e assegurando, também, a sua efetiva participação em uma sociedade pluralista.” (RIOS, 2007, p. 110). A junção de costumes e tradições, experiências tão ricas, propiciou que as comunidades quilombolas pudessem se manter por séculos. Todavia, as comunidades vêm se esbarando, nos últimos anos, a vários ataques do Governo Federal, com dificuldades de acesso à regularização, demarcação e reconhecimento de suas terras.

A Comunidade Quilombola Água Limpa possui características camponesas, logo, as tensões postas pelo agronegócio geraram processos de desterritorialização e reterritorialização, que serão apresentados e discutidos na seção a seguir.

#### **2.4 Revisitando conceitos: Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização (T-D-R), para compreender a mobilidade espacial da Comunidade Água Limpa**

Dentro da discussão da questão agrária brasileira, o fenômeno da migração campo/cidade vem fazendo parte da realidade da população rural e urbana deste país. Dados do IBGE apontam que, na década de 1950, a população brasileira era predominantemente rural, 64%, na década de 1970 esses números já haviam invertido, e em 1990 a população rural correspondia a menos de 20% (BRASIL, 2010).

Após a década de 1950, o Brasil iniciou as reformas socioeconômicas, com destaque para a estrutura fundiária. Com ideais de aumento na produtividade, deu-se início ao uso de maquinários e de vasta quantidade de agroquímicos no campo. Silva (1994, p. 11) afirma que

“a questão agrária está ligada às transformações nas relações de produção: Como se produz e de forma se produz”. Também sobre os processos de modernização do campo, Graziano (1998, p. 3) enfatiza que “o longo processo de transformações da base técnica chamado de modernização, culminou com a industrialização da agricultura representando a subordinação da natureza ao capital que, gradativamente passa a fabricar as condições necessárias para a produção agropecuária”.

Para melhor compreensão do processo de desterritorialização e reterritorialização, causas e consequências, parte-se do entendimento que o território é fator determinante e, para tanto, há que assimilar o conceito de espaço. Raffestin (1993) traz importante abordagem sobre espaço em sua obra “Por uma Geografia do Poder”.

O espaço é, portanto anterior, preexistente a qualquer ação. O espaço é, de certa forma, "dado" como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. "Local" de possibilidades é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143-144).

Também Milton Santos (1988, p. 122), no livro “Por uma Geografia Nova”, aborda que o espaço é fruto das relações sociais do passado e do presente. “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. Nesse sentido, Santos (1988,) prossegue com a afirmação de que devemos abordar os fenômenos espaciais em sua totalidade.

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida [...] o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente [...] o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1988, p. 122).

De acordo com os interesses de várias classes sociais, seja de domínio ou apropriação, o território é concebido ou produzido, “o primeiro território ou espaço de governança está organizado em diversas escalas e instâncias. Estados, províncias, departamentos e municípios são frações integradas e independentes do primeiro território. São diferentes escalas dos espaços de governança”. (FERNANDES, 2009, p. 11).

O território, na ótica de apropriação e poder, se fraciona em território material e território imaterial. Nessa lógica, o território material se torna produto do território imaterial.



“A importância do território imaterial está na compreensão dos diferentes tipos de território material. Penso o território imaterial a partir da mesma lógica do território material, como a determinação de uma relação de poder”. (FERNANDES, 2009, p. 15). Para Raffestin (1993):

O Território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo pela representação), o ator territorializa o espaço. [...] O território nessa perspectiva é um espaço onde se projetou, seja energia e informação, que por consequência, revela relações marcadas pelo poder. (RAFFESTIN, 1993, p, 143).

Rogério Haesbaert (1999), muito conhecido pelos trabalhos envolvendo o território, relaciona as representatividades deste conceito com a dimensão material, “na identidade social também se configura uma identidade territorial, tendo em vista que em um mesmo espaço as relações sociais são as que delimitam o território”. (HAESBAERT, 1999, p. 178).

Marcos Aurélio Saquet (2011), que também tem importantes estudos territoriais, desde os anos 2000, ao fazer uma releitura de obras de diversos países, aponta quatro compreensões:

a) Tendência predominantemente econômica, elaborada com base no materialismo histórico e dialético, na qual se entende a territorialidade como relações de produção acompanhadas por forças produtivas, isto é, como relações de subordinação e exploração. O território é resultado e determinante da produção, da circulação e do consumo, ou seja, da acumulação de capital; b) Tendência materialista, pautada na dimensão geopolítica, na qual a territorialidade está diretamente vinculada à atuação do Estado-nação e à soberania, portanto às noções de domínio e controle. Há uma combinação área-fronteira-movimento a partir de relações econômicas, políticas e culturais; c) Tendência fenomenológica, dando ênfase às dinâmicas políticas e cultural (simbólica e identitária), em que a territorialidade corresponde às relações sociais centradas em percepções, sentimentos, memórias, identidades e representações; d) Tendência construída a partir de discussões sobre sustentabilidade ambiental e o desenvolvimento local. A territorialidade significa relações políticas de governança, sem deixar de envolver processos econômicos, culturais e diferentes formas de apropriação e uso do ambiente; (SAQUET, 2011, p. 14).

No livro *Micropolítica: cartografias do desejo*, de Félix Guattari e Suely Ronilk (2010), os autores trazem o entendimento de que o território pode ser relativo.

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente "em casa". O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda série de comportamentos, de investimentos, nos

tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; RONILK, 2010, p. 388).

A partir do conceito de território, Claude Raffestin (1993) estabelece a derivação de outros processos conceituais, dentre eles, a Territorialização, Desterritorialização e a Reterritorialização (T-D-R). Na concepção de Haesbaert (2004), a desterritorialização ocorre quando há o “abandono” do território, da mesma forma que a reterritorialização é o movimento de construção do território. Os processos de desterritorialização e reterritorialização são dinâmicos, “a vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios e fundando outros”. (HAESBAERT, 2004, p. 144). Dessa forma, para a Geografia:

A desterritorialização será um processo (muitas vezes violento e quase sempre involuntário) de “privação de território”, perda de controle e domínio das territorialidades pessoais e/ou coletivas, isto é, redução evidente do acesso: aos lugares económicos e simbólicos, aos recursos, à habitação a outros lugares que constituam eixos estruturantes da identidade e da territorialidade de cada grupo ou indivíduo. (FERNANDES, 2008 p. 5).

Guattari e Ronilk (2010) trazem importantes considerações sobre o território e simbolizam que o território está passivo de se desterritorializar.

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios "originais" se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais (GUATTARI; RONILK, 2010, p. 388).

O processo de desterritorialização do território Quilombola da Comunidade Água Limpa teve o ápice entre as décadas de 1990 e 2010. Nesse período, muitas famílias se desterritorializaram da comunidade e se reterritorializam em áreas urbanas de municípios vizinhos, principalmente na cidade de Goiás, em grande parte nas áreas periféricas.

O dinheiro da venda das terras na comunidade era pouco e possibilitou apenas comprar um imóvel distante do centro urbano, expondo as famílias aos diversos problemas sociais típicos destes lugares. Estas famílias, em sua maioria, eram numerosas, poucos jovens ousaram estudar, se dedicaram apenas a trabalhar e a contribuir com a renda da família. As famílias que se desterritorializaram da comunidade não ousaram retornar, pois já havia comercializado sua propriedade e voltar ficou praticamente impossível.

Nas últimas três décadas, a Geografia produziu notórios trabalhos sobre a territorialização, trabalhos não só na área humanística, mas também na área física. Guattari e Rolnik (1996) contribuem com importante análise sobre territorialidade, desterritorialização e reterritorialização, conforme excerto que ora se transcreve.

A noção de território é entendida aqui num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que dela fazem a etologia e etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em uma linha de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada em um imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais. A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante. (GUATTARI E ROLNIK, 1996, p. 323).

Haesbaert (2004) apresenta Deleuze e Guattari, filósofos franceses, como principiaadores de estudos em território, territorialização, desterritorialização e reterritorialização, com as primeiras publicações no início da década de 1970. Seus conceitos são muito utilizados por diversos outros autores. Haesbaert (2004) afirma que: “[...] construímos um conceito de que gosto muito, o da desterritorialização. [...] precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova” Haesbaert, (2004, p. 99). O mesmo autor ainda esclarece que: “a noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte”. (HAESBAERT, 2004, p. 99).

A relação que os povos e comunidades tradicionais mantêm com seus territórios, vivenciando-os como parte integrante da sua cultura, história, memória, tradições, também é manifestada na forma como lidam com o processo produtivo. Há toda uma subordinação da atividade econômica às atividades sociais e culturais. Não podem ser dissociadas (ROCHA e FAVILLA, 2015, p. 62).

De acordo com os relatos dos entrevistados, houve dois episódios importantes sobre questões fundiárias envolvendo a Comunidade Quilombola Água Limpa. O primeiro foi uma

disputa judicial no fim da década de 1960, entre os quilombolas e a família Camargo, por um extenso pedaço de terra da comunidade que a família Camargo se apropriou por usucapião<sup>16</sup> em desfavor aos quilombolas, em uma disputa judicial. A família Camargo é proprietária de um grande latifúndio, que se limita com a comunidade, conforme os relatos do senhor Luiz de Deus Passos.

Sobre essa disputa meu avô sempre contava que na década de 1960 a família Camargo, dono da fazenda Caxambu, entrou na justiça para requerer Usocampeão de um grande pedaço de terra da Comunidade. No fim da década de 1960 a justiça deu ganho de causa para a família Camargo, isso gerou muita revolta por perderem um grande pedaço de terra que era da Comunidade. Meu avô contava que naquela época o coronel tinha muito poder e isso favoreceu que a família Camargo ganhasse na justiça<sup>17</sup>.

Também sobre este episódio, o senhor Joaquim Corrêa da Silva relata: “eu era novo quando isso aconteceu, muitos falava que isso foi comprado. Era uma terra que não era deles e eles ganharam na justiça falano que era Usucapião. Naquela época o povo era humilde, acreditava em tudo e dexô isso queto”<sup>18</sup>. Os relatos demonstram que as primeiras tensões fundiárias na Comunidade Água Limpa iniciaram há bastante tempo, desde o fim da década de 1960, quando a família Camargo conquistou na Justiça uma ação de Usucapião.

Atualmente uma ação por usucapião é baseada, principalmente, no vigésimo terceiro item do artigo 5º da Constituição Federal, que determina: “XXIII - a propriedade atenderá a sua função social”. E também se apoia no Código Civil de 2002, mais especificamente no artigo 1.228, parágrafo 1º, que afirma: “§ 1º O direito de propriedade deve ser exercido em consonância com as suas finalidades econômicas e sociais...”. A característica principal do processo de usucapião especial em áreas rurais é levar em consideração a área do imóvel, o requerente não pode ser proprietário de nenhum outro imóvel, tendo o imóvel em questão como sua moradia, exige-se cinco anos de posse, com uma área máxima de em 50 hectares para imóveis rurais. Diferente da ação conquistada pela família Camargo na década de 1960, que conquistaram em uma ação na Justiça uma extensa área, superior a 50 hectares por meio do prestígio político e econômico da família.

É importante ressaltar que a família Camargo é a mesma que, no período escravocrata, comprou negros das minas de Goiás e manteve o trabalho escravo por um longo período.

---

<sup>16</sup> Usucapião é a aquisição de propriedade móvel ou imóvel pela posse prolongada e sem interrupção, durante o prazo legal estabelecido para a prescrição aquisitiva.

<sup>17</sup> Entrevista concedida no dia 24 de agosto de 2020, pelo pastor da comunidade e presidente da Associação Quilombola Água Limpa: Luiz de Deus Passos.

<sup>18</sup> Entrevista concedida no dia 25 de agosto de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.

Portanto, a ação que a família conquistou na Justiça por usucapião em desfavor aos quilombolas é das mesmas terras que os quilombolas adquiriram por compra quando também compraram sua liberdade.

O segundo fato aconteceu no início de 1990, com a tensão e a pressão imposta pela família Guerra, proprietária de outra fazenda vizinha da comunidade, com interesses nas terras dos quilombolas. Tensões impostas pelo agronegócio, somadas à ausência de políticas públicas, fez com que várias famílias da Comunidade Água Limpa se deslocassem para as áreas urbanas de municípios vizinhos, no período de 1990 a 2010. Os relatos dão conta que as principais dificuldades enfrentadas pelas famílias na época foram a ausência de estudo para filhos e netos, uma vez que a única escola da comunidade não possuía a segunda fase do ensino fundamental nem o ensino médio, para que as crianças e jovens pudessem continuar os estudos no lugar.

Com as relações de poder e as tensões impostas pelo agronegócio, muitas famílias comercializaram suas terras, a maioria para a família Guerra, proprietária de outra extensa área vizinha da comunidade, conforme afirma em depoimento o senhor Luiz de Deus Passos.

Eu penso que a maior causa da saída das famílias que mudaram daqui da Comunidade, depois de 1990, foi a falta de assistência do poder público, falta de emprego pros jovens, falta de estudo e a morte dos mais velho da Comunidade e com isso tudo acontecendo os fazendeiros aproveitaram e comprô terra muito barato aqui. Eu vi família vendê terra aqui quase de graça, isso porque com esse tanto de problema quem dita o preço das terra aqui foi os fazendeiro. A família Guerra dona de uma grande fazenda vizinha nossa aqui comprô muita terra aqui<sup>19</sup>.

Outro fator determinante para a migração de várias famílias da comunidade foi a falta de trabalho, principalmente para os jovens do gênero masculino, que até então só haviam aprendido o trabalho braçal com os pais, e do gênero feminino as atividades domésticas com as mães. Dentre os municípios que mais receberam famílias ou jovens da Comunidade Quilombola Água Limpa, a cidade de Goiás foi o destino da maioria destas, conforme relatos de Ismael Corrêa da Silva.

Nóis mudamo da Água Limpa pra Goiás em 1997, meu pai e minha mãe resolvero mudar por que lá num tinha como nós estudá mais e pra nós trabalhá também. Porque o que mais pesô pra que nós mudássemos de lá foi a falta de serviço mesmo, nós, desde pequeno meu pai ensinô pra mim e meus irmão a trabalhá, mas só que lá o poco serviço que tinha era de fazenda mesmo, cuidar de gado pros vizinho, plantá, roçá e capiná. As roças já não

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida no dia 24 de agosto de 2020, pelo pastor da comunidade e presidente da Associação Quilombola Água Limpa: Luiz de Deus Passos.

dava lucro mais, e os fazendeiro já não dava mais serviço pra nós e com isso muitos também foi vendeno suas terrinha barata pros fazendeiro vizinho<sup>20</sup>.

Também sobre a saída das famílias da Comunidade Água Limpa o senhor Joaquim Corrêa da Silva relata: “eu fui uns dos primero a mudá da Água Limpa, mais acho que os que foi mudano depois foi pur causa dos tempo difícil, farta de serviço e os fazendero em redó sempre quiria comprá e oferecia poco nas terrinha e o povo foro vendeno barato”<sup>21</sup>.

Os processos migratórios da Comunidade Água Limpa, em grande parte, estão ligados às tensões impostas pelo agronegócio e pela modernização e globalização presente nos centros urbanos, fatores que contribuíram para que os moradores migrassem para os centros urbanos. Independentemente das relações estabelecidas na Comunidade Água Limpa, os sujeitos não estão totalmente passivos à globalização. Para Ianni (2002, p. 104-105), “a sociedade global desterritorializa quase tudo o que encontra pela frente. E o que se mantém territorializado já não é mais a mesma coisa, muda de aspecto, adquire outro significado, desfigura-se”. Podemos entender nos relatos do senhor Emílio Corrêa da Silva os motivos que levaram o deslocamento de várias famílias da comunidade.

Quando criança me lembro bem que aqui na Água Limpa existia pra mais di setenta moradô. Os rancho era tudu perto um do otro, todo se ajudava, era um tempo de muita união entre as família, união pela proximidade entre todo e por sê todo mundo parente. Com o tempo passano as coisa foi ficano difícil, sem como os filho estudá e trabaiá o povo foi vendeno as terrinha barato. Na época pro fazendeiro vizinho que sempre ficava de cima pra comprá e foi mudano principalmente pra Goiás<sup>22</sup>.

Diversos processos de desterritorialização de povos e comunidades tradicionais vêm sendo motivados pela globalização contemporânea. Ianni (2002, p. 38-39) afirma que a globalização “invade cidades, nações e continentes, formas de trabalho e vida, modos de ser e pensar, produções culturais e formas de imaginar”. Quando povos e comunidades tradicionais se desterritorializam, “parecem desenraizar-se, atravessadas por perspectivas e impasses, tensões e antagonismos desterritorializados. Os indivíduos, grupos, classes, etnias, minorias, nacionalidades, nações, adquirem outros significados”. (IANNI, 2002, p. 160).

Desterritorialização, portanto, antes de significar desmaterialização, dissolução das distâncias, deslocalização de firmas ou debilitação dos controles fronteiriços, é um processo de exclusão social, ou melhor, de exclusão socioespacial. [...] Na sociedade contemporânea, com toda sua diversidade, não resta dúvida de que o processo de “exclusão”, ou melhor, de

<sup>20</sup> Entrevista concedida no dia 1º de fevereiro de 2020, por Ismael Corrêa da Silva.

<sup>21</sup> Entrevista concedida no dia 25 de agosto de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.

<sup>22</sup> Entrevista concedida no dia 13 de março de 2020, por Emílio Corrêa da Silva.

precarização sócio espacial, promovido por um sistema econômico altamente concentrador é o principal responsável pela desterritorialização. (HAESBAERT, 2006, p. 67).

De acordo com o senhor Luiz de Deus Passos, presidente da AQAL, o município de Faina não tem oferecido a devida assistência às famílias da Comunidade com políticas públicas que lhes são de direito, isso somado as tensões fundiárias impostas pelo agronegócio, contribuiu para o processo de desterritorialização de diversas famílias que migraram para municípios vizinhos.

Infelizmente nossa comunidade perdeu muitos moradores de uns vinte, trinta anos pra cá. Nós somos um povo esquecido, aqui prefeito e vereador só aparece pra pedir voto em época de eleição. Já fomos a Faina diversas vezes conversar com prefeito e vereadores, pra arrumar nossas estradas, pedir atendimento médico e odontológico pelo menos uma vez por semana, aqui o pessoal em sua maioria já é idoso. Mas tudo tem sido em vão, isso tem feito que muitas famílias vendessem suas terras muito barato pro fazendeiro vizinho que pagou muito pouco e mudam pra cidades próximas em busca de uma vida melhor. Aqui na roça as coisas não são fáceis<sup>23</sup>.

Os camponeses quando saem do campo e se deslocam para os centros urbanos se deparam com uma realidade distante da que tinham no campo. Experimentam um processo de desterritorialização físico e mental, onde passam a fazer parte de um novo processo de organização social distante do que tivera quando estavam no campo. É o início do outro processo pelo qual ele enfrentará, a reterritorialização.

O camponês, quando perde sua referência anterior, ou seja, sua condição de pequeno proprietário, ou de arrendatário ou sua relação com a terra, sofre um processo de desterritorialização. Na medida em que vai se constituir um novo território este camponês passará por um novo processo de organização, mas ainda manifestará os seus jeitos, as práticas, as suas experiências acumuladas em sua história de vida. (MEDEIROS, 2006, p. 285).

De acordo com relatos de várias pessoas que se deslocaram da comunidade para as áreas urbanas, a principal causa das famílias se mudarem foi à ausência de políticas públicas por parte do Estado e também da prefeitura de Faina. O senhor Joaquim Corrêa da Silva, que foi um dos primeiros a se mudar da comunidade relata que:

Já faz uns quarenta ano que eu e minha família decidimo mudá pra Goiás, na Água Limpa as condição já tava difícil, pouco serviço, as roça só dava pra comê, os menino precisano de estudá. E meu pai ficô muito doente, precisô fazê uma operação e as condição num dava pra pagá, reunimo todo mundo e

---

<sup>23</sup> Entrevista concedida no dia 13 de março de 2020, pelo pastor da comunidade e presidente da Associação Quilombola Água Limpa: Luiz de Deus Passos.

resolvemo vendê nosso pedacim de chão pra fazê o tratamento dele e fomo morá em Goiás. Minha lembrança, as saudade, nunca esqueço e sempre que posso gosto de í passia na Água Limpa<sup>24</sup>.

O deslocamento de várias famílias da Comunidade Quilombola Água Limpa para as áreas urbanas dos municípios vizinhos, principalmente entre as décadas de 1990 e 2010, que foi o ápice, as pessoas saíram para buscar uma “‘vida melhor’ entendida, na maioria das vezes, como oportunidades de trabalho remunerado; segurança familiar; busca de qualidade do ensino e serviços básicos”. (DINIZ, 2011, p.01). No que se refere aos estudos, no caso das famílias de Água Limpa, nem era uma busca por qualidade, mas por continuidade dos estudos dos filhos. Conti (2012, p.28) expõe que “o próprio termo êxodo rural já traz em sua raiz a designação de movimento ou saída de uma situação de vida, geralmente difícil, para uma situação que seja mais favorável para se viver, mesmo que esta seja apenas hipotética”.

Conforme relata em entrevista, o senhor Joaquim Corrêa da Silva, o discurso de “vida melhor” morando nas áreas urbanas é relativo, o fator de morar em uma área urbana não pode ser considerado bom, para o entrevistado, o que era bom era morar na comunidade, “as pessoa saía da Água Limpa procurano vida mió, mais só quando vendeu sua terrinha e foi pra cidade é que foi vê que vida mió era lá na Água Limpa, mesmo com as dificuldade tinha paiz, isso quem mudo não tem mais”<sup>25</sup>.

Muitas famílias sem emprego nas áreas urbanas tiveram que voltar para o campo para trabalhar como caseiro em fazendas. Outras tiveram que se reorganizar de modo que as esposas e os filhos permanecessem na área urbana para estudar e os homens se deslocavam para trabalhar no campo durante a semana e retornavam para casa aos fins de semana.

Quando as famílias se mudaram para as áreas urbanas, em sua maioria, não possuíam qualificação de mão de obra, sabiam fazer o serviço braçal de roça na comunidade antes de mudarem, portanto não conseguiram bons empregos, ficando com aqueles menos remunerados. Com isto, muitos retornaram para o campo para trabalhar como caseiro de fazendas e outros para o serviço braçal durante a semana e retornavam para a cidade aos fins de semana, em um constante processo de migração.

O processo de reterritorialização sempre estará ligado ao de desterritorialização, pois, para que haja a reconstrução de um novo território, é necessário que tenha ocorrido um processo de perda de um território e entendemos que esse fenômeno tenha ocorrido na Comunidade Quilombola Água Limpa, uma vez que a saída do lugar e a perda do território

---

<sup>24</sup> Entrevista concedida no dia 13 de março de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.

<sup>25</sup> Idem.



pela venda da terra se deu de forma forçada, ou seja, pelas condições e tensões postas no cotidiano dessas famílias, pelos fazendeiros próximos à essa área e pela ausência do Estado em suprir a comunidade com políticas públicas.

Não podemos conceber a desterritorialização e reterritorialização apenas como processos devastadores do território, mas como mecanismos de formação de novos territórios, “pode ser a base de um processo de (re)territorialização, ou seja, de formação de novos territórios”. (HAESBAERT, 1997, p. 94).

[...] a velocidade dos fluxos e a simultaneidade proporcionada pelo progresso técnico não implicam obrigatoriamente, a superação de uma reterritorialização diferenciadora e ressingularizante. [...] A desterritorialização que ocorre em uma escala geográfica geralmente implica uma reterritorialização em outra escala [...] (HAESBAERT, 2002, p. 132-133).

Para Deleuze e Guattari (1997, p. 224) “qualquer coisa pode fazer as vezes da reterritorialização, isto é, ‘valer pelo’ território perdido; com efeito, a reterritorialização pode ser feita sobre um ser, sobre um objeto, sobre um livro, sobre um aparelho, sobre um sistema”.

Nesse contexto, várias famílias da Comunidade Água Limpa se reterritorializaram na área urbana de Goiás, este processo foi muito duro para elas, pois saíram de uma comunidade quilombola, com costumes e tradições peculiares, e passaram a conviver, expostos de forma mais intensa, com a globalização, a partir uma realidade urbana. As famílias tiveram que aprender outras profissões, como afirma o senhor Ismael Corrêa da Silva, sobre as lembranças boas de quando morava com seus pais na comunidade e do trabalho que exerce atualmente em Goiás.

Ai nós mudamo pra Goiás, eu comecei a trabalhá ajudano a vendê frutas (melancia, abacaxi e laranja) de caminhão em Goiás e pelas cidades vizinhas, depois de um tempo me casei e tem três filhas. Depois de muito tê trabalhado, consegui tê minha caminhonete e até hoje sobrevivo e cuido da minha família da venda de frutas. Eu tenho muita lembrança boa de quando eu morava na Água Limpa, do tempo de meus avós, tempo em que morava muitas pessoas, tempo que existia muita fartura. Nos últimos anos tenho ido mais, por conta da minha devoção nas folias, eu organizo as coisas pra ajudá todo ano nas folia e não deixá a tradição acabá<sup>26</sup>.

Mesmo diante das mudanças no modo de vida, o passar dos tempos e a convivência das famílias nas áreas urbanas não apagaram a memória das famílias sobre as tradições e os

---

<sup>26</sup> Entrevista concedida no dia 1º de fevereiro de 2020, por Ismael Corrêa da Silva.

costumes da comunidade. Memória presente nos dizeres de dona Cecília Corrêa da Silva, do tempo em que ainda jovem vivenciou na comunidade.

Eu tive que mudá da Água Limpa pra Goiás quando ainda jovem, por que foi preciso vendê a terrinha pra cuidá da saúde do meu avô Ingrácio. Hoje, depois de muito tempo morando em Goiás, eu já acostumei com a vida da cidade, tenho muita saudade de quando morava na Água Limpa, época em que morava muitas pessoa era todos muito unido, todos se ajudava. Eu através da fé que tenho em Deus e nos santo vou todo ano ajudá nas folia, meu avô antes de falecer me ensinou a rezá os terço e me pediu pra que enquanto vida eu tivesse eu acompanhá as folia e ajuda a organizá e a reza os terço. Tenho muito prazer em voltá e visitá todos que ainda moram e tenta, através das folia de Santos Reis e São João Batista, a mantê a tradição de todos nós<sup>27</sup>.

A família do senhor Joaquim Corrêa da Silva, um dos anciãos da comunidade, foi uma das primeiras a se deslocar para a cidade de Goiás. Em seus relatos, ele enfatiza que seus filhos logo se acostumaram com o modo de vida urbano, mas ele e sua esposa, *in memoriam*, nunca acostumaram. Ele relata que apenas se conformou em morar na cidade, mas sente muita falta dos costumes, tradições e da vida que tinha na comunidade. Atualmente, mora somente ele (e Deus), como faz questão de relatar, pois sua esposa já faleceu e se diz preparado para a morte:

A minha famia quando vei mora na cidade acabô acostumano com a vida de cidade. Eu e minha cumpanheira nunca acostumamo. Eu falo que eu conformei em morá na cidade. Eu cresci e vivi por muito tempo na Água Limpa, então os costume e a vida da roça sempre me fez farta. E depois que minha muié foi morá junto do Pai, eu vivo só, eu e Deus, em casa, e sempre que posso eu vô pra Água Limpa passá uns dia. Me faz bem ficá na Água Limpa, ali que nasci e me criei, aprendi tudo que sei. Por isso peço ao pai e os santos vida e saúde, mas quando ele me chamá pra junto dele eu já tô pronto pra í<sup>28</sup>.

Os relatos do entrevistado demonstram que tudo que ele sabe e aprendeu foi durante o período que viveu na comunidade quilombola. No período em que vive no espaço urbano, acrescentou pouca coisa em sua vida. Isso contrapõe os ideais de muitas famílias que saíram da comunidade para os espaços urbanos em busca de uma vida melhor.

Evidência também que não é possível concordar com o discurso de que, para se ter uma vida melhor, as famílias deveriam ou devam sair de áreas rurais tradicionais e se deslocarem para as cidades. A vida nos centros urbanos é melhor? É possível, e talvez necessário, questionar esse discurso de que só a cidade pode oferecer qualidade de vida? O

---

<sup>27</sup> Entrevista concedida no dia 1º de janeiro de 2020, por Cecília Corrêa da Silva.

<sup>28</sup> Entrevista concedida no dia 13 de março de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.

melhor não pode ser ou estar no modo de vida pacato, tranquilo que entrevistados quilombolas têm ou tinham quando viviam na comunidade rural?

Ao se mudarem, várias famílias passaram por muitas dificuldades nas áreas urbanas, pois a maioria foi morar em áreas periféricas, expostas aos diversos problemas sociais típicos dos centros urbanos. Conforme Haesbaert (2004, p. 372), “[...] a massa ou ‘aglomerados’ crescentes de pessoas que vivem na mais precária territorialização ou, em outras palavras, mais incisivas, na mais violenta exclusão e/ou reclusão socioespacial, que, de acordo com o autor, estas pessoas vivem uma dinâmica de exclusão.

Como principais características dos aglomerados de exclusão, podem ser apontadas, a instabilidade e/ou insegurança sócio espacial; a fragilidade das relações entre os grupos sociais e destes com o seu espaço (não só por relações funcionais, mas também relações simbólicas) e a mobilidade sem direção definida ou também a imobilidade sem controlo do espaço. Os aglomerados de exclusão traduzem assim, a dimensão geográfica ou espacial de processos mais extremos de exclusão social porque estamos perante as populações com territorialidades precárias e muito vulneráveis. (HAESBAERT, 2004: p. 313).

Maura Vêras (2000), na obra “Trocando olhares: Uma Introdução a Construção Sociológica da Cidade”, aborda o grande número de comunidades tradicionais que se deslocaram para as cidades, sobretudo nas últimas três décadas, expostos aos problemas sociais. O processo de globalização tornou visível o “terceiromundismo dos centros urbanos, revelando uma imensa massa de excluídos, polarização das classes, gênero e raça, com crescente número de sem-terra, sem-habituação, carentes de serviços urbanos básicos” (VÉRAS, 2000, p. 20). A mesma autora continua abordando que, “as questões urbanas, a aglomeração, a segregação, as políticas urbanas, os movimentos sociais, são vistos como processos inerentes às contradições capitalistas que se manifestam na cidade”. (VÉRAS, 2000, p. 16).

Com o passar dos tempos, as famílias que se reterritorializam nas cidades vizinhas já não são reconhecidas pela população destes municípios como membros da Comunidade Quilombola Água Limpa. A proximidade entre as famílias que se reterritorializam e a população local, a convivência e o modo de vida urbano, fez com que as pessoas não os enxerguem enquanto quilombolas. Diferente das famílias que permanecem na comunidade, que os recebem como membros quilombolas, mesmo tendo saído para morar em áreas urbanas. O relato de dona Maria Benta Corrêa confirma isso, “eu penso que não mudô nada

não meu fio, os que saíro daqui foro para buscá miora e sempre estão por aqui, seja nos feriado, nas féria e nas fulia. Num deixô de ser nosso parente não”<sup>29</sup>.

O depoimento da anciã demonstra a satisfação que os membros da comunidade possuem em receber os ex-moradores, seja nos períodos de férias, feriados ou em épocas das manifestações culturais como a Folia de São João Batista e a de Santos Reis, que serão apresentados na seção seguinte.

---

<sup>29</sup> Entrevista concedida no dia 13 de março de 2020, por Maria Benta Corrêa.

### 3 RESÍDUOS DE PRÁTICAS CULTURAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA ÁGUA LIMPA: o protagonismo dos anciãos

#### O CÂNTICO DA TERRA

Eu sou a terra, eu sou a vida.  
Do meu barro primeiro veio o homem.  
De mim veio a mulher e veio o amor.  
Veio a árvore, veio a fonte.  
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.  
Sou o chão que se prende à tua casa.  
Sou a telha da cobertura de teu lar.  
A mina constante de teu poço.  
Sou a espiga generosa de teu gado  
e certeza tranquila ao teu esforço.  
Sou a razão de tua vida.  
De mim vieste pela mão do Criador,  
e a mim tu voltarás no fim da lida.  
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe Universal.  
Tua filha, tua noiva e desposada.  
A mulher e o ventre que fecundas.  
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.  
Teu arado, tua foice, teu machado.  
O berço pequenino de teu filho.  
O algodão de tua veste  
e o pão de tua casa [...]

(CORALINA, 2001, p. 2010-2011)

As famílias que moram na Comunidade Quilombola Água Limpa possuem elementos das práticas do modo de vida camponês, bem como os costumes e as tradições também ligados aos hábitos dos povos indígenas, conforme apresentado na seção anterior. Nas últimas três décadas, alguns resíduos de memórias<sup>30</sup> estão sendo deixadas e outras estão sendo recriadas, pelo processo de desterritorialização de diversas famílias entre as décadas de 1990 a 2010 para as áreas urbanas dos municípios vizinhos da comunidade.

A tendência de globalização reforça as tensões postas nas comunidades tradicionais e, nesse sentido, Hall (1999, p. 69) enuncia que “as identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização. As

---

<sup>30</sup> Lembranças de elementos culturais que sobreviveram à mudanças.

identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar”.

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituíram autênticas ressurreições do passado. (BOSI, 1994, p. 48).

Existem muitos modos residuais guardados com os anciãos da comunidade, conhecimentos de raízes e plantas medicinais do Cerrado, das épocas certas para fazer o plantio das roças e a colheita, dos rituais das folhas que existem na comunidade. Rubem Alves (2005) destaca a importância das memórias para os seres humanos.

São como pássaros em vôo. Vão para onde querem. E podemos chamá-las que elas não vêm. Só vêm quando querem. Moram em nós, mas não nos pertencem. O seu aparecimento é sempre uma surpresa. É que nem suspeitávamos que estivessem vivas! A gente vai calmamente andando pela rua e, de repente um cheiro de pão. E nos lembramos da mãe assando pães na cozinha. (ALVES, 2005, p. 14)

Com o passar dos tempos perde-se parte dos saberes pois os anciãos possuem idade avançada e vários faleceram nos últimos anos e não transmitiram estes conhecimentos aos jovens, como as rezas e os benzimentos que, em outros tempos, muitos praticavam na comunidade, enfim, são práticas perdidas pela comunidade. “A fonte mais importante da criação de valor é particularmente o saber vivo, que está na base da inovação, da comunicação e da auto-organização criativa e continuamente renovada”. (GORZ, 2005, p. 20).

A perda de parte das memórias dos anciãos da Comunidade Quilombola Água Limpa é consequência dos processos de modernização, globalização e comportamento dos jovens. Não foram e não são os anciões que não quiseram repassar parte dos seus saberes que estão guardados na memória, os jovens valorizam os conhecimentos tradicionais, mas não se interessam, não querem ser protagonistas e não os incorporam em seu cotidiano, por estarem inseridos em um cotidiano moderno, globalizado que desperta mais interesse.

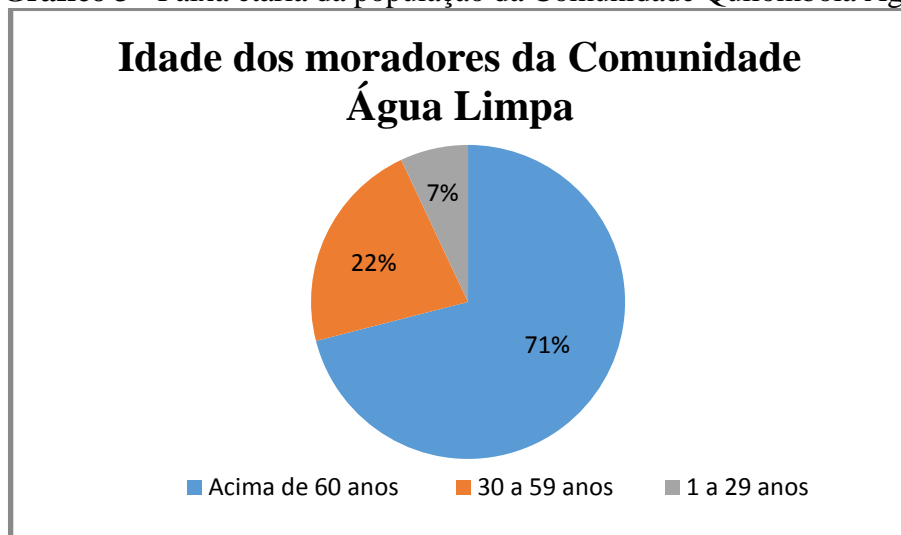
### **3.1 Saberes tradicionais guardados e praticados pelos anciãos da Comunidade Água Limpa**

A Comunidade Água Limpa, além de antiga, é um lugar da reprodução da vida e da cultura quilombola. Não se sabe ao certo quando surgiu, fato é que os atuais sujeitos que ali vivem já são a quinta geração. Em sua maioria, possuem mais de 60 anos, e isso propicia que tenham guardado na memória grande quantidade de conhecimentos. Com isso, Frentess e Wickham (1992, p. 29) discutem memória de modo que essa não se apresenta como “um mero mecanismo que copia informação e a armazena na nossa cabeça, mas também como a experiência de recuperar essa informação e a de combinar de maneira a formar pensamentos novos”.

Prosseguem Frentess e Wickham (1992, p. 20) destacando que: “quando recordamos, elaboramos uma representação de nós próprios para nós próprios e para aqueles que nos rodeiam. Assim, a maneira de se recordar revela ter atrás de si uma longa história”.

Atualmente a Comunidade Água Limpa possui um número reduzido de pessoas. São 22 homens e 29 mulheres e, dentre eles, seis são crianças e jovens, somando 51 quilombolas, distribuídos em 21 famílias. O percentual de idosos, acima de 60 anos, é alto, 71% de toda a comunidade. Outros 22% estão na faixa etária de 30 a 59 anos e apenas 7% dos moradores possuem de 1 a 29 anos (Gráfico 3).

**Gráfico 3** - Faixa etária da população da Comunidade Quilombola Água Limpa



Fonte: PASSOS, Luiz de Deus. Org. NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

A Comunidade Quilombola Água Limpa é antiga, contudo, nas últimas três décadas, vêm passando por intenso processo de desterritorialização. Pelas tensões impostas pelo agronegócio e pela ausência de políticas públicas, filhos e netos têm buscado áreas urbanas de municípios vizinhos para morar, trabalhar e estudar.

Para Miranda (2006, p. 193), o lugar vivido assume papel importante para que as memórias dos sujeitos possam ser acessadas, “os homens, enquanto agentes sociais atribuem diferentes sentidos e significados às coisas que, por sua vez, revelam um conhecimento baseado em experiências vivenciadas localmente pelos grupos aos quais pertencem”.

Dentre os conhecimentos guardados e ainda praticados pelos anciãos da comunidade, está o plantio de roças realizado com ferramentas rudimentares: foice<sup>31</sup>, machado<sup>32</sup>, enxada<sup>33</sup> e matraca<sup>34</sup>. Inicialmente, retira-se a vegetação nativa com a derrubada da mata com machado, após secar, queima-se tudo. Nessa fase, considera-se o solo pronto para o plantio de milho, arroz, e feijão, com o uso de uma matraca. Plantam também amendoim, legumes e verduras como abobora, quiabo, jiló, mandioca, alface, couve, mostarda, cebola e salsa.

A resiliência e a autoeficácia percebida atuam como forma do sujeito obter melhor qualidade de vida na superação da adversidade, envolvendo o contexto, a cultura e a responsabilidade coletiva, sendo capaz de responder de diferentes formas ante um fracasso[...]. (BARREIRA; NAKAMURA, 2006, p. 78).

Como parte dos procedimentos metodológicos, utilizou-se de registros fotográficos para ilustrar as diversas atividades e relações socioculturais existentes na comunidade. São conteúdos, que remetem a reflexões e possibilitam ver elementos que antes não tínhamos visto. Para Martins (2009, p. 17-18) [...] a fotografia não é apenas documento para ilustrar nem apenas dado para confirmar. Não é nem mesmo e tão-somente instrumento para pesquisar. Ela é construtiva da realidade contemporânea [...]. Nessa perspectiva, o autor continua destacando que, “a fotografia é tomada pelo pesquisador como um documento de sociabilidade, que expressa a diversidade de mentalidades e de perspectivas que se refletem na composição fotográfica e expressam a vivência e a experiência diferencial de classes sociais”. (MARTINS, 2009, p. 23),

A fotografia 1 apresenta uma roça plantada em 2020 por Ronie, em sua propriedade. Todos os anos ele planta milho e, após a colheita, armazena as espigas no paiol, para serem utilizadas ao longo do ano, conforme a necessidade. Os grãos servem para tratar os animais do terreiro, como porcos e galinhas durante o ano todo. A planta e a palha do milho são trituradas

---

<sup>31</sup> Ferramenta agrícola construída com aço e ferro, possui formato curvo cortante e cabo de madeira, importante instrumento de manuseio nas atividades agrícolas, principalmente para roçar e colheita de grãos.

<sup>32</sup> Ferramenta Agrícola construída com aço e ferro, tem uma das extremidades amoladas e cabo de madeira, usado para derrubamento de árvores e o corte de madeiras.

<sup>33</sup> Ferramenta agrícola construída com aço e ferro, tem o formato de uma chapa larga, achatada e afiada, à qual se adapta um cabo de madeira longo para segurá-la, geralmente usada para carpir roças e outros.

<sup>34</sup> Plantadeira manual, de ferro que permite que os agricultores plantem cuidadosamente os grãos em filas, em vez de lançar as sementes à mão.



e armazenadas para reforçar a alimentação das vacas em lactação durante o período de seca, época do ano em que afeta a capacidade de crescimento e o vigor das pastagens.

**Fotografia 1:** Roça do senhor Ronie Pinto Barroso



**Fonte:** NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

No campo, o modo de produção sempre foi importante para que os resíduos de memórias fossem repassados aos jovens, como os mutirões<sup>35</sup> e os dias trocados<sup>36</sup>. Prática que sempre foram importantes e, em outros tempos, existia em maior número, mas ainda continuam no cotidiano da comunidade. Jodelet (2001, p. 22) sinaliza que as memórias são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

A fotografia 2 revela uma tuia, comumente construída dentro de casa, utilizada pela comunidade para armazenar alimentos, geralmente arroz e feijão. Observa-se que a tuia para armazenar arroz é construída de taipa, construção rudimentar utilizando madeira cipós e barro, os grãos armazenados servem para alimentar a família durante o ano todo.

---

<sup>35</sup> Mobilização coletiva para, de forma gratuita, ajudar o vizinho com o trabalho, que varia em roçada das pastagens, plantio, capina da roça e a colheita. Prática comum entre trabalhadores do campo.

<sup>36</sup> Prática comum realizada entre camponeses, onde um vizinho vai ajudar o outro com o serviço que geralmente não pode ser realizado sozinho. Após, o vizinho que recebeu a ajuda retribui os mesmos dias de serviço quando o que ajudou precisar.

**Fotografia 2:** Tuia de arroz nas ruínas do casarão do senhor Francisco de Deus  
(*in memoriam*)



**Fonte:** NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

A tuia destinada para a armazenagem de feijão (fotografia 3) é produzida com palha trançada e barro. As duas tuias pertenceram ao já falecido Francisco de Deus avô do senhor Luiz de Deus Passos, e se encontram nas ruínas do casarão da família.

**Fotografia 3:** Tuia de Feijão nas ruínas do casarão do senhor Francisco de Deus  
(*in memoriam*)



**Fonte:** NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

Vê-se, na fotografia 4 uma máquina de pilar arroz, ainda presente na comunidade, que servia para beneficiar o grão “retirar a casca”, que pertenceu ao já falecido João de Deus, algo que a senhora Domingas Pereira Passos, esposa do senhor João, traz na memória e faz questão

de preservar. Há tempos, quando funcionava, servia a todos na Comunidade, pois os vizinhos produziam e armazenavam o arroz nas tuias e sempre que o arroz pilado estava acabando separavam uma ou duas sacas e levavam para ser beneficiado. A renda para o dono da máquina, pelo beneficiamento, era vinte ou trinta por cento do grão beneficiado.

**Fotografia 4:** Máquina de pilar arroz na propriedade da senhora Domingas Pereira

Passos



Fonte: NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

Na comunidade, funcionou por muito tempo a Escola Municipal Água Limpa, no formato multisseriado<sup>37</sup> (fotografia 5). Situava-se na propriedade da senhora Julieta Corrêa da Silva, que ali trabalhou como merendeira durante todo o seu funcionamento. A escola foi fechada em 2005, com a justificativa, por parte do poder público, de que havia poucos alunos na comunidade para estudar.

[...] As escolas multisseriadas oportunizam aos sujeitos o acesso à escolarização em sua própria comunidade, fator que poderia contribuir significativamente para a permanência dos sujeitos no campo, com o fortalecimento dos laços de pertencimentos e a afirmação de suas identidades culturais, não fossem todas as mazelas que envolvem sua dinâmica educativa (HAGE, 2006, p. 05).

---

<sup>37</sup> As escolas com classes multisseriadas são uma forma de organização de ensino na qual o professor trabalha, na mesma sala de aula, com várias séries do Ensino Fundamental simultaneamente, atendendo alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes.

**Fotografia 5:** Escola Municipal Água Limpa



**Fonte:** NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

A senhora Julieta Corrêa da Silva enfatiza em seu depoimento a importância da escola para a comunidade durante o tempo que funcionou: “eu e meu marido sempre ajudamos com a escola. Quando funcionava era bom, servia pra todos os meninos da comunidade estudar, eu trabalhava fazendo as merendas dos alunos desde quando começou até quando fechou”<sup>38</sup>.

Existem também na Comunidade Água Limpa três cemitérios, um maior e mais antigo e outros dois menores com dois ou três túmulos (Fotografia 6). O cemitério sempre se fez importante para a comunidade no sentido de ali estarem sepultados todos os antepassados. O sepultamento não é prática apenas do cristianismo, muitas culturas possuem rituais de morte, a morte é “um estágio intermediário, um sono profundo do qual acordariam no dia da ressurreição, quando as almas voltariam a habitar os corpos”. (CAPUTO, 2008, p.75).

Para Ariés (1982, p. 578-579), os cemitérios, com o tempo, “perderam gradativamente o seu aspecto mórbido e desolador para virarem local de convivência e sociabilidade. Tornaram-se guardiões da cultura e da memória de seu povo por conservarem os restos mortais de figuras ilustres”.

Os cemitérios da Comunidade Água Limpa foram desativados na década de 1990, em função de leis municipais que não mais permitiram o sepultamento de pessoas em cemitérios localizados em comunidades rurais. Atualmente, a área onde se situa o cemitério pertence à propriedade de um fazendeiro que adquiriu uma porção de terras da comunidade, portanto o maior cemitério da comunidade se encontra em propriedade privada. Fator que não afastou os valores e a representatividade que os monumentos possuem para os quilombolas da

---

<sup>38</sup> Entrevista concedida no dia 06 de janeiro de 2020, por Julieta Corrêa da Silva.

comunidade. É uma prática comum na comunidade à visitação a túmulos de conhecidos e parentes enterrados. A visitação se dá para levar velas e fazer orações em memória do falecido. Essa prática se realiza sempre no dia em que faz ano que o ente querido faleceu ou no Dia de Finados<sup>39</sup>. A visitação aos cemitérios na comunidade é uma forma de os visitantes manterem acesso às memórias dos entes falecidos.

**Fotografia 6:** Cemitério da Comunidade Quilombola Água Limpa



**Fonte:** NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

Existe uma grande quantidade de conhecimentos guardados na memória pelos anciãos da comunidade que estão ligados à cultura indígena e à camponesa, que vão desde a forma de cultivar as roças, das épocas certas para o plantio, os conhecimentos de plantas medicinais do Cerrado, da importância das folhas e da fé nos santos, e do respeito que uma família possui com a outra. Muitas práticas e costumes ficaram guardados na memória dos anciãos, pois grande parte dos filhos e netos se mudou da comunidade para municípios vizinhos a partir da década de 1990, porém, na última década, estão sendo resgatados com o retorno dos jovens para a comunidade em épocas de férias, feriados, nas rezas dos terços e nas festas de folias. Essa realidade faz com que a identidade cultural e os saberes tradicionais possam ser mantidos com os jovens, mesmo que não vivem mais na comunidade.

A senhora Maria Benta Corrêa, anciã da comunidade, sempre faz questão de relatar esses conhecimentos e as dificuldades que a comunidade enfrenta. Dona Maria sempre enfatiza a sua devoção aos santos e as graças que sempre alcançou pela fé, “os poso de folia

---

<sup>39</sup> Dia de Finados ou Dia dos Mortos é celebrado pela Igreja Católica no dia 2 de novembro. Dia em que os cristãos visitam os túmulos para rezar pelos entes queridos falecidos.

eu e minha família sempre demo com muita devoção porque Deus e os santo sempre tem me dado muita graça”<sup>40</sup>.

As entrevistas de história de vida são um tipo de experiência em que se trabalha basicamente com a memória. O depoente, consciente ou inconscientemente, seleciona determinados assuntos para se aprofundar e afasta outros da discussão. Normalmente longas, as entrevistas de história de vida levam tanto os entrevistadores – que desejam testar, confirmar ou esclarecer fatos que permaneceram nublados – como o depoente – que tem interesse em reforçar ou explicar algumas ideias ou momentos de sua vida – a voltar inúmeras vezes aos mesmos temas ou acontecimentos. Mas assim como existem recorrências, existem também silêncios e esquecimentos, que podem ser voluntários ou não. (FERREIRA, 1998, p. 139).

Na pesquisa de campo realizada no mês de março de 2020, vale ressaltar o registro da memória do ancião da comunidade e embaixador das folias, Joaquim Corrêa da Silva, atualmente morador da área urbana de Goiás, e que aceitou gentilmente o convite para acompanhar a pesquisa do dia. Ainda no trajeto para a comunidade, o senhor Joaquim relatou que já fizera o mesmo percurso entre as décadas de 1960 e 1980 a cavalo e carro de boi. As viagens da comunidade para Goiás eram para levar mantimentos que produziam na comunidade e trocar pelo que não produziam:

Nas viagens a cavalo nós gastava quatro dia de ida e vorta, passava a noite embaixo de árvore e no raíá do dia saía de viagem novamente. Quando era muito mantimento pra levar ou trazê ía de carro de boi, aí a viagem durava de sete a oito dia. Não podíá ir muito dipressa pra não cansar os boi<sup>41</sup>.

Já no território da Comunidade, o senhor Joaquim revelou a quantidade de pessoas que moravam nas margens do ribeirão Água Limpa e que atualmente só existem os vestígios dos ranchos<sup>42</sup>: “me lembro bem do lugá onde era cada rancho, cada família que morava em cada lugá”<sup>43</sup>. Outro costume presenciado nesse dia foi quando, ao visitar o senhor Emílio, filho do senhor Joaquim, o pesquisador propôs para que ele permaneça com seu filho enquanto se prosseguia as visitas a outros sujeitos da comunidade. No entanto, ele foi enfático em dizer que iria também, pois o seu pai tinha lhe ensinado a sair e voltar junto com quem ele havia se comprometido com a viagem: “o meu pai me ensinô que quando a gente sai pra acompanhá

---

<sup>40</sup> Entrevista concedida no dia 13 de março de 2020, por Maria Benta Corrêa.

<sup>41</sup> Entrevista concedida no dia 13 de março de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.

<sup>42</sup> É um termo que designa um abrigo rústico, típico dos climas tropicais, coberto de palha ou sapé. Também são chamados de choupana, choça, caluje e tugúrio.

<sup>43</sup> Entrevista concedida no dia 13 de março de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.

arguém, a gente tem que í e vortá com a pessoa”<sup>44</sup>. Essas heranças fazem parte dos residuais de memória e da ética que os povos tradicionais mantinham com muita responsabilidade.

Outro saber que chamou a atenção foi sobre os motivos que o leva a realizar as Folias de São João e Santos Reis todos os anos. Ele esclareceu que foi o que Deus e seu pai deixaram como missão para que ele realizasse enquanto tivesse vida e saúde: “aquilo que Deus manda nois fazê a gente tem que cumpri”<sup>45</sup>. As falas dos anciãos sempre revelam saberes importantes não só dos costumes e tradições da comunidade, mas do respeito que eles têm aos seus antepassados.

A história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico; inicialmente, sem muito alarde, entre os etnólogos, depois, mais recentemente, com estardalhaço, entre os sociólogos. Falar de história de vida é pelo menos pressupor e isso não é pouco que a vida é uma história [...] (BOURDIEU, 2006, p. 183).

Os anciãos possuem vasto conhecimento de raízes e plantas medicinais do Cerrado, advindo da cultura indígena e camponesa, e as usam para curar enfermidades deles próprios, da família, e dos animais, como afirma o entrevistado a seguir. Ronie Pinto Barroso destaca que os conhecimentos que tem sobre as plantas medicinais foram passados pelos seus pais: “o meu pai e minha mãe sempre me ensinô para que serve cada raiz e cada pranta, sempre que saía pro mato com o pai ele ia mostrano e falano pra que servia cada uma, o poco que sei hoje aprendi assim”<sup>46</sup>.

Observa Oliveira (1985, p. 7) ser “grande o conjunto de pessoas que, em diferentes circunstâncias e com diferentes concepções, opiniões e valores sobre a medicina popular, usam o arsenal de técnicas, conhecimentos e práticas que ela encerra”.

Também sobre o saber de plantas medicinais, o senhor Luiz de Deus Passos enfatiza que a experiência que possui sobre raízes e plantas medicinais do Cerrado foi também repassada pelos pais e pelo avô.

O pouco conhecimento que tenho sobre raiz e planta medicinais eu aprendi com meus pais e meu avô, meu avô Francisco de Deus, conhecido como Chico de Deus, um homem muito sábio se considerarmos a época que ele viveu, sempre tentou passar os seus conhecimentos para os filhos e netos. Eu, como neto, sempre ficava atento aos seus ensinamentos. Quando saíamos para o mato, ele sempre mostrava as plantas e falava para qual doença aquela planta curava e isso variava desde problemas renais a picada de cobras. Ele conhecia muitas plantas que curava os animais, até mesmo

---

<sup>44</sup> Idem.

<sup>45</sup> Entrevista concedida no dia 13 de março de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.

<sup>46</sup> Idem.

porque naquele tempo só se usava os conhecimentos que eles tinham mesmo não existia veterinários para curar um animal<sup>47</sup>.

As rezas e benzimentos são práticas comuns em comunidades rurais e comunidades quilombolas, usadas não só por pessoas enfermas em busca de cura, mas também de pessoas para curar animais doentes e por proteção dos quintais e propriedades. Para Oliveira (2006),

[...] a crença no mistério e na magia e sua vivência através de rituais torna parte das experiências concretas de vida dos que se sentem à margem do progresso e de suas vicissitudes. Ir ao curandeiro é um ato de fé, mas também é, certamente, uma prática coletiva de um grupo social do qual se faz parte. Participar enquanto crente envolve não só uma situação econômica como também uma postura cultural. Crer se vincula ao pertencimento, à tradição, à memória, à história de vida construída socialmente (OLIVEIRA, 2006, p. 15).

Complementa esse raciocínio Gomes; Pereira (2002, p. 28) sustentando que “a benção é uma fala ao inconsciente coletivo de onde se retira a doença e onde se coloca, pela palavra, a saúde, restaurando-se o equilíbrio. Durante o período de permanência da desarmonia, o benzedor mantém a esperança e a calma, com a palavra e o gesto mágico”. Para Machado (1997):

É a integração homem/natureza, base do pensamento místico, que explica o papel decisivo dos elementos naturais nas benzeções. Além da palavra recitada a presença de elementos tais como a água, o fogo, o ar, a terra e a vegetação concorrem para o extermínio do mal. A água, fonte de vida fortalece revifica. O fogo simboliza a iluminação, a purificação, por isso destrói o mal através da queima. O ar, associado ao vento, transfere a força vital das palavras. Nesse sentido, os ramos verdes, as folhas agitadas produzem a aragem que imortaliza através da vida espiritual. A terra em oposição ao céu, por suas características femininas, é mãe, nutriz, protege contra o aniquilamento das forças humanas, é símbolo de fertilidade (MACHADO, 1997, p. 238).

Com relação às rezas e aos benzimentos, os relatos dão conta de que há muito tempo não existe ninguém na comunidade que saiba praticar tais rituais. O senhor Joaquim Corrêa da Silva pondera que, “o benzedô que tinha na Água Limpa já morreu há uns trinta e cinco ano, ele binzia de cobra, binzia as criação e as criança, de lá pra cá ninguém mais benze”<sup>48</sup>. Oliveira, (2006, p. 15) acrescenta que “ir ao curandeiro é um ato de fé, mas também é, certamente, uma prática coletiva de um grupo social do qual se faz parte”. Outro entrevistado

---

<sup>47</sup> Entrevista concedida no dia 13 de março de 2020, pelo pastor da comunidade e presidente da Associação Quilombola Água Limpa: Luiz de Deus Passos.

<sup>48</sup> Entrevista concedida no dia 13 de março de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.



assevera que “Os benzedores da comunidade já faleceram todos, é um ofício que os mais novos não aprenderam não se interessaram e aqui já não existem estas práticas mais não”<sup>49</sup>.

O senhor Ronie Pinto Barroso enfatiza que os jovens da comunidade nunca se interessaram em aprender as rezas e benzimentos realizados pelos anciãos e quando algum quilombola da comunidade necessita de algum benzimento vão buscar em cidades vizinhas. “Aqui ninguém sabe benzê mais não, os novo nunca se interessô em aprendê e os veios foi acabano tudo. Quando alguém daqui qué benzê tem que procurá fora porque aqui ninguém mais sabe”<sup>50</sup>.

As rezadeiras e os benzedores possuem grande importância nas comunidades, essas práticas geralmente estão ligadas ao catolicismo, no entanto, em uma escala temporal mais remota, pode-se atribuir também como saberes de matrizes africanas. As pessoas que possuem este dom geralmente são os anciãos, conhecidos e respeitados por realizar as rezas e benzimentos. “O sentido dessas práticas curativas advém da sua eficácia simbólica que só privilegiam aqueles portadores da fé”. (MACHADO, 1997, p. 6). As rezas e benzimentos são práticas da religiosidade popular, no qual Suess (1979, p. 14) sinaliza ser “[...] a totalidade de convicções e práticas religiosas, formadas por diferentes grupos étnicos e sociais na confrontação das suas culturas típicas com o cristianismo, como cultura dos povos dominantes”.

Esses sujeitos são importantes no cotidiano das comunidades tradicionais que, além das rezas e benzeção, são conhecidos por orientar e aconselhar quem os procuram, Eliade (2001, p. 97) esclarece que, “o homem religioso assume um modo de existência específica no mundo, e, apesar do grande número de formas histórico-religiosas, esse modo específico é sempre reconhecível”. A mesma autora continua sustentando que “o desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão” (ELIADE, 2001, p. 20).

Com relação às religiões de matrizes africanas, Bastide (1985) aponta que no Brasil existem várias manifestações religiosas ligadas às matrizes africanas, as mais conhecidas são: Batuque, Candomblé, Cabula, Culto aos Egungun, Catimbó, Umbanda, Quimbanda, Xambá e Omolocô. Marcado por um contexto histórico de busca por reconhecimento junto ao Estado,

---

<sup>49</sup> Entrevista concedida no dia 13 de março de 2020, pelo pastor da comunidade e presidente da Associação Quilombola Água Limpa: Luiz de Deus Passos.

<sup>50</sup> Entrevista concedida no dia 13 de março de 2020, por Ronie Pinto Barroso.

Giumbelli (2008, p. 81) assevera que, “a presença do religioso na sociedade está sempre relacionada com os dispositivos estatais, apesar ou por causa da laicidade”.

Na Comunidade Água Limpa existe traços das religiões de matrizes africanas, porém os anciãos ainda vivos da comunidade nunca participaram ou presenciaram esses rituais, no entanto, de formas sutis, elas aparecem com as visitas aos túmulos dos ancestrais no Dia de Finados, nas relações com os santos católicos e na maneira e nas épocas certas de plantar, que se destaca na cultura camponesa e indígena, mas tem também origem de matrizes africanas.

Sobre os rituais, apenas ouviram relatos dos pais e avós. Portanto, por cerca de 7 décadas não se tem mais essas práticas, como afirma Dona Maria Benta Corrêa, “eu na idade que eu tô, meu fio, não tem essas religião aqui não, meus avô contava que antigamente na época deis tinha, uns que dia de sexta fera de noite fazia macumba na incruziada. Mais de quanto eu nasci pra cá não tem isso não”<sup>51</sup>. Questionada sobre o desaparecimento destas práticas religiosas ligadas aos antepassados, ela continua relatando que: “eu acho que isso não têm porque o povo passô a sigui as coisa da roça, as reza, os benzedô. Quando um minino ficava duente levava pra benzê, eu memo levei dimais os meu, e sarava rapidim, era bão dimais, mais até isso acabô, foi acabano tudo”<sup>52</sup>.

Em conversas com outro ancião da comunidade, o senhor Joaquim Corrêa da Silva, também relata, que durante o tempo que morou e que conhece a comunidade, nunca existiram práticas religiosas ligadas às matrizes africanas, apenas ouviu relatos dos tios que em outros tempos tenha existido.

Eu tô com 89 ano, eu nasci e fui criadu na Água Limpa, nesse tempo nunca vi nada de macumba na comunidade. Meus, os meu tio falava que na época deles tinha, mais era poco. Eu acho que isso foi acabano porque os que sabia foi morreno tudo. Na minha época usava era as raiz do mato e benzê, binzia os terrero pra peste das galinha, binzia pra afastá as cobra, binzia os minino e as criação e até isso acabô com os que morreu. Os novo não aprendeu por farta de interesse memo<sup>53</sup>.

Em entrevista, o vice-presidente da Associação Quilombola Água Limpa, José Corrêa da Silva, acredita terem existido práticas religiosas de matrizes africanas na comunidade: “eu acredito que antigamente existia sim Macumba, Candomblé, por que isso era tradição dos escravos, nossos antepassados. Mas é o que meus avós contava. Acho que acabou porque, os que sabia foram morrendo e as pessoas começaram a fazer as reza e benzimentos”<sup>54</sup>.

---

<sup>51</sup> Entrevista concedida no dia 23 de junho de 2020, por Maria Benta Corrêa.

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> Entrevista concedida no dia 27 de junho de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.

<sup>54</sup> Entrevista concedida no dia 25 de junho de 2020, por José Corrêa da Silva.

Os relatos dos entrevistados revelam que existiram práticas religiosas de matrizes africanas na Comunidade Água Limpa, porém, apenas ouviram relatos de familiares que existiam há muitas décadas, ambos nunca presenciaram e não foram capazes de descrever quais.

Os relatos dão conta de que estas práticas foram sendo substituídas por práticas ligadas ao catolicismo popular negro/preto, como as rezas e benzimentos e os conhecimentos tradicionais com raízes e ervas do Cerrado, que tempos depois também foram se perdendo com o falecimento dos anciãos que possuíam o saber e realizavam estas práticas. Ainda hoje existe um vasto conhecimento dos quilombolas sobre plantas e raízes medicinais do Cerrado, das fases da lua para o plantio e a colheita e dos festejos das folias e rezas de terço.

Algumas práticas populares se perderam, principalmente pelo fato de os jovens não se interessarem em cultivar os saberes dos anciãos, uma vez que se deslocaram para os centros urbanos, na década de 1990, e se distanciaram dos costumes e das tradições. Entretanto, na última década, os familiares que se deslocaram para os centros urbanos estão retornando para a comunidade com frequência e participando dos costumes e tradições da comunidade, conteúdo a ser discutido na subseção a seguir.

### **3.1.1 Migração dos jovens da Comunidade Quilombola Água Limpa e a manutenção das relações com o lugar**

Atualmente existem poucos jovens vivendo na Comunidade Água Limpa. Grande parte se deslocou para os centros urbanos dos municípios vizinhos, a partir da década de 1990. A saída desses jovens se deu por vários motivos, dentre eles, os que se destacam são a busca por estudo e por trabalho, haja vista que, na comunidade, estava escasso e só conseguiam trabalho em fazendas vizinhas. No entanto, as técnicas modernas de produção, com o uso de maquinários e de agroquímicos, dizimou diversos serviços nas fazendas. Corroboram Aubertin e Pinton (2007, p. 20) ao afirmarem que “os saberes locais, há muito tempo desqualificados pela modernização agrícola, estão em regressão por estarem enfraquecidos por não serem transmitidos”.

Quanto à educação, na comunidade, a única escola só atendia os alunos da primeira fase do ensino fundamental, embora mesmo os que se mudaram para áreas urbanas de municípios vizinhos poucos conseguiram estudar, devido às longas jornadas de trabalho. Muitos quilombolas, quando saíram da comunidade, eram jovens, os primeiros a se

deslocarem saíram no início da década de 1990, atualmente são adultos e constituíram famílias. Trabalham em diversos seguimentos, como comércio, vendedor ambulante, supermercados, construção civil entre outros.

Observa-se, nos relatos a seguir, que o principal fator da perda de parte dos saberes tradicionais guardados pelos anciãos e repassados aos jovens, foi a desterritorialização, ou seja, o deslocamento dos filhos e de famílias inteiras da comunidade para os municípios vizinhos.

Eu quando mudei pra Goiás era novo ainda, e morano na cidade a gente perde um pouco dos contato. Então esse aprendizado de pranta roça, colhe, do tempo certo pra cada coisa, das fase da lua eu não aprendi. Eu não aprendi por ter mudado pra cidade e os avôs faleceu e acabô não passando esses conhecimento pra nois. Eu com a fé que sempre tive em Deus e nos santo venho todo os anos ajudando nas folia, pra aprendê a tradição dos meus avôs e dos meus tio<sup>55</sup>.

Nesse contexto, Tuan (1983, p. 15) afirma que as relações entre as pessoas “na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado”. Também sobre a perda de parte dos conhecimentos tradicionais da comunidade, Ismael Corrêa da Silva afirma que o deslocamento de várias famílias da comunidade para municípios vizinhos foi determinante para isso. O entrevistado relata que ele e sua família têm retornado para a comunidade para participar e contribuir com a manutenção dos costumes e tradições com frequência.

Eu penso que o que atrapaiô os jovem da comunidade a aprender sobre as tradição foi ter mudado da comunidade, por que se tivesse morano na comunidade tinha aprendido as tradição dos mais velho. Acaba que na cidade os jovem vai interessá pelas coisas da cidade, convivendo com um número maió de pessoas, com internet e televisão muitos conhecimento dos mais velho foi acabano, como as benzeção, das raiz do mato. Eu e minha família nos últimos anos têm tentado ajudar a fazê as folias e passar isso pras minhas filhas e num deixá a tradição acabar<sup>56</sup>.

Dentre os vários costumes existentes na comunidade, os casamentos entre primos já não existem há muito tempo, pois quando os jovens se deslocaram para os centros urbanos dos municípios vizinhos, naturalmente se relacionaram com pessoas até então desconhecidas e com isso constituíram famílias. Esses casamentos promovem hibridação de hábitos e costumes, como afirma Santos (2006, p. 8) que “cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes,

---

<sup>55</sup> Entrevista concedida no dia 6 de janeiro de 2020, por Divino Corrêa da Silva.

<sup>56</sup> Entrevista concedida no dia 1º de fevereiro de 2020, por Ismael Corrêa da Silva.

concepções e as transformações pelas quais estas passam”. O relato a seguir, do senhor Joaquim Corrêa da Silva, um dos anciãos da comunidade, confirma os depoimentos anteriores.

Eu tenho pra mim que os costume e a tradição vem perdeno sim. Os novo sempre foi se distanciano dos costume. E com a maioria mudano pra cidade muita coisa perdeu. Por exemplo os que muda adquire famia com otos costume e a tradição vai perdeno. Antigamente na comunidade os casamento eram todo de dentro da comunidade, primo com prima. Então tem muita coisa que acabô quando os véi foi morreno, por isso que todo os ano nós reúne com os companhero pra saí com a folia e ensina os novo pra que eles possa continuá quando nós não tivé mais aqui<sup>57</sup>.

As Folias de São João Batista e de Santos Reis, nos últimos anos, vêm mobilizando muitos jovens que moram nos municípios próximos à comunidade, a participarem, principalmente os que moram na cidade de Goiás, fazendo surgir, nesses sujeitos, um processo resiliência. Por resiliência entende-se ser “um comportamento diante da adversidade e não uma característica permanente de personalidade, isto é, não se é resiliente como característica geral, mas existe o potencial de ter comportamentos adequados diante de diferentes vulnerabilidades”. (SOBRARE, 2020, p. 12).

Cosgrove (2004, p. 101) enfatiza que “a cultura não é algo que ‘funciona’ através dos seres humanos; pelo contrário, têm que ser constantemente reproduzida por eles em suas ações, muitas das quais são ações não reflexivas rotineiras da vida cotidiana”. Os anciãos da Comunidade Água Limpa nunca omitiram os conhecimentos tradicionais aos jovens, contudo, com os processos de modernização e globalização, os jovens se deslocaram para os centros urbanos, mas ainda estão inerentes aos saberes que se encontra nos costumes, tradições e identidade camponesa presente na comunidade, como podemos observar a seguir.

### **3.2 O Cotidiano da Comunidade Quilombola Água Limpa e a identidade camponesa: importância das mulheres na produção alimentar**

Os sujeitos da Comunidade Quilombola Água Limpa vivem do que produzem e compram os produtos não gerados em suas propriedades nas cidades de Goiás e Faina. Nem todas as famílias plantam roças como antigamente, isso pelos altos custos com os plantios e pelos prejuízos com os períodos de estiagem. As famílias que plantam armazenam os grãos para alimentar os animais durante o ano.

---

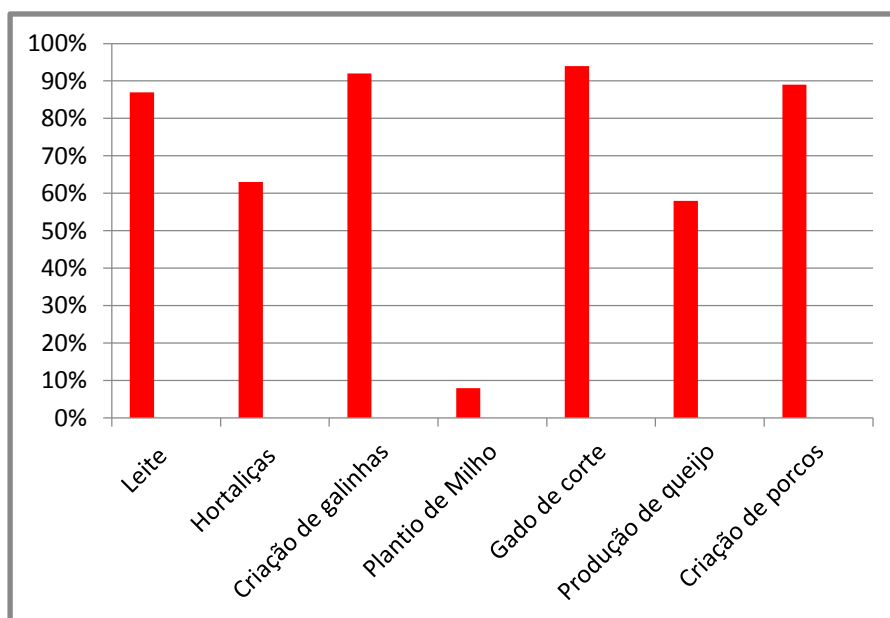
<sup>57</sup> Entrevista concedida no dia 13 de março de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.

Leite (2008) apresenta a forma de cultivar pequenas lavouras em forma de pequenas roças e o trabalho realizado de maneira rudimentar.

As lavouras recebem os cuidados de forma bastante simples no tocante ao modo de limpar as plantações ou fazer as colheitas. A primeira acontece de modo bem tradicional através de enxada onde os próprios homens fazem a limpeza ou com carpideira onde o trabalho de arrastar fica por conta dos animais. O plantio da semente pode variar entre usar ferramentas como enxadão, enxada, plantadeira de mão ou de trator. (LEITE, 2008, p. 22).

Um fator que contribui para o pouco número de famílias que cultivam roças é a média de idade das pessoas que vivem na comunidade que é alta. Com idade avançada, não conseguem mais cultivar roças. Fator que fez com que nos últimos 15 anos as famílias investissem em gado de leite. Desse modo, a atividade leiteira é a principal atividade desenvolvida pelas famílias na comunidade, com 87%, seguida de 63% com cultivo de hortaliças, e apenas 8% plantam milho. 93% das famílias também têm investido em gado de corte, 92% criam galinhas, 89% criam porcos, e 58% das famílias fabricam queijo (gráfico 4).

**Gráfico 4** – Atividades desenvolvidas por cada família na Comunidade Quilombola Água Limpa



**Fonte:** Pesquisa de campo. **Org.** NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

De acordo com esses dados, percebe-se que a produção das famílias é diversificada, com investimento em gado de leite e gado de corte e a venda de bezerros, na mesma propriedade. As cultivares de hortaliças, criação de galinhas, produção de queijo e ovos, em primeiro plano, destina-se a suprir as necessidades da família, apenas o excedente é

comercializado. Geralmente quando vão fazer a compra do mês, aproveitam para levar o que está sobrando para comercializar, a chamada economia de consumo que sempre sobra para vender.

[...] produção para sustentação familiar ou de trocas de produtos por produtos, em comunidades camponesas tradicionais, mas já integradas ao mercado. Diferente da economia de mercado, considerado “economia de excedente produção para além do consumo, o excedente comercializável” (BRANDÃO, 2009, p. 45).

De acordo com Woortmann (1990, p. 39), para o camponês, “vender a própria produção é realizar o valor monetário do trabalho, é expressão de autonomia camponesa”. A fotografia 7 expõe as vacas destinadas à produção de leite na propriedade do senhor Luiz de Deus Passos, que há vários anos tem investido em melhoria do gado a fim de uma maior produtividade leiteira.

**Fotografia 7:** Gado destinado à produção leiteira



**Fonte:** PASSOS, Luiz de Deus, (2020).

As mulheres camponesas sempre tiveram a função de cuidar da família e dos afazeres domésticos. É louvável o reconhecimento de que as mulheres têm no cumprimento de funções importantes no país, e nas comunidades tradicionais não são diferentes. Segundo Sales (2007, p. 437), “a presença das mulheres rurais na produção agrícola familiar é um fato. Mesmo na invisibilidade, não se pode negar que elas estão ocupando terras, plantando, colhendo e cultivando o desejo de ter uma terra livre e usufruí-la com seu trabalho”.

Essa importância que as mulheres possuem no campo está revelada na fotografia 8, com a produção de polvilho e farinha de mandioca. A mandioca é descascada e ralada, em seguida, a massa é lavada, e da água se faz o polvilho, que servirá para diversas receitas, inclusive bolos, a massa da mandioca é torrada, e se transforma em farinha que serve como complementação da alimentação da família.

**Fotografia 8:** Produção de polvilho



Fonte: PASSOS, Luiz de Deus, (2020).

Outra tarefa que geralmente é desempenhada pelas mulheres e filhos é o cultivo de hortaliças (fotografia 9). As hortas produzem as verduras e legumes que as famílias consomem no dia a dia e geralmente são as mulheres e crianças que plantam, regam e colhem o que se assemelha com a cultura dos povos indígenas.

**Fotografia 9:** Produção de hortaliças para o consumo familiar



Fonte: PASSOS, Luiz de Deus, (2020).



A criação de porcos (fotografia 10), função que no campo geralmente também é executada por mulheres e crianças, é também uma atividade de fundamental importância para o sustento das famílias, pois garante a carne e a banha para o preparo dos alimentos. Quando o número de cabeças se torna elevado, parte é vendida ou trocada por outro tipo de alimento. Melo (2006, p. 2) corrobora essas afirmações ao declarar que “já se sabe, que em nível mundial as agricultoras contribuem ativamente para produção dos alimentos básicos, sendo a responsável por mais de 50% dos gêneros alimentícios produzidos”.

**Fotografia 10:** Criação de porcos



Fonte: PASSOS, Luiz de Deus, (2020).

Até o século passado, desde muito novas, as mulheres no campo eram ensinadas/educadas basicamente para os afazeres domésticos. Uma relação de patriarcalismo e submissão aos maridos. Segundo Pacheco (1996, p. 1), o trabalho “realizado pelas mulheres no âmbito da agricultura familiar é grandemente subestimado pelas fontes estatísticas oficiais, pois parte-se da premissa que a mulher ocupa o espaço da casa e que sua ocupação principal é, portanto, a atividade doméstica”.

Essa relação de poder ainda se encontra arraigada no campo, onde os homens geralmente não executam tarefas como lavar roupas, preparar as refeições, lavar as louças e cuidar dos filhos. São consideradas por muitos como tarefas da figura feminina.

[...] a existência de relações de gênero marcadas por uma hierarquia entre os sujeitos – assumindo os homens posição dominante – e por uma divisão de atribuições assimétricas valorizadas – a divisão sexual do trabalho, ficando as mulheres responsáveis pela reprodução e pelas tarefas domésticas, que são esferas menos valorizadas, e os homens pelo que denominou esfera da

produção e pelas atividades conduzidas na vida pública, ambas mais valorizadas na vida social. (ARAÚJO; SCALON, 2005, p. 9).

Na contemporaneidade, ainda se encontra presente no espaço urbano e no rural com mais força estigmas de inferioridade da figura feminina no mercado de trabalho, na vida social e no cotidiano familiar. Também sobre isso, Foucault (1995) ressalta que:

[...] se exercem por um aspecto extremamente importante através da produção e da troca de signos; e também não são dissociáveis das atividades finalizadas, seja daquelas que permitem exercer este poder (como as técnicas de adestramento, os procedimentos de dominação, as maneiras de obter obediência), seja daquelas que recorrem, para se desdobrarem, a relação de poder (assim na divisão do trabalho e na hierarquia das tarefas). (FOUCAULT, 1995, p. 241).

Vivemos em um contexto globalizado que as relações sociais ainda pregam a inferioridade da figura feminina em diversos setores da sociedade. A humanidade ainda necessita incessantemente de mudanças de paradigmas e da busca por garantias de igualdade social, familiar e cultural. Na comunidade quilombola, as mulheres contribuem de forma significativa para o sustento das famílias, contribuem nas atividades corriqueiras, cuidando da horta e do pomar, garantindo a alimentação da família.

### **3.2.1 Metamorfoses no modo de vida dos quilombolas nas últimas três décadas e a revalorização do lugar**

Os quilombolas da Comunidade Água Limpa buscaram o sustento das famílias por meio do plantio de alimentos com roças, horta e as frutíferas dos quintais, e a criação de animais. A realização de trocas do excedente entre os vizinhos em todo o tempo garantiu que todos tivessem alimentos em suas casas, particularidades do modo de vida camponês.

Nas últimas três décadas, o intenso processo de globalização e modernização fez com que a comunidade passasse por diversas mudanças como a inserção de eletrodomésticos e eletroportáteis que promoveram metamorfoses nos diversos hábitos quilombolas.

Um exemplo típico era a não existência de geladeiras na comunidade e, para a conservação de alimentos, eram realizadas variadas habilidades pelas famílias, como a salga e a secagem de carnes e a preparação e acondicionamento de carnes em latas com banha de porco para consumir por um longo período de tempo. Outro exemplo é na preparação dos alimentos exclusivamente no fogão de lenha, por não possuírem fogão a gás. Também o único

meio de comunicação existente, há tempos atrás, era o rádio a pilha, e a transmissão de notícias entre os vizinhos, a partir das visitas que eram comuns.

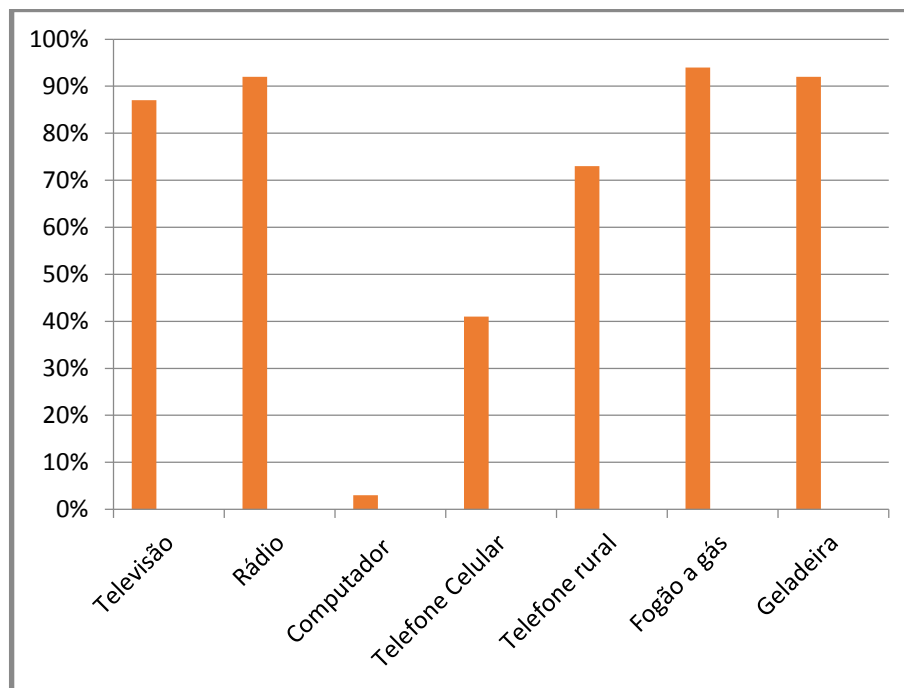
Em meados de 1995 para 1996, início do primeiro mandato do governo de Fernando Henrique Cardoso, foi instalada energia elétrica em 70% das residências da Comunidade. Os demais moradores foram incluídos gradativamente no processo de inserção social do campo. A eletrificação rural é uma função social do Estado concedida às concessionárias, que comercializam a energia. Ainda são comuns os problemas com a eletrificação rural, apesar de ser uma atividade bastante lucrativa para as concessionárias.

Quando se percebe a ideia da energia elétrica como um bem público, a eletrificação fica caracterizada como um processo social. É um serviço público, objeto de um poder concedente, objeto de uma decisão do estado em concedê-la. O estado outorga esse poder à concessionária. E é justamente o substrato político da empresa concessionária que faz ou não florescer o processo de eletrificação. (RIBEIRO, 1993 p. 47)

Isso propiciou que as famílias adquirissem diversos eletrodomésticos e eletroportáteis. Nesse sentido, a pesquisa registrou 87% das residências com televisão e 92% possuem rádio, o que demonstra que grande parte dos moradores na comunidade tem acesso a dois dos meios de comunicação mais importantes do país.

Poucas famílias possuem computador em casa, apenas 3%, ocasionado pela dificuldade de acesso à internet. Por outro lado, grande parte das residências têm telefone rural, 73%, e 41% dos sujeitos possuem telefone celular. Com relação aos eletrodomésticos de cozinha, em 94% das residências dispõem de fogão a gás, no entanto, vale ressaltar que grande parte das famílias não abriu mão do fogão a lenha, geralmente fazem uso dos dois, e a geladeira também é um eletrodoméstico presente em praticamente todas as residências, somando 93% (gráfico 5).

**Gráfico 5** – Eletrodomésticos e eletroportáteis que as famílias possuem em casa atualmente

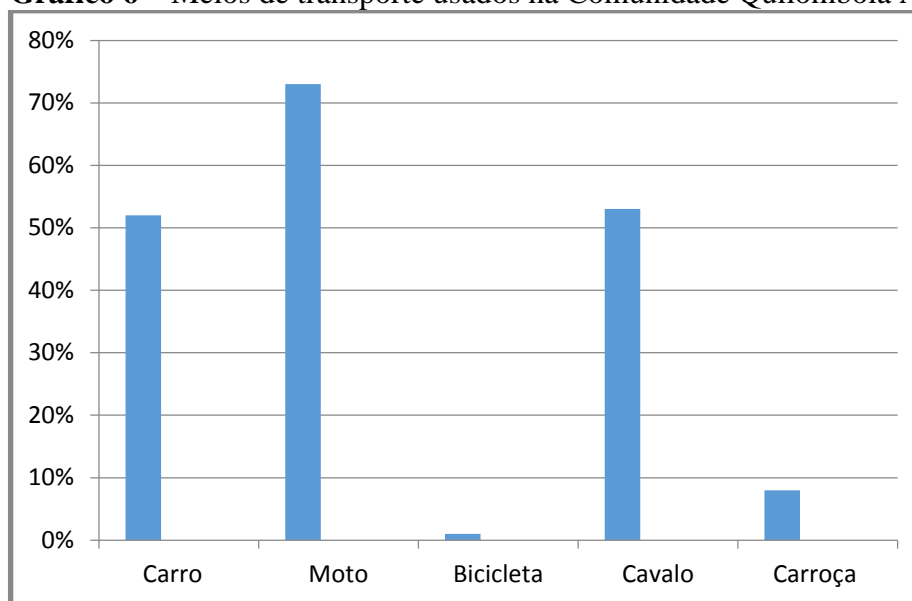


Fonte: PASSOS, Luiz de Deus. **Org.** NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

Outro hábito que sofreu brusca transformação foi o meio de locomoção interna dos quilombolas na comunidade e desta para municípios vizinhos. Até meados da década de 1990, esses sujeitos circulavam pela comunidade a pé ou utilizavam meios de transportes de tração animal, ou seja, faziam uso de cavalo, carroça e carro de boi. Deus (2000, p. 147) destaca que, “os carros de boi, juntamente com os muares, eram os responsáveis pelo transporte e para a comercialização e a distribuição dos produtos rurais goianos, além de atender a região de artigos indispensáveis”.

Atualmente, na comunidade já não se usa mais os mesmos meios de transportes usados em décadas passadas, o carro de boi está em desuso, havendo apenas duas famílias que ainda o preservam em suas propriedades, porém guardados como relíquias. As famílias, em sua maioria, usam carros, motos e ainda se utilizam de cavalos, seja para se deslocarem pela comunidade, para outras localidades, ou trabalhar. Desse modo, 52% possuem carros, 73% motocicletas, e apenas 1 % dispõem de bicicletas, entretanto 53% também se utilizam de cavalos para diversos serviços, como a lida com o gado e para chegar a lugares de difícil acesso, e com relação ao uso de carroças, apenas 7% das famílias (gráfico 06).

**Gráfico 6** – Meios de transporte usados na Comunidade Quilombola Água Limpa



**Fonte:** PASSOS, Luiz de Deus. **Org.** NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

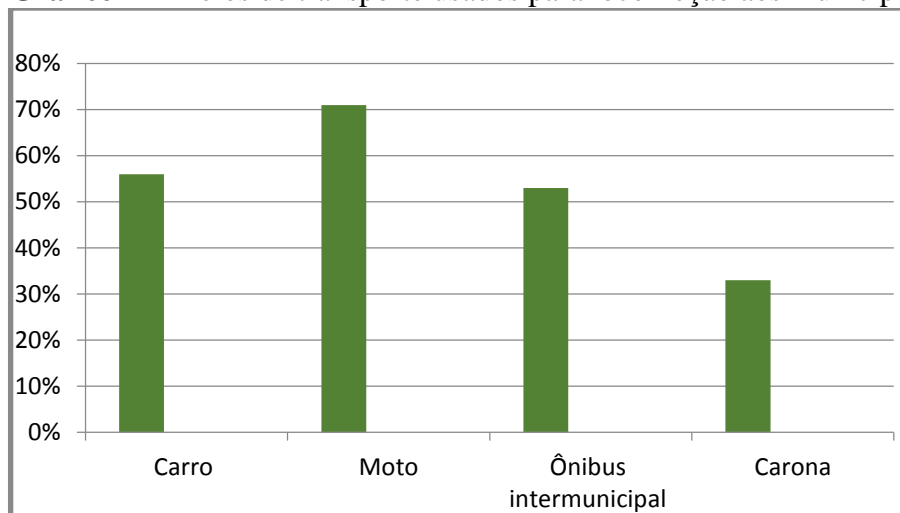
Até meados de 1980, era comum o deslocamento, sempre que necessário, para o município de Goiás para trocar alimentos que produziam e comprar o que não possuíam na comunidade, e esse transporte era realizado por meio de montagem a cavalo e carro de boi. Após essa década, começou a circular ônibus intermunicipais que atendiam a demanda dos moradores, e geralmente passavam próximo à Comunidade duas vezes ao dia, possibilitando ir para Goiás de manhã e retornarem à tarde. Os ônibus partiam de Goiânia, capital do estado, e tinha como destino o município de São Miguel do Araguaia, todos dentro de território goiano.

Para Kneib (2013, p. 152), “o sistema de transporte surge para dar mobilidade aos indivíduos em função da necessidade de integração dos mesmos com as diferentes atividades que são definidas pelo uso e ocupação do solo”. Pelas facilidades em que o país ofereceu à sua população em adquirir meios de transportes particulares, nos últimos anos vários moradores da comunidade conseguiram adquirir um automóvel, isso facilitou a mobilidade dentro da Comunidade e para outros municípios. Ferraz e Torres (2004) afirmam que:

A intensificação do uso do automóvel deve-se às seguintes razões: redução do preço devido ao aumento da produção (economia de escala), permitindo que cada vez mais pessoas pudessem adquiri-los; total flexibilidade de uso no tempo e no espaço. Já que o condutor escolhe o caminho e a hora da partida; possibilidade do deslocamento de porta à porta, sem necessidade de caminhada; conforto, mesmo em condições atmosféricas adversas; privacidade, pois o carro é como se fosse uma casa móvel e status conferido pela posse do veículo. (FERRAZ E TORRES, 2004, P. 18).

Desse modo, conforme o gráfico 7, nos dias atuais esses sujeitos podem se deslocar para as cidades e municípios vizinhos de diferentes formas, em seus próprios carros 57%, ou motocicletas, 71%, visto que nos últimos anos vários deles conseguiram adquirir seu veículo próprio, de ônibus intermunicipal 53%, ou pela famosa “carona”, 33%, em veículos de parentes ou vizinhos.

**Gráfico 7** – Meios de transporte usados para locomoção aos municípios vizinhos



Fonte: PASSOS, Luiz de Deus. Org. NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

Nos últimos tempos, os quilombolas estão se deslocando para municípios vizinhos e para a capital do Estado Goiânia com maior frequência. Esse deslocamento tem ocorrido devido ao fato de que 71% dos moradores possuem idade superior a 60 anos, conforme o gráfico 3, os quais carecem de maior cuidado médico hospitalar e buscam isso fora da comunidade, pois o município de Faina não oferece esses serviços à Comunidade.

A periodicidade em idas e estadias para casa de parentes nos centros urbanos para tratamento médico ou outros pode potencializar um processo de desterritorialização desses sujeitos para os centros urbanos futuramente, diminuindo mais ainda o número de famílias na comunidade.

## 4 INFLUÊNCIAS DO HIBRIDISMO CULTURAL E MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES NO LUGAR ÁGUA LIMPA

### QUINHENTOS ANOS

500 anos de dominação  
500 anos de invasora colonização  
Milhões de índios exterminados  
Milhões de negros escravizados  
Pelo império conquistador  
Que a mãe América despojou.

500 anos de usurpação  
500 anos de impostora civilização  
Tantas culturas desrespeitadas  
A "Boa Nova" manipulada  
Servindo ao rei, mais que ao Senhor  
O "velho mundo" se regalou  
Nova consciência há que se criar  
Que acorde a memória  
Refazendo a história pra se libertar  
Toda resistência há que se lembrar  
Do sangue e das dores  
Também brotam flores  
Pra se ofertar.

500 anos de reconstrução  
Memorial de toda semente  
De ressurreição, Viva Las Casas,  
Vivam os Quilombos  
E que sumam  
"Cabrais" e "Colombos"  
Na liberdade vamos navegar  
E um mundo novo reconquistar.

500 anos de nova missão  
500 anos de um amanhã  
Agora em gestação  
Nações e raças espoliadas  
Pobres e mártires da terra amada  
De braços dados vamos caminhar  
E a plena vida ver triunfar!

Frei Domingos dos Santos (Frei Mingas)

Na última seção, serão abordadas as tradicionais folias de São João Batista e Santos Reis, presentes na Comunidade Quilombola Água Limpa. As folias não são originárias do Brasil, nem mesmo de matrizes africanas, são europeias, no entanto, se faz muito presente nos espaços urbanos e rurais do país. Na Comunidade Quilombola Água Limpa existiu e ainda há

um intenso processo de hibridação cultural, a Folia de São João Batista, a de Santos Reis e a do Divino Espírito Santo, foram adotadas e adaptadas a mais de 120 anos à cultura quilombola daquela comunidade, com a devoção aos santos, os cânticos e os costumes, originários do catolicismo.

Na última década, houve fortalecimento da comunidade, a partir dos festejos das folias presentes no lugar, com as visitas dos que moram em áreas urbanas em períodos de férias e feriados, como as visitas aos cemitérios da Comunidade no Dia de Finados, para ajudar nos costumes camponeses nas práticas agrícolas, assim como para estar próximos dos parentes e da vizinhança. Nesse sentido, os sujeitos que se desterritorializaram da comunidade e migraram para áreas urbanas de municípios vizinhos estão retornando para a comunidade com maior frequência nesta última década. Isso revela que este processo foi apenas físico, os que saíram não saíram de fato, se identificam e são reconhecidos como quilombolas pelos sujeitos da comunidade.

As relações de parentesco e vizinhança entre os quilombolas e o sentimento de pertencimento ao lugar, representam a valorização e a identidade ao lugar. A terra é um bem vital na relação entre os quilombolas e o lugar, pois é o principal meio de trabalho e sobrevivência da família. Conforme relata Alves (2004, p. 209), “a terra é considerada a base material da existência da família, seja pela fixação desta no lugar, seja pela possibilidade de sua reprodução social advinda da comercialização de algum produto e pelo autoconsumo, pela liberdade de não ter patrão, de não ser assalariado”.

Sobre essa categoria de análise geográfica Ana Fani Carlos (1996), assevera que:

O lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas de um conjunto de sentidos e usos. Assim, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos que ocorrem ou ocorreram no mundo. (CARLOS, 1996, p. 21/22).

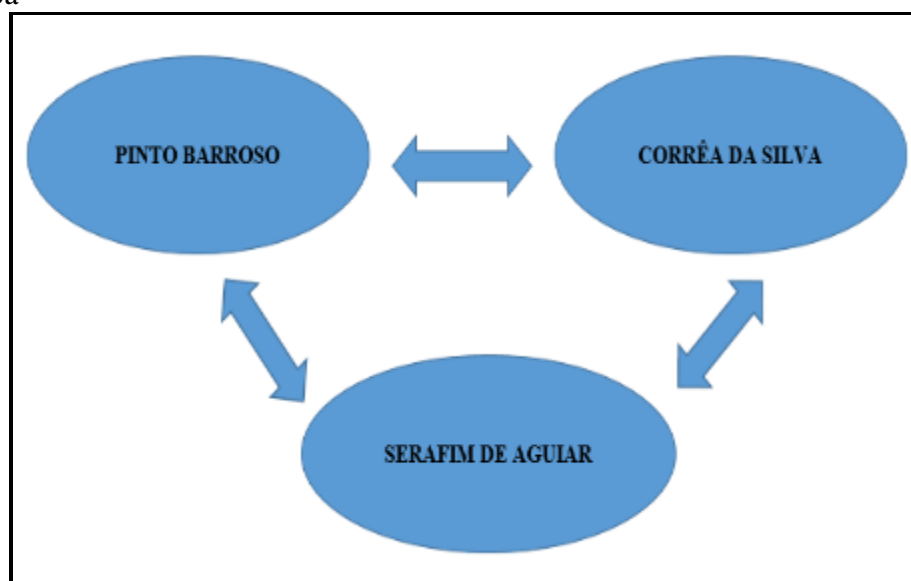
Milton Santos relata que “muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente” (SANTOS, 2005, p. 158). O lugar se faz importante para os quilombolas da Comunidade Água Limpa, pois é na comunidade que nasceram e viveram, cultuam a religiosidade e a fé nos santos através das folias, e é naquele lugar que seus antepassados estão sepultados.



É importante ressaltarmos que, a partir da década de 1960, foi introduzido na comunidade o protestantismo, por João de Deus Passos (*in memoriam*), que, após os primeiros contatos com a religião, fundou a Igreja Assembleia de Deus Água Limpa na comunidade, desde então vem convertendo membros da comunidade ao protestantismo. Atualmente, a igreja é presidida pelo seu filho, o Pastor Luiz de Deus Passos. Nos cultos e reuniões realizados na igreja frequentam evangélicos e católicos, pois não existe uma igreja católica na comunidade.

Há que lembrar que houve na comunidade apenas três famílias tradicionais: Pinto Barroso, Corrêa da Silva e Serafim de Aguiar, como mostra o fluxograma 1, e que no tempo presente estão representadas por um número pequeno de famílias, apenas 21, onde até a década de 1990 viviam mais de 60.

**Fluxograma 1-** Sobrenome das famílias tradicionais da Comunidade Quilombola Água Limpa



Organização, NEIA, Luiz dos Santos, 2020.

Uma prática comum na comunidade que deriva dos moradores mais antigos é o casamento de primo com prima, que se justifica pela proximidade das casas na comunidade, do fato de todos se conhecerem e de preservarem a tradição dos antepassados. Portanto, todos os ali tem um sobrenome dos citados anteriormente, pois geralmente os casamentos se realizavam dentro da mesma família ou de um membro de uma família com outra.

Essa prática foi muito importante, para manter os costumes ainda presentes na Comunidade. Para Santos (2006, p. 8), “Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual

devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam”.

Nas duas últimas décadas, a partir do fenômeno da migração dos jovens para centros urbanos de municípios vizinhos, a prática de casamentos internos foi se perdendo. Ao conhecerem pessoas de fora da comunidade, abandonam a tradição dos pais e avós de se casarem com pessoas da mesma comunidade para manter o mesmo sobrenome e as mesmas tradições culturais.

#### **4.1 Cultos evangélicos na Comunidade que celebram as Festas dos Santos**

A hibridação cultural quase sempre se relaciona de forma direta com a globalização, no sentido de que a hibridação cultural é sustentada pelo sistema capitalista que emprega diversas formas de poder. Não existe consenso quanto à definição de globalização, no entanto, há a concordância, conforme afirma Bauman (1999, p. 7), que este fenômeno é o “destino irremediável do mundo, um processo irreversível e que afeta a todos”. De acordo com Canclini (2008), o conceito de hibridação é bastante abrangente.

Além de designar contatos interculturais específicos e mais ou menos clássicos como mestiçagem, sincretismo e criouliização, a hibridação abrange também formas de combinação que surgem através dos produtos das tecnologias avançadas, processos sociais modernos e pós-modernos (CANCLINI, 2008, p. 111).

Os primeiros conceitos sobre hibridismo têm origem na Biologia que, com o passar do tempo, ganha espaço dentro das ciências sociais. Dessa forma, podemos entender a hibridação como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2008, p. 109).

A cultura não se remete apenas à herança dos costumes de um povo, mas é fruto das práticas de grupo que mantém convivência. Claval (1997, p. 97) afirma que a cultura incorpora valores com tripla finalidade: “[...] primeiro, guiar a ação, inscrevendo-a em um quadro normativo; segundo, sublinhar a especificidade de tudo que é social, alçando a uma dignidade superior o que passa por procedimentos de institucionalização, e, terceiro, dar um sentido à vida individual e coletiva”. Sobre essa cultura presente na comunidade, Featherstone (1997) afirma que:

O processo de globalização sugere simultaneamente duas imagens da cultura. A primeira imagem pressupõe a extensão de uma determinada cultura até seu limite, o globo. As culturas heterogêneas tornam-se incorporadas e integradas a uma cultura dominante, que acaba por cobrir o mundo inteiro. A segunda imagem aponta para a compressão das culturas. Coisas que eram mantidas separadas são, agora, colocadas em contato e justaposição. As culturas se acumulam umas sobre as outras, se empilham, sem princípio óbvios de organização. Existe cultura demais com que se lidar e para organizar através de sistemas coerentes de crença, meios de orientação e conhecimento prático. (FEATHERSTONE, 1997, p. 21).

Marilena Chauí discorre sobre o conceito de cultura e assegura “[...] que todos os indivíduos e grupos são seres e sujeitos culturais” (1995, p. 81). A cultura se manifesta pela tradição oral, de modo que cada comunidade se organiza com seus costumes e crenças, como esclarece Botelho (2001):

Vale nesta linha de continuidade a incorporação da dimensão antropológica da cultura, aquela que, levada às últimas consequências, tem em vista a formação global do indivíduo, a valorização dos seus modos de viver, pensar e fruir, de suas manifestações simbólicas e materiais, e que busca, ao mesmo tempo, ampliar seu repertório de informação cultural, enriquecendo e alargando sua capacidade de agir sobre o mundo. O essencial é a qualidade de vida e a cidadania, tendo a população como foco (BOTELHO, 2001, p. 110).

O conceito de cultura híbrida, abordado por Magali Cunha, em seu livro “A explosão gospel está ligada diretamente ao conceito de ‘cultura gospel’” define ser “[...] uma cultura religiosa, um modo de vida construído por um segmento cristão brasileiro – os evangélicos”. (CUNHA, 2007, p. 81).

Nesse sentido, Rezende (2010, p. 21) esclarece que, “um fator próprio ao pentecostalismo é sua capacidade de construção, adaptando-se a novos conceitos e práticas sem promover grandes cismas”.

O protestantismo foi introduzido na Comunidade Quilombola Água Limpa por João de Deus em 1969, por influência de vizinhos evangélicos da Igreja Assembleia de Deus. Posteriormente, a igreja teve o primeiro líder, o senhor Ageu Lemes, um dos vizinhos influenciadores que morava próximo à comunidade.

Foi só em 1973, com a mudança do até então líder, que o senhor João de Deus, já ordenado evangelista, assumiu a direção da igreja local. De acordo com os relatos do atual líder da igreja, as reuniões e cultos eram realizados nas casas, alternando as residências e, só no ano de 1988 conseguiram inaugurar o primeiro templo na comunidade, por nome Igreja Assembleia de Deus Campus Água Limpa.

O atual pastor da igreja, Luiz de Deus Passos, esclarece sobre o surgimento da igreja na comunidade:

Meus pais, Senhor João de Deus Passos, e sua esposa, Senhora Domingas Pereira Passos, recém casados, isto na década de 1960, foram presenteados por quatro famílias evangélicas que vieram do município de Itapirapuã-Goiás, passaram a residir bem próximo da casa de meus pais que de imediato se tornaram amigos, e a partir daí começou a evangelizar os meus pais, eles que vinham de uma ramificação de família religiosas, porém não conhecia o evangelho. Por influência dos vizinhos, meu pai, muito religioso, passou estudar a Bíblia e entendeu que a verdadeira religião é Jesus Cristo, pois só ele tem o poder de religar o ser humano ao verdadeiro Deus, e, chegando a esta conclusão de conhecimento, no mês de janeiro do ano de 1969, eles, por livre e espontânea vontade, decidiram publicamente a servir a Jesus Cristo como o único e senhor da suas vidas<sup>58</sup>.

Ao continuar os relatos, ele enfatiza a dedicação de sua família com a igreja na comunidade, em especial, de seu pai João de Deus Passos, por quase quarenta anos, e de sua mãe, Domingas Pereira Passos, até os dias de hoje.

De início, as reuniões eram realizadas nas casas porque não existia templo na comunidade. O primeiro líder foi um jovem obreiro por nome Ageu Lemes, que ainda vive hoje residindo na cidade de Itaberaí, este ficou à frente da Igreja até o ano de 1973. A partir daí, o então senhor João de Deus Passos, membro da comunidade, assumiu a direção da igreja, dando continuidade nos trabalhos. Só no ano de 1988 é que foi levantado o primeiro templo oficial aqui na comunidade. No ano de 2008, o então senhor pastor dirigente, como mencionado acima João de Deus Passos, já avançado em idade e com muitas complicações de saúde, decidiu pedir a jubilação do cargo, ou seja, sair da frente da igreja, pedido este que foi feito ao pastor presidente do campo de Itapuranga-Goiás, que depois de analisado e aceito, concedeu a jubilação e decidiram, em assembleia geral, dar posse a outro obreiro pra dar continuidade nos trabalho da igreja na comunidade assumindo a direção pra mim, pastor Luiz de Deus Passos, que tomou posse no dia 3 de janeiro de 2009, que continua como atual dirigente. Já a construção de um novo templo que deu início no ano de 2016. Nestes 50 anos de história da igreja na comunidade, muitas coisas aconteceram, várias famílias passaram por aqui nos ajudando a construir esta história, porque a igreja é formada por pessoas físicas, que chegam e através de suas vidas vão escrevendo os capítulos e vai embora, uns vão para eternidade e outros pra religiões diferentes mas eu continuo aqui dando sequência a esta maravilhosa causa<sup>59</sup>.

A Igreja Assembleia de Deus Campus Água Limpa (fotografia 11) é frequente por grande parte dos moradores da comunidade, inclusive pelos que se denominam católicos.

---

<sup>58</sup> Entrevista concedida no dia 1º de fevereiro de 2020, pelo pastor da comunidade e presidente da Associação Quilombola Água Limpa: Luiz de Deus Passos.

<sup>59</sup> Entrevista concedida no dia 1º de fevereiro de 2020, pelo pastor da comunidade e presidente da Associação Quilombola Água Limpa: Luiz de Deus Passos.

Destes, muitos relatam que se identificam com a igreja, o fato de serem parentes, e que a igreja é também o lugar do encontro, onde também podem rever uns aos outros.

**Fotografia 11:** Igreja Assembleia de Deus em Água Limpa



**Fonte:** NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

Outro motivo de frequentarem a igreja evangélica é a ausência de templos de outras denominações religiosas na comunidade, inclusive a católica, mesmo havendo seguidores dessa doutrina. O senhor Manoel Pinto Barroso corrobora a informação:

Nóis aqui somo todos parente, não desentendemo por conta de religião, então como num tem igreja católica aqui por perto, sempre que dá eu vô na igreja do Luiz ver o culto. É bom nóis encontrá os parente, os amigo. Do mesmo jeito que vô na igreja de crente vô também nas reza, nas folia de São João e de Reis. Pra mim Deus é um só e temos que í onde nos agrada<sup>60</sup>.

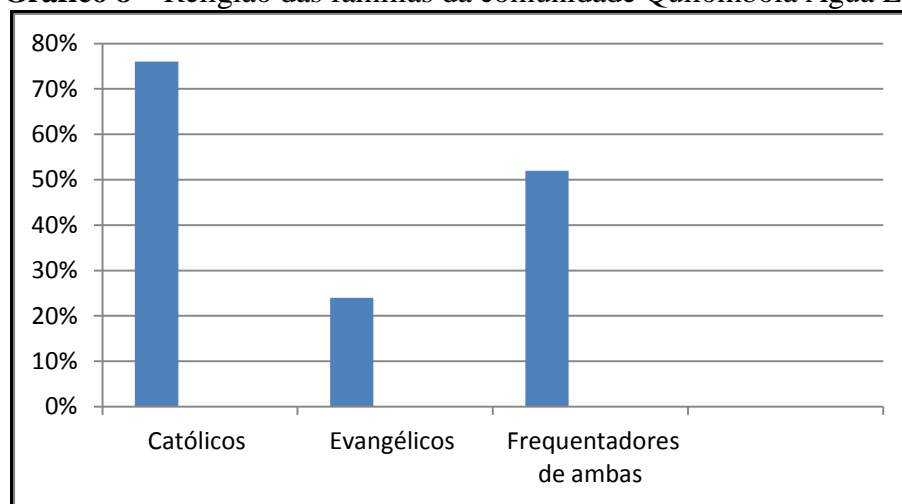
Hoonart (1974, p. 27) afirma que “o povo percebe com muita perspicácia como a religião é a expressão de vida em toda sua complexidade e compreende, por conseguinte, que existem os elementos os mais diversos dentro de qualquer instituição religiosa”. Na Comunidade Água Limpa, conforme o gráfico 8, os quilombolas que se denominam católicos somam 76%, os evangélicos 24%, e desses, 52% frequentam ambas as religiões, ou seja, das 16 (76%) de famílias católicas, seis (28%) frequentam a igreja evangélica. Estes e as outras 10 famílias que se denominam católicas não possuem o hábito de frequentarem as missas semanalmente, pelo fato de, na comunidade, não haver um templo católico, eles organizam

---

<sup>60</sup> Entrevista concedida no dia 9 de novembro de 2019, por Manoel Pinto Barroso.

em casa a reza do terço em louvor à vários santos, que geralmente se reza no dia em que se comemora o dia do santo.

**Gráfico 8** – Religião das famílias da comunidade Quilombola Água Limpa



Fonte: PASSOS, Luiz de Deus. Org. NEIA, Luiz dos Santos (2020).

De acordo com os depoimentos, em especial do senhor Manoel, eles se sentem bem frequentando a igreja, e evidencia que na comunidade não há desentendimentos com relação à religiosidade. O fato de serem parentes e morarem próximos uns aos outros fortalece os laços entre eles. As relações de parentesco são mais fortes do que os dogmas das instituições religiosas.

Segundo Featherstone (1997, p. 153), “uma cultura local pode ter um conjunto comum de relacionamentos de trabalho e parentesco que reforça a cultura cotidiana, prática, sedimentada em conhecimentos e crenças que não são questionados”.

No entanto, a articulação dessas crenças e o senso de particularidade do lugar tendem a se aguçar e a se definir melhor quando a localidade se envolve em lutas de poder e em disputas pela eliminação com seus vizinhos. Em situações como essas podemos ver a formação de uma cultura local, em que é enfatizada a particularidade de sua própria identidade. Nesse caso, a localidade apresenta aos outros uma imagem por demais unificada de si mesma... na localidade, a diferenciação social tenha sido eliminada e que os relacionamentos sejam necessariamente mais igualitários, simples e homogêneo. (FEATHERSTONE, 1997. p. 153).

O fato de existir um templo evangélico na comunidade não impede que as famílias participem das folias, reuniões de família, rezas e mutirões. As atividades religiosas que existem são frequentadas por todos que ali vivem, e grande parte dos que frequentam os cultos evangélicos também celebram as festas dos santos que são expressões culturais

religiosas do catolicismo. Isso é extremamente importante para fortalecer as identidades da comunidade, como afirma Stuart Hall (1999):

Uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de “um único povo”. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” – que são partilhadas por um povo. É tentador, portanto, tentar usar a etnia dessa forma “fundacional”. Mas essa crença acaba, no mundo moderno, por ser um mito. A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As nações modernas são, todas, híbridos culturais. (HALL, 1999 p. 62).

A identidade religiosa da Comunidade Água Limpa se consolidou e atravessou gerações com várias manifestações religiosas preservadas, pelo parentesco, proximidade e o respeito entre todos. Católicos e evangélicos convivem em harmonia religiosa na comunidade, respeitam, frequentam os cultos evangélicos e celebram as festas dos santos.

#### **4.2 As Festas de São João Batista e Santos Reis convergem católicos e evangélicos**

Até meados da década de 1980, existiam na Comunidade Quilombola Água Limpa três folias: Folia do Divino Espírito Santo; Folia de São João Batista e Folia de Santos Reis. De acordo o senhor Joaquim, a Folia de São João Batista é a mais antiga da comunidade e segunda do estado de Goiás.

A Folia do Divino Espírito Santo girava somente em casas de integrantes da comunidade. A saída era sempre nos últimos dias do mês de abril, a entrega da bandeira no início de maio. Essa folia foi interrompida no fim da década de 1980, por dificuldades em realizar os giros. As dificuldades eram pela proximidade de datas, a Folia do Divino Espírito Santo se encerrava em maio e em junho já se iniciava a de São João Batista.

Pela proximidade de datas entre as duas folias surgiam dificuldades de encontrar moradores para oferecer os pousos, foliões para contribuir com os giros e festeiro para a entrega da bandeira e realizar a festa, como afirma em entrevista o embaixador das folias, senhor Joaquim Corrêa da Silva: “as duas folia era perto uma da ota, então foi ficano apertado pros morado dá poso em maio pra folia do Divino Espírito Santo e em junho pra Folia de São João Batista. Pra arrumá o festero tamém era difícil, e tamém pra arruma conpanheiro pra ajudá á compania a girá”<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> Entrevista concedida no dia 27 de junho de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.

José Corrêa da Silva, um dos Encarregados das folias, afirma que a Folia do Divino Espírito Santo é um dos pilares que rege a comunidade. Os outros dois são a Folia de Santos Reis e a de São João Batista. O entrevistado manifesta o interesse em resgatar a Folia do Divino Espírito Santo em breve: “em um futuro breve eu quero ajudar a levantar a Folia do Divino Espírito Santo, porque ela é um dos três pilares que rege aquela comunidade. Mas as pessoas têm que querer e ajudar por que são as pessoas que fazem a folia e não a folia que faz as pessoas”<sup>62</sup>.

Atualmente, nas Folias de São João Batista e de Santos Reis, possuem os seguintes cargos: embaixador, ocupado há quase trinta anos por Joaquim Corrêa da Silva; Rezadeira, ocupado por Dona Cecília Corrêa da Silva, sobrinha do embaixador; encarregado, dividido entre José Corrêa da Silva e Ismael Corrêa da Silva, filho e sobrinho do embaixador, respectivamente. Os foliões variam de oito a doze, e possuem a função de ajudar o embaixador a cantar e a tocar os instrumentos, que variam de pandeiros, caixa, sanfona, violão e viola.

Assim como os encarregados, os festeiros também se dividem em dois, geralmente um é da comunidade e cede a casa para a festa, o outro mora na cidade de Goiás, cuja função é ajudar nos primeiros dias de giro da folia, que sai da cidade. O fato de as folias possuírem dois encarregados e dois festeiros tem a finalidade de facilitar a organização e a divisão das tarefas.

O embaixador das folias é o principal responsável pela organização e conta com ajuda dos encarregados e dos festeiros. Félix, Pessoa (2007) afirmam que:

Mestre, embaixador, tirador e capitão são os nomes mais empregados na designação de uma mesma função, de enorme importância em qualquer Folia de Reis. Ele atua decisivamente na organização de todo o ritual, posicionando vozes, direcionando o giro, conferindo afinação de instrumentos etc. Mas, acima de qualquer dessas tarefas, está a sua identidade maior, a de ser o depositário do conteúdo estruturante do ritual – o ‘guardião do sagrado’. É ao embaixador que se dirigem sempre para o esclarecimento de todos os fundamentos da devoção. Ele deve saber o relato bíblico das origens, transformando-o em versos ou em explicações práticas do andamento da folia [...] (FÉLIX; PESSOA, 2007, p. 207-208).

Nas folias da Água Limpa, os foliões não usam uniforme, como é característico em outros lugares. Usam apenas um lenço envolto ao pescoço para diferenciá-los. Os lenços são de duas cores, vermelho e azul claro, o vermelho é usado somente pelo embaixador principal,

---

<sup>62</sup> Entrevista concedida no dia 25 de junho de 2020, por José Corrêa da Silva.



responsável pelas folias, os de cor azul claro são usados pelos encarregados e os demais foliões.

O giro é a representação dos foliões da peregrinação dos santos, que nos dias de folia simbolizam a jornada que os santos fizeram de acordo com os escritos bíblicos. A de Santos Reis gira a noite, simbolizando a viagem dos três Reis Magos à Belém para visitar o menino Jesus recém-nascido. A de São João Batista simboliza a peregrinação do apóstolo João batizando as pessoas. Madeleine e Jadir Pessoa (2007) afirmam:

Giro é a peregrinação feita pelos foliões que inclui um ponto inicial, a festa de partida, e um ponto final, a festa de chegada. O percurso é composto pela visita a casas de devotos que recebem a bandeira dos santos e lhes dão oferendas, fazem rezas de pedidos e agradecimentos. (FÉLIX; PESSOA, 2007, p. 8).

A “esmola para os santos” sempre esteve presente na tradição dos quilombolas, quando a folia visita as suas casas, o folião geralmente separa algum dinheiro para doar e, na despensa, separa um pouco de cada alimento produzido naquele ano para dar de esmola para o santo. Os alimentos doados são os produzidos pela família na propriedade, que varia de arroz, feijão, farinha, banha de porco, galinhas.

Os alimentos são recolhidos pelos encarregados e repassados aos festeiros, pois servirá para ajudá-los na festa, que geralmente aparece uma grande quantidade de pessoas, por ser o último dia, correspondendo ao dia de São João Batista ou de Santos Reis. “A esmola é fruto de uma noção moral da dádiva e da fortuna, de um lado, e de uma noção do sacrifício, de outro” (MAUSS, 2003, p. 208). A esmola simboliza a fé que possuem em Deus e nos santos, acreditando que, ao oferecer a esmola, Deus e os santos irão abençoar a família e a colheita, e não deixarão passar por necessidades.

Durante o giro da bandeira, os foliões têm a preocupação de girarem sempre pela direita e não passar ou cruzar lugares que a bandeira já passou, prática que os foliões realizam, respeitam e acreditam que assim os trabalhos correrão bem durante o giro daquele ano. A localização física, a relevância, as funções do lugar formam sua identidade. Ferreira (2002, p. 48) relata que, “quanto mais profundamente se está dentro de um lugar mais forte a identidade com ele”.

Uma característica marcante de várias folias, sobretudo nas da Água Limpa, é a ausência de mulheres nos dias de giro, justificada pelo fato de os apóstolos não terem levado as esposas em suas peregrinações. Dessa forma, a tradição é que as esposas não acompanhem

os foliões nos dias de giro, ficando para elas e os filhos a tarefa de recepcioná-los na festa, no último dia de giro.

Os Reis Magos não trouxeram consigo suas esposas; se os foliões levassem mulher na folia, estariam deturpando o sentido da representação; também, dizem outros, nenhuma mulher visitou o presépio de Jesus; admitir mulher entre os foliões, como participante, seria desviar o sentido da dramatização. (PORTO, 1982, p. 54).

Nas folias da Água Limpa, a única figura feminina que faz parte dos giros das folias é Dona Cecília, a rezadeira, cargo que lhe foi passado pelo seu avô. Conforme Espírito Santo (1990, p. 149):

Elas [rezadeiras] acumulam o exercício sagrado da recitação e da cura mágica com a prática da medicina popular, prodigalizar conselhos aos pais que não dominam os filhos ou às mulheres cujos maridos se desviam do domicílio conjugal, e podem ainda ser eficazes na expulsão dos “espíritos” (ESPÍRITO SANTO, 1990, p. 149).

A participação nas folias dos quilombolas que ainda vivem na comunidade e dos ex-moradores está ligada à religiosidade e à fé que possuem nos santos. Pela fé, eles buscam por milagres, cura de alguma doença e pedem um ano próspero com uma boa colheita. Para Mendes (2007, p. 119), “as pessoas que recorrem a esta forma de religiosidade tentam encontrar soluções que lhes parecem distantes de ser alcançadas por meios materiais”.

A importância da fé que os sujeitos da Água Limpa possuem nos santos está evidente na entrevista da Dona Maria Benta Corrêa.

A folia hoje em dia serve pra juntá a família e os amigo, a tradição dos mais veio foi passado pra nós. Então, todo ano Deus tem abençoado eu e minha família pra nós dá os pouso e almoço, porque Deus e os santo me abençoa e abençoa minha família demais. Já passamo por muita dificuldade mais São João e Santo Rei me ajudô a criá meus fio e essa devoção eu tenho, quero dá os poso até quando vida eu tivé<sup>63</sup>.

O relato da entrevistada demonstra que os festejos das folias são momentos em que os devotos fazem pedidos por cura de enfermidades e momentos difíceis em suas famílias, é também momento de agradecem as graças recebidas. Nos últimos anos, vem aumentando o número de pessoas que retornam à comunidade para acompanhar os ritos das folias, o que tem propiciado uma reaproximação entre os que optarão por permanecer na comunidade e os que saíram, bem como a manutenção da tradição.

---

<sup>63</sup> Entrevista concedida no dia 30 de dezembro de 2019, por Maria Benta Corrêa.

### 4.3 Folias de Santos Reis e São João Batista na Comunidade Quilombola Água Limpa

A Folia de Santos Reis é uma festa folclórica, tradicional em muitos estados brasileiros, incluindo Goiás, com destaque para as cidade de Mineiros, Quirinópolis, Goiás e Itaguari, com diversas particularidades. Ikeda (2011) assim define as folias de Santos Reis:

Trata-se de grupos de devotos dos Três Reis Magos que, normalmente no período entre 24 de dezembro e 6 de janeiro, anualmente, portando instrumentos musicais e um estandarte alusivo à devoção, fazem visitaçã nas casas, onde realizam louvações cantadas ao Menino Deus e aos Reis Magos (Baltazar, Melchior e Gaspar). O estandarte ou bandeira traz sempre a figura dos “Reis Santos” e/ou cenas da natividade, sendo o símbolo representativo das folias. O número de componentes do grupo é variado, na média entre 8 e 12 elementos. Além das cantorias louvativas, as folias angariam contribuições (esmolas) para a realização da Festa de Reis. Naturalmente, comunicam e convidam os donos das casas visitadas para os festejos. As “esmolas” variam de acordo com as possibilidades de cada casa visitada; no geral são contribuições em dinheiro (pequenas quantias) ou a doação de gêneros alimentícios (arroz, feijão, farinha, macarrão) e até mesmo pequenos animais (galinha, pato etc.) que são utilizadas no dia da festa. (IKEDA, 2011, p. 73).

Brandão (2004, p. 347) apresenta como definição da Folia de Santos Reis como “[...] um grupo precatório de cantores instrumentistas, seguidos de acompanhantes e viajores rituais, entre casas de moradores rurais, durante um período anual de festejos dos três Reis Santos, entre 31 de dezembro e 06 de janeiro”.

Nas leituras teóricas a respeito dos três Reis Magos do Oriente, é inevitável chegar à Bíblia Sagrada, no Evangelho de São Mateus, onde se encontram as origens dessa história cantada nos versos improvisados dos embaixadores. Os três Reis Magos, orientados pela estrela guia, viajaram para a Judeia, em Belém, para levar presentes, ouro, mirra e incenso, ao filho de Deus, recém-nascido, o menino Jesus. Conforme o Evangelho de Mateus, capítulo 2, versículos de 1 a 23:

1- E, tendo nascido Jesus em Belém de Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém. 2- Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo. 3- E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e toda Jerusalém com ele. 4- E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes, e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo. 5- E eles lhe disseram: Em Belém de Judéia; porque assim está escrito pelo profeta: 6- E tu, Belém, terra de Judá. De modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo Israel. 7- Então Herodes, chamando secretamente os magos, inquiriu exatamente deles acerca do tempo em que a estrela lhes aparecera. 8- E, enviando-os a Belém, disse: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino e, quando o achardes,

participai-mo, para que também eu vá e o adore. 9- E, tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela, que tinham visto no oriente, ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino. 10- E, vendo eles a estrela, regozijam-se muito com grande alegria. 11- E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra. 12- E, sendo por divina revelação avisados num sonho para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho. 13- E, tendo eles se retirado, eis que o anjo do Senhor apareceu a José num sonho, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga; porque Herodes há de procurar o menino para o matar. 14- E, levantando-se ele, tomou o menino e sua mãe, de noite, e foi para o Egito. 15- E esteve lá, até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho. 16- Então Herodes, vendo que tinha sido iludido pelos magos, irritou-se muito, e mandou matar todos os meninos que havia em Belém, e em todos os seus contornos, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira dos magos. 17- Então se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias, que diz: 18- Em Ramá se ouviu uma voz, Lamentação, choro e grande pranto: Raquel chorando os seus filhos, E não quer ser consolada, porque já não existem. 19- Morto, porém, Herodes, eis que o anjo do Senhor apareceu num sonho a José no Egito, 20- Dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel; porque já estão mortos os que procuravam a morte do menino. 21- Então ele se levantou, e tomou o menino e sua mãe, e foi para a terra de Israel. 22- E, ouvindo que Arquelau reinava na Judéia em lugar de Herodes, seu pai, receou ir para lá; mas avisado num sonho, por divina revelação, foi para as partes da Galiléia. 23- E chegou, e habitou numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno. (BÍBLIA DE JERUZALÉM, 1985, p. 1181-1182).

Na Folia de Santos Reis, os foliões e todos que participam buscam interpretar nos giros a peregrinação dos três Reis Magos à Belém, para visitar o menino Jesus nascido. Esses conhecimentos de toda a trama estão presente nas cantorias dos foliões que demonstram conhecimento de toda a história. Nesse sentido Gomes e Pereira (1995) sinalizam que:

A Folia de Reis é a representação do evento mítico da peregrinação e chegada dos magos ao presépio de Belém. No processo ritual há suspensão do tempo e do espaço da realidade, para a instalação momentânea de novas dimensões temporais e espaciais; o mesmo ocorre no jogo, onde o mundo habitual também desaparece. Habitamos-nos a ver uma oposição entre o sagrado e o divertimento, pela seriedade atribuída ao plano espiritual ou mesmo por uma visão dicotômica entre sacralidade e divertimento. A cultura popular, no entanto, - assim como ritos das populações ditas primitivas - integra alegria e sacralidade: por esse motivo se canta e se dança” (GOMES; PEREIRA, 1995, p. 106).

Com o processo de desterritorialização de várias famílias da comunidade para municípios vizinhos, sobretudo para a cidade de Goiás, a partir de 2007, surge a necessidade de empreender algumas mudanças na estrutura da Folia de Santos Reis da Comunidade Água

Limpa. Após esses acontecimentos, a Folia de Santos Reis passou a ter a saída e três ou quatro pousos no espaço urbano de Goiás, nas casas dos ex-moradores da Água Limpa, que atualmente moram na cidade. O embaixador da folia apresenta os motivos que levou os foliões fazer o início (a saída) da folia no espaço urbano, com a Folia de Santos Reis:

Quando a mais de quarenta anos, quando eu mudei da comunidade com minha família, outras famílias também foi mudado. Nós foi mudado por falta de serviço, a terra já não tava dando nada e pra estudar os menino, a escola só tinha pros pequeno, pros grande não tinha. E com muita família mudando pra Goiás ficou pouca gente na Água Limpa pra fazer a folia. Por causa disso, em 2006 foi muito difícil fazer a folia, conversei com meu fio José e com os folião pra nós no outro ano sair com a folia e fazer um pouso em Goiás na casa dos que morava na Água Limpa, daquele tempo pra cá nós saímos com a folia de Goiás e fazemos um pouso em Goiás também. As pessoas dão os pousos em Goiás e vai ajudar nós a girar na Água Limpa, desse jeito nós conseguimos fazer os nove pousos todos os anos<sup>64</sup>.

Essa estratégia foi importante para que os que moram na cidade possam participar e para que a tradição não se perca como na Folia de São João Batista, que nos últimos anos vem enfrentando dificuldades. No entanto, é evidente que o processo de desterritorialização de parte desses sujeitos transforma também a organização espacial das folias. Nesse contexto, as áreas urbana e rural se configuram importantes espaços para os giros das folias, e é notório que nos giros na comunidade, ao se encontrarem os sujeitos das áreas urbanas e os da área rural, o sentimento de pertencimento ao lugar, assim como as memórias afloram. Sobre as relações com o lugar, Carlos (1996) acrescenta:

O lugar é produto das relações humanas, entre homens e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção de vida (CARLOS, 1996, p.29).

A Folia de Santos Reis tem os festejos anualmente, do dia 26 ou 28 de dezembro ao dia 06 de janeiro. Os rituais da folia de 2019/2020 tiveram a saída às 22 horas do dia 26 de dezembro de 2019, após o jantar na casa do Marcelo Corrêa da Silva, sobrinho do senhor Joaquim, na Rua 8, do Jardim Vila Boa. Durante os giros, a folia percorreu várias casas de ex-moradores e também de pessoas que não viveram na Comunidade Quilombola Água Limpa. Foram feitos três pousos na cidade, em casas de pessoas que antes ofereciam pousos na

---

<sup>64</sup> Entrevista concedida no dia 3 de janeiro de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.

comunidade de origem, e agora, mesmo morando na cidade de Goiás, têm a possibilidade de continuar ofertando.

Os pousos de folia em Goiás reúnem os ex-moradores da comunidade e os que participam dos giros da folia. É um momento onde todos relembram histórias de quando moravam na comunidade. Esses pousos possuem um grande significado para os ex-moradores da comunidade, que se empenham em organizar tudo, pois no almoço e no jantar participam cerca de 150 pessoas, como afirma o entrevistado Divino Corrêa da Silva, em depoimento: “eu, mãe e Ismael sempre fazemo questão de dá poso todo ano. Isso é um jeito de mantê o que meu pai e minha mãe fazia quando morava na Água Limpa. Depois que o pai morreu, a mãe sempre fais questão de dá o poso e noís ajudamo ela todo ano”<sup>65</sup>.

O mesmo entrevistado continua relatando em depoimento que o fator da folia fazer alguns pousos na cidade de Goiás é importante no sentido de integrar os que moram na comunidade e os que mudaram: “pra mim e minha famia eu penso que a folia gira em Goiás e faz uns poso, foi bão pra reuni todo mundo e nois mais novo segui a tradição dos mais antigo. Não podemo deixá acaba, enquanto Deus e os santo dé força e saúde que sempre ajuda nas folia”<sup>66</sup>. Para Santos (2006, p. 212), “os lugares são vistos como intermédio entre o mundo e o indivíduo”.

Após os quatro dias de giro em Goiás, a folia chega a Água Limpa, no dia 30 de dezembro, para o primeiro pouso na casa do senhor Emílio Corrêa da Silva, filho do embaixador da folia, que vive na comunidade desde criança e faz questão de ofertar pouso nas Folias de Santos Reis e São João Batista. Conforme depoimento e observações sobre a motivação em receber os foliões para os pousos todos os anos, o entrevistado respondeu:

Aprendemos desde muito cedo com meu avô e meu pai e minha mãe a temer a Deus, a tê fé, fazê sempre o bem. Eu e minha famia somo muito devotos dos santos. Sempre fomo agraciados, Deus sempre abençoa nossa plantação, nossos animais e minha famia. Os pouso que nós damo é pra agradecê por todas as graças que Deus sempre nos dá<sup>67</sup>.

No mesmo dia do pouso da folia na casa do senhor Emílio, pela manhã, o seu vizinho e primo, senhor Manoel Pinto Barroso, fotografia 12, passa mal, foi levado para o hospital em Faina, de lá, transferido para um hospital em Goiânia e, à noite, faleceu com problemas cardíacos. O falecimento do senhor Manoel comove a todos da comunidade, pois era muito querido, sempre presente nos festejos das folias, nos cultos e reuniões realizadas na Igreja

---

<sup>65</sup> Entrevista concedida no dia 23 de junho de 2020, por Divino Corrêa da Silva.

<sup>66</sup> Idem.

<sup>67</sup> Entrevista concedida no dia 3 de janeiro de 2020, por Emílio Corrêa da Silva.

Assembleia de Deus. No dia seguinte, foi velado e sepultado sob muita comoção, no município de Goiás, em função da lei municipal que proibiu o sepultamento em cemitérios rurais. Por isso, não mais foram sepultadas pessoas nos cemitérios localizados na comunidade quilombola.

**Fotografia 12:** Manoel Pinto Barroso



**Fonte:** NEIA, Luiz dos Santos, (2019).

Com o falecimento de um membro da comunidade, o embaixador da folia, após conversar com os encarregados e a família do senhor Manoel, resolveu continuar os giros da folia, como forma de homenagear e lembrar o quanto o senhor Manoel foi importante para a família e para a comunidade. Em meio à tristeza pelo ocorrido, a folia segue os giros e pousos na comunidade. Nos últimos anos, muitos quilombolas que agora residem em Goiás e Faina têm voltado para a comunidade no período da folia para participarem dos giros da folia. Por ser fim de ano, se torna mais fácil conciliar o trabalho com as festividades da folia, como relata o senhor Sebastião de Almeida, que é servidor público e reside em Goiás.

Nos últimos anos eu tenho vindo participá das folias aqui na Água Limpa. Eu já organizo pra pegá minhas férias no período da folia, justamente pra voltá pra cá pra participá e ajudá nos giros da folia. Sou muito devoto de Santo Reis. Eles têm me protegido e me guiado, então eu voltá todos os anos na folia, é muito bom. Eu me lembro dos tempos de criança quando fazia os giro a pé e a cavalo, tempo de muita gente morano aqui, era muita fartura. Depois as coisas foro ficano difícil, eu e minha famia tivemo que mudá pra Goiás, hoje eu trabalho na prefeitura, mas venho todos os anos na folia pela devoção no Santos Reis<sup>68</sup>.

---

<sup>68</sup> Entrevista concedida no dia 3 de janeiro de 2020, por Sebastião de Almeida.

Os foliões chegaram na madrugada do dia 6 de janeiro, na casa da senhora Julieta Corrêa da Silva, para a entrega da bandeira. Por conta do ambiente fúnebre na comunidade, a entrega da folia deste ano ocorreu sem a realização do baile. Os vizinhos e parentes se reuniram para o almoço e, à noite, foi servido o jantar, conforme a fotografia 13.

**Fotografia 13:** Festejos da entrega da Folia de Santos Reis 2020



**Fonte:** NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

A entrega da folia é um dia de muito trabalho para os festeiros, que têm que preparar alimento para cerca de 350 pessoas. No último dia, todos se encontram em um só lugar preparado pelos festeiros. Participam vizinhos, parentes que moram na área urbana e a família dos foliões que não acompanham a folia. Segundo Buttimer (1985, p.228), “o lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”.

Os dois festeiros de 2019, a senhora Julieta Corrêa da Silva e seu sobrinho Divino Corrêa da Silva apresentaram detalhes do preparatório da entrega da folia. A senhora Julieta relata que, por vários meses, se inicia o planejamento para a festa.

Eu e meus filhos uns meses antes já vamo preparano pra festa, eu já separo uns porco, os frango e um dinheiro pra fazê a compra pra fazê o almoço e a janta. Mas Deus e Santo Reis sempre da força pra nós, e todos os anos eu dô o pouso ou a festa da folia. Acho muito bom porque meus filho que mora em Goiânia vem uns dias antes pra me ajudá. Na semana da festa é muito trabalho, porco pra matá, frango pra arrumá, pra deixá pronto pra festa, pra facilitá pra fazê no dia. Meu sobrinho ajudou muito este ano, com as doação da folia, é muita comida pra muita gente, mas Deus sempre dá força, a nossa fé é grande e Santo Reis abençoa nós tudo<sup>69</sup>.

---

<sup>69</sup> Entrevista concedida no dia 6 de janeiro de 2020, por Julieta Corrêa da Silva.



Divino também relata a importância do planejamento nos meses que antecedem a folia:

Tio Joaquim me pediu pra ajudá na festa deste ano. É com alegria que eu participo da folia, as lembranças do meu pai e minha mãe, a fé nos Santo que dá força e saúde pra nós segui. Eu ajudo a recolhê as doação que as pessoas dão, as esmolos pros Santos, estas doação eu trago pra tia Julieta pra ajudá na festa. As doação que as pessoas dão para os Santos é dado com fé e ajuda a fazê a festa no dia de Reis. A festa é feito comida pra muitas pessoas, nos reunimos os parentes todos e os amigos, é um dia que nós passamos muitos meses planejando, por que temos que arrumar muitas coisas<sup>70</sup>.

É necessário um planejamento prévio para que a folia possa sair e girar os dias todos e para a realização da festa, este planejamento é elaborado pelo embaixador, pelos encarregados e pelos festeiros. Planejamento que serve para organizar a logística dos pousos, dos lugares que a folia vai passar, do número de foliões que a folia precisa ter, e da festa de entrega no dia 6 de janeiro.

De acordo com a fé católica, no dia 24 de junho, comemora-se o dia de São João Batista, símbolo das festas juninas, considerado o precursor de Cristo, que carregava a missão de conversão e o arrependimento dos pecados por meio do batismo. João batizava o povo, daí o nome João Batista, ou seja, João, aquele que batiza. Esse contexto está descrito na Bíblia Sagrada, nos Evangelhos de São Mateus capítulo 3, São Marcos, capítulo 1 e São Lucas, capítulo 3.

1- Naqueles dias, surgiu João Batista, pregando no deserto da Judeia. 2- Ele dizia: "Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo". 3- Este é aquele que foi anunciado pelo profeta Isaías: "Voz do que clama no deserto: 'Preparem o caminho para o Senhor, façam veredas retas para ele'". 4- As roupas de João eram feitas de pelos de camelo, e ele usava um cinto de couro na cintura. O seu alimento era gafanhotos e mel silvestre. 5- A ele vinha gente de Jerusalém, de toda a Judeia e de toda a região ao redor do Jordão. 6- Confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão. 7- Quando viu que muitos fariseus e saduceus vinham para onde ele estava batizando, disse-lhes: "Raça de víboras! Quem deu a vocês a ideia de fugir da ira que se aproxima? 8- Deem fruto que mostre o arrependimento! 9- Não pensem que vocês podem dizer a si mesmos: 'Abraão é nosso pai'. Pois eu digo que destas pedras Deus pode fazer surgir filhos a Abraão. 10- O machado já está posto à raiz das árvores, e toda árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo. 11- "Eu os batizo com água para arrependimento. Mas depois de mim vem alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de levar as suas sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo. 12- Ele traz a pá em sua mão e limpará sua eira,

---

<sup>70</sup> Entrevista concedida no dia 6 de janeiro de 2020, por Divino Corrêa da Silva.

juntando seu trigo no celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga" (BÍBLIA DE JERUZALÉM, 1985, p. 1182-1183).

A Folia de São João Batista da Comunidade Água Limpa é a folia mais antiga da região e a segunda do estado de Goiás, de acordo com os relatos do embaixador das folias, senhor Joaquim Corrêa da Silva.

A folia de São João Batista é a mais antiga de todas, está na minha família há mais de 120 anos, é a segunda mais antiga do Estado. Começo com meus antepassados, passo pra minha tia Ana de Deus Passos e depois pro meu pai Ingrácio Corrêa da Silva, e pouco antes de morrer ele passo pra mim. Eu disse que num dava conta, ele falou que era só seguir por que estava escrito no céu que eu ia seguir a tradição da folia e que os cantos e as rezas eu sabia por que eu já acompanhava a folia desde menino, com dez anos, como menino cantano e Cecília ia ajudá fazendo os terço. Daí por diante nós reúne a companhia todos os anos pra cumprir a devoção<sup>71</sup>.

O senhor Joaquim revelou as dificuldades encontradas para a realização da folia desde a época em que seu pai Ingrácio era o embaixador. A folia ficou sem girar por quase vinte anos, quando o senhor Joaquim, juntamente com seu filho José Corrêa da Silva, resolveram retomar os giros da folia em 2010.

Da mesma forma que a Folia de Santos Reis, a de São João Batista também sai de Goiás, da casa de algum parente, ex-moradores da comunidade, geralmente no dia 18 de junho, gira por dois dias e se desloca para a Água Limpa, girando por mais três ou quatro dias. Ao contrário da Folia de Santos Reis, cujos pousos e almoços são em lugares diferentes, a folia gira durante o dia apenas e o almoço é realizado em uma propriedade e o pouso em outra.

Paul Claval (1997) afirma que a cultura deriva das atividades exercidas cotidianamente por um grupo ou Comunidade.

A cultura incorpora, assim, valores. Estes têm uma tripla finalidade: primeiro, guiar a ação, inscrevendo-a em um quadro normativo; segundo, sublinhar a especificidade de tudo que é social, alçando a uma dignidade superior o que passa por procedimentos de institucionalização, e, terceiro, dar um sentido à vida individual e coletiva. (CLAVAL, 1997, p. 97).

Os giros e os festejos da Folia de São João Batista sempre reuniram muitos devotos, na entrega da bandeira, encerramento dos giros que se dá sempre no dia do santo. O festeiro organiza o jantar para cerca de 250 pessoas, após o jantar agradece a mesa e reza-se o terço. Após o terço, em procissão, é erguido o mastro e acende-se a fogueira. A fogueira de São

---

<sup>71</sup> Entrevista concedida no dia 3 de janeiro de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.

João é bastante tradicional. Muitas pessoas aproveitam o momento para batizar as crianças. A cerimônia de batismo na fogueira é realizada por um ancião ou a rezadeira, a criança a ser batizada, os pais e os padrinhos. Todos girando em volta da fogueira e, seguindo as orações, cumprem o ritual de batismo.

#### **4.4 Particularidades da Folia de Santos Reis da Comunidade Quilombola Água Limpa: um dia de pouso**

Os festejos da Folia de Santos Reis da Comunidade Água Limpa apresentam algumas particularidades que diferem das práticas de folias de outras regiões. Nela, não há palhaços; a folia gira a noite, representando a viagem dos três Reis Magos que levaram presentes para o menino Jesus em Belém; a família que oferece o pouso serve café da manhã, almoço, lanche e jantar; na casa que os foliões pousam não se faz o arco na entrada da propriedade onde a folia geralmente canta; os cânticos e o ritmo dos instrumentos são antigos, com traços deixados pelos mais velhos, inclusive parte do terço é cantado em latim.

A Folia de Santos Reis da Água Limpa chega no “pouso”, que é a casa previamente escolhida de madrugada. Ao chegarem, a família está com a porta fechada e as luzes da casa apagadas e os foliões começam a cantar. Para esse ritual na porta da casa, os foliões cantam os versos a seguir<sup>72</sup>:

- Ô de casa, ô de fora,  
Boa noite, morador.  
Os Três Reis do Oriente,  
Na sua porta chegou.  
- Meia noite já é tarde,  
O galo já está cantando.  
Pra acordá sua excelência,  
Que os três reis tá te chamando.  
- Os Três Reis em vossa porta,  
Como filho e como pai.  
Procurou o dono da casa,  
De saúde como vai.  
- Os Três Reis tá viajando,  
Junto com Nossa Senhora.  
Eles veio te visitá,  
E também pedir esmola.  
- Eles veio pedir esmola,  
Não é ouro e nem dinheiro.  
Ele pede é o alimento,  
Que é o nosso pão verdadeiro.

---

<sup>72</sup> Fonte: Embaixador Joaquim Corrêa da Silva, 2020.

- A esmola que vós dé,  
Nós devemos receber.  
Os Três Reis do Oriente,  
Quem vos é de agradecer.  
- Deus vos pague a boa esmola,  
Que vós destes nessa hora.  
Quem vos é de dar o pago,  
É São José e Nossa Senhora.  
- Os Três Reis do Oriente,  
É que manda lhe convidá.  
No dia 6 de janeiro,  
Vocês vai pra nós rezar.  
- Os Três Reis do Oriente,  
Tá correndo a freguesia.  
Está pedindo uma esmola,  
Para festejar seu dia.  
- Na mesma hora que chega,  
Na mesma da de saída.  
Os Três Reis do Oriente,  
Está fazendo a despedida.  
- Os Três Reis do Oriente,  
Vai visitar Jesus Menino.  
Os Três Reis e os folião,  
Está saudando e despedindo.  
- Os Três Reis está de viagem,  
Tá indo pra Belém.  
Tá saudando e despedindo,  
Até pro ano que vem.  
- Senhor e dono da casa,  
Acende a luz e abre a porta.  
Os Três Reis já vai se embora,  
E para o ano é que ele volta.

Ao fim da cantoria, ainda do lado de fora e em frente à porta da casa que a bandeira está visitando, há um diálogo entre o embaixador que pergunta e o dono da casa que responde<sup>73</sup>:

**Embaixador:** Ô de casa.

**Dono (a) da casa:** Ô de fora, quem chegou?

**Embaixador:** Santo Reis, senhor.

**Dono (a) da casa:** De onde vem e pra onde vai?

**Embaixador:** Envem de Roma e vai pra Belém, visitá Menino Jesus que Nossa Senhora tem. Vamo também?

**Dono (a) da casa:** Vamos. Eu faço o sinal da cruz e vocês também.

**Embaixador:** Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, assim seja. Amém.

Em seguida o dono da casa abre a porta e acende a luz, pega a bandeira das mãos do encarregado e convida todos para entrar e cantar. O encarregado, ao som do apito, pede para

---

<sup>73</sup> Fonte: Ismael Corrêa da Silva, 2020.

que os foliões entrem e cantem para a família que está ofertando o pouso. Este mesmo ritual também se repete por onde a folia só está visitando. Quando o morador que está recebendo a folia não conhece os versos, ele abre a porta e recebe a bandeira se o morador convidar para entrar e cantar o encarregado pede para que todos entrem e cantam se o morador não convidar, apenas recebe a bandeira e segue para o próximo morador.

A fotografia 14 retrata a chegada da folia em um pouso, na casa de um ex-morador da comunidade que atualmente reside na cidade. Percebe-se, além dos foliões, um grande número de devotos que acompanham o giro da folia, cumprindo promessas por alguma graça alcançada.

**Fotografia 14:** Pouso de folia na casa de um ex-morador da comunidade



Fonte: NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

O número de devotos que acompanham os giros da folia vem aumentando todos os anos, o que nos chamou atenção foi o interesse dos jovens acompanhados dos pais, nos últimos anos vem acompanhando os giros e participando dos rituais da folia. Isso simboliza esperança de que a tradição centenária da Comunidade que os anciãos cultivam prossiga com os jovens vivenciado e aprendendo a tradição. Conforme lembra Bartoly (2011, p. 67) “o lugar contém o local, mas vai muito além dele, pois é culturalmente definido”.

O canto para os moradores da casa<sup>74</sup>:

- Deus vós salve a hora sagrada.  
Deus vós salve a hora bendita.

---

<sup>74</sup> Fonte: Joaquim Corrêa da Silva, 2020.

É os três Reis do Oriente.  
 Está fazendo esta visita.  
 - Deus vós salve a hora bendita.  
 Deus vós salve a hora sagrada.  
 É os três Reis e Nossa Senhora.  
 Vem benzer sua morada.  
 - É os três Reis do Oriente.  
 Vai visitar Nossa Senhora.  
 A Deus vai te abençoar.  
 E também vai pedir uma esmola.  
 - Os três Reis pede uma esmola.  
 Tao alegre tão contente.  
 A esmola é pra benzer.  
 É pros três Reis do Oriente  
 - A esmola que ele pede.  
 Não é ouro e nem dinheiro.  
 Nós pede é alimento.  
 Nosso pão verdadeiro.  
 - A esmola que vos der.  
 Nós viemo arecebé.  
 Os três Reis do Oriente.  
 Quem e de agradecer.  
 - Os três Reis pede uma esmola.  
 Mas não é por precisão.  
 Ele pede é pra saber.  
 É pra cumprir sua missão.  
 - Deus vós pague a sua esmola.  
 Dada por Nossa Senhora.  
 Os três Reis do Oriente.  
 Vai te esperar na gloria  
 - Deus vós pague a sua esmola.  
 Deus vós há de abençoar.  
 É os três Reis do Oriente.  
 Que vós vai abençoá.  
 - A bandeira dos três Reis.  
 Está na mão deste devoto.  
 E pede esta esmola.  
 E oferece a sua benção.  
 - Os três Reis pede uma esmola.  
 Mas não é por precisão.  
 Quando for subir pra glória.  
 Deus pegue a sua mão.  
 - Deus vos pague a sua esmola  
 Que nós pede neste dia.  
 Deus vós há de dar o pão.  
 Deus e Santa Maria.  
 - Viva os Santos Reis! Viva!  
 Viva a luz que alumia! Viva!  
 Viva Santa Maria! Viva!  
 Viva o dono da casa! Viva!  
 Viva toda família! Viva!  
 Viva a nossa rezadeira! Viva!  
 Viva o Encarregado! Viva!  
 Viva os foliões! Viva!

Viva a todos que aqui estão! Viva!  
Viva o Embaixador! Viva!  
Viva aquele que chegou! Viva!  
Viva a paz de Deus entre nós! Viva!

Após cantarem para a família, o dono da casa coloca a bandeira no altar para rezar o terço. Em seguida Dona Cecília, a rezadeira da folia, começa o terço. Diferente de outros, os terços rezados na folia são entoados por dona Cecília e respondido pelos foliões e demais pessoas.

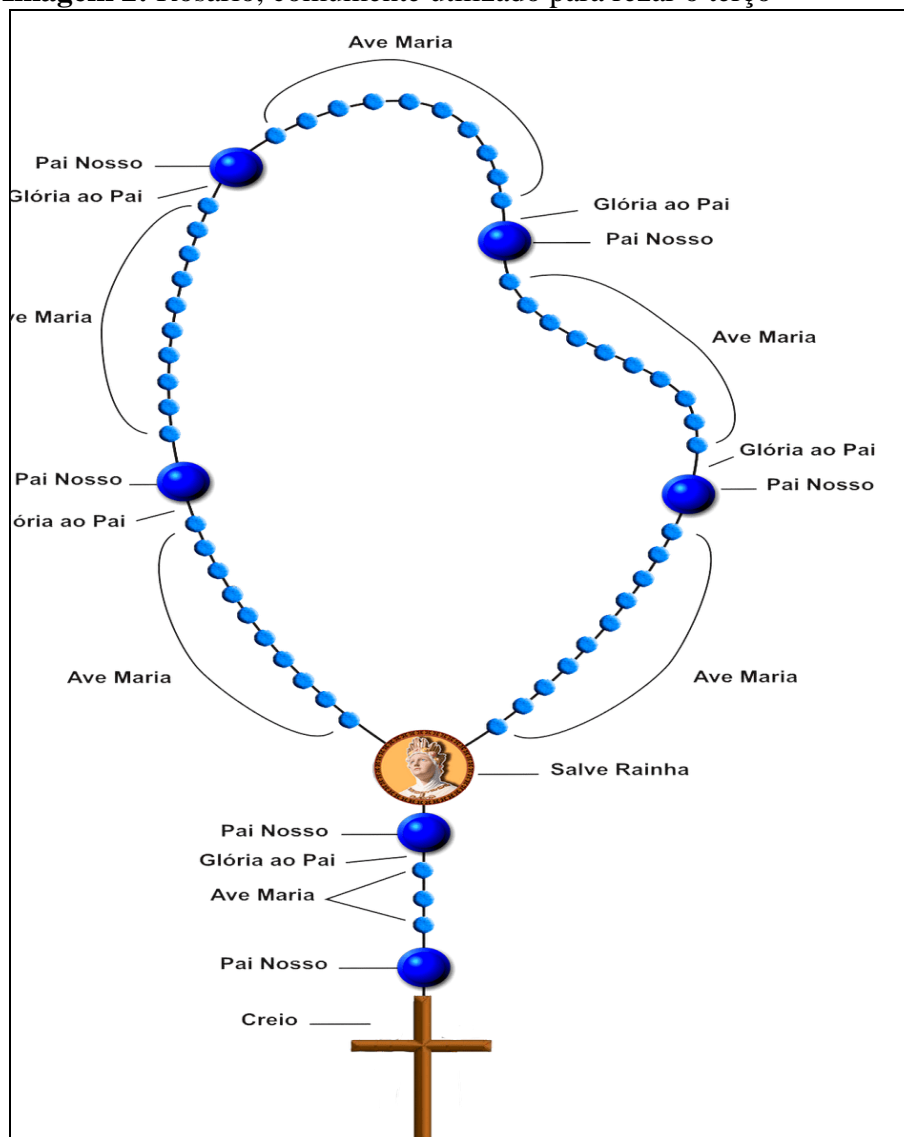
O terço rezado em latim e os cantos da folia foi repassado pra mim pelo meu avô [Ingrácio Corrêa da Silva], quando eu era muito jovem e meu avô andava muito doente, me chamô e disse que a partir da folia do próximo ano eu ia acompanhá a folia e ia rezá os terços e ajudá tio Joaquim na organização e nos ou cantos. Eu, muito assustada com a responsabilidade que meu avô tava me passano, disse que num ia consegui. Ele me disse que sua vida tava no fim e eu já acompanhava a folia desde criança e eu ia consegui. Desde aquele ano Deus tem me dado saúde e fé pra participá todos os anos<sup>75</sup>.

O Rosário é um instrumento utilizado para a reza do terço e cada parte possui uma função e significado. É dividido em cinco partes iguais, cada parte se contempla um mistério, os mistérios são: Mistérios Gozosos, Mistérios Dolorosos, Mistérios Gloriosos e Mistérios Luminosos, conforme imagem 2.

---

<sup>75</sup> Entrevista concedida no dia 1º de janeiro de 2020, por Cecília Corrêa da Silva.

**Imagem 2:** Rosário, comumente utilizado para rezar o terço



Fonte: Aleteia, 2020<sup>76</sup>.

Durante o terço, reza-se a Ladainha de Nossa Senhora<sup>77</sup>, cantado em latim, tradição que perdura por décadas na comunidade, como afirma em entrevista a senhora Cecília Corrêa da Silva: “quando meu avô me ensino a rezá o terço, a Ladainha de Nossa Senhora e as música das folia, ele falava que já era tradição dos mais antigo da Água Limpa”<sup>78</sup>.

Kyrie, eléison.  
Christe, eléison.  
Kyrie, eléison.  
Christe, audi nos.  
Christen, exáudi nos.

<sup>76</sup> ALETEIA. como rezar o terço? um guia ilustrado, 2020. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2018/06/18/como-rezar-o-terco-um-guia-ilustrado/>. Acesso em: 23de abr. de 2020.

<sup>77</sup> Fonte: Cecília Corrêa da Silva, 2020.

<sup>78</sup> Entrevista concedida no dia 1º de janeiro de 2020, por Cecília Corrêa da Silva.



Pater de coelis Deus, miserere nobis.  
Fili, redemptor mundi, Deus,  
Spíritus Sancte, Deus,  
Sancta Trínitas, unus Deus,  
Sancta Maria, ora pro nobis.  
Sancta Dei Génitrix,  
Sancta Virgo Vírginum,  
Mater Christi,  
Mater divinae grátiae,  
Mater puríssima,  
Mater castíssima,  
Mater invioláta,  
Mater intemeráta,  
Mater amábilis,  
Mater admirábilis,  
Mater boni consílii,  
Mater Creatóris,  
Mater Salvatóris,  
Virgo prudentíssima,  
Virgo veneránda,  
Virgo predicánda,  
Virgo potens,  
Virgo elemens,  
Virgo fidélis,  
Spéculum iustítiae,  
Sedes sapiéntiae,  
Causa nostrae laetítiae,  
Vas spirituále,  
Vas honorábile,  
Vas insigne devotiónis,  
Rosa mystica,  
Turris Davídica,  
Turris ebúrnea,  
Domus áurea,  
Foederis arca,  
Jánua caeli,  
Stella matrutína,  
Salus infirmórum,  
Refúgium peccatórum,  
Consolátrix afflictórum,  
Auxílium christianórum,  
Regína angelórum,  
Regína patriarchárum,  
Regína prophetárum,  
Regína apostolórum,  
Regína mártýrum,  
Regína confessórum,  
Regína vírginum,  
Regína sanctórum ómnium,  
Regína sine labe origináli concépta,  
Regína in coelum assúpta,  
Regína sacratíssimi Rosárii,  
Regína pacis.  
Agnus Dei, qui tollis peccáta mundi, parce nobis Dómine.

Agnus Dei, qui tollis peccáta mundi, exáudi nos, Dómine.  
Agnus Dei, qui tollis peccáta mundi, miserére nobis.  
V. Ora pro nobis, Sancta Dei Genitrix.  
R. Ut digni efficiamur promissionibus Christi

Como bem salienta Soares (2013, p. 124), “a variação que existe nas letras das ladainhas, de grupo para grupo, é pequena, como por exemplo, na introdução da reza, como na ordem das sete qualidades de pedidos”. Após o terço, é servido o café da manhã para todos e, em seguida, os foliões se organizam em barracas com colchões para descansar.

Por volta das doze horas, o dono da casa se organiza para servir o almoço. Um dos encarregados destampa as panelas e, ao som do apito, convida todos a se posicionarem em volta da mesa para rezarem a oração do Pai Nosso, seguido de três Ave-Marias e três Santas Marias, logo após, de forma hierárquica, todos se servem. O primeiro a se servir é o embaixador, seguido depois os encarregados, os foliões, e por fim, os convidados (fotografia 15).

**Fotografia 15:** Almoço de folia na casa da senhora Maria Bento Corrêa



**Fonte:** NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

Um tempo após todos almoçarem e com as panelas ainda postas na mesa, um dos encarregados convida a todos para cantar o Bendito de Mesa<sup>79</sup> e assim agradecer a refeição.

- Bendito e louvado seja, e a santíssima trindade.  
Sendo ele três em pessoa e uma só, é na verdade.  
- Mas também seja louvado a Conceição de Maria.  
Aonde Deus encarnou-se sendo mãe e sendo filho.

<sup>79</sup> Fonte: Joaquim Corrêa da Silva, 2020.

- Como filho a vós pedimos, como mãe a vós rogamos.  
Pra que vamos todos a glória, entoar a deus louvamos.  
- Bendito seja Maria, Imaculada Senhora nossa.  
Como mãe da misericórdia, amparai os pecadores.  
- Bendito seja Deus, lá no céu anjos e santos.  
Por todos séculos dos séculos, dos séculos sem fim amém.  
- Agradecemos o belo almoço, que vós destes nesta hora.  
Quem vos é de dar o pago, filho de Nossa Senhora.  
- Deus vos pague o belo almoço, que nos foi servido já.  
Os três reis do oriente é quem é de lhe ajudar.  
- Deus vos pague o belo almoço, que vós deu pros folião.  
Os três reis do oriente é quem dai lhe a salvação.  
- Deus vos pague o bom almoço, que vos deu com alegria.  
É quem é de dar o pago, são Jose e santa Maria.  
- Bendito e louvado seja, Jesus, José e Maria.  
Toda essa santidade amparai sua família.  
- Amparai, amparai, amparai sua família.  
Bendito louvado seja, são três palavras de Deus.  
Pai, Filho e Espírito Santo, seja pelo amor de Deus.  
- Lá do céu desceu um anjo, no descer abriu as asas.  
Vem trazendo vida e saúde, para o dono da casa.  
- Lá do céu desceu dois anjos, com a bandeira de grandeza.  
Os três reis e Nossa Senhora, abençoa a vossa mesa.  
- Lá do céu desceu três anjos, com seu rozarinho na mão.  
Vem rezando Ave Maria, abençoando essa união.  
- Oferecemos esse bendito, pra o Senhor que está na cruz.  
Em louvor das cinco chagas, pelo mistério da cruz.  
- Já demos graças a Deus, fazemos o sinal da cruz.  
Abençoa os pecadores, para sempre, amém, Jesus.  
- Gloria ao Pai é o Filho, é do Espírito Santo.  
- Desde o princípio e de novo e sempre.  
- E de século secloro amém.  
- Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo.  
- Para sempre seja louvado.  
Viva os Santos Reis! Viva!  
Viva a luz que alumia! Viva!  
Viva Santa Maria! Viva!  
Viva o dono da casa! Viva!  
Viva toda família! Viva!  
Viva a nossa rezadeira! Viva!  
Viva o Encarregado! Viva!  
Viva os foliões! Viva!  
Viva a todos que aqui estão! Viva!  
Viva o Embaixador! Viva!  
Viva aquele que chegou! Viva!  
Viva a paz de Deus entre nós! Viva!

Na sequência, os encarregados convidam todos para se aproximarem do altar para rezar novamente o terço e, da mesma forma que foi rezado na chegada da folia, Dona Cecília tirou o terço novamente, seguida da Ladainha de Nossa Senhora em latim (fotografia 16). Por isso o lugar é o espaço vivido, cheio de afetividade, carregado de valor. Costa e Rocha, (2010, p.37) relatam que, “... o lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual

está integrado. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas”.

**Fotografia 16:** Reza do terço



Fonte: NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

Ao término do terço, alguns foliões se acomodam em redes para descansar, outros organizam uma mesa de Truco<sup>80</sup>. Momento de descontração e interação entre os que participam, como ilustra a fotografia 16. Obviamente que o jogo não inclui apostas, sendo um momento de mera descontração para os participantes. Nesse sentido, Retondar (2005) afirma que:

No espaço do jogo, o universo mágico do “faz-de-conta” permite a exposição por parte dos indivíduos de sentimentos e desejos profundos que não seriam facilmente demonstrados, externados, que não no espaço imaginário do jogo. Daí, o jogo, para aquele que joga, ser tão sério, pois absorvente e envolvente de tal maneira que provoca uma profunda exposição íntima do sujeito (RETONDAR, 2005, p. 28).

---

<sup>80</sup> Jogo de cartas de baralho, onde se disputa uma "melhor de 3", logicamente quem vence 2 partidas consecutivas ganha. Para se vencer tem que se "matar" a carta do adversário com uma de maior valor em cada uma das rodadas.

**Fotografia 17:** Mesa de Truco, momento de descontração entre os foliões



Fonte: NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

À tarde, após o lanche, os foliões organizam para “brincar Catira”<sup>81</sup>, dois cantam moda de viola enquanto os outros, de forma sincronizada ao som da viola e sanfona, batem palmas e com os pés sapateiam no chão (Fotografia 18). Brincam algumas modas enquanto é servido um gole de cachaça para se animar. No findar do dia, os foliões se organizam para banhar e esperar pelo jantar.

**Fotografia 18:** Roda de Catira entre foliões e convidados



Fonte: NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

<sup>81</sup> Dança coletiva popular do folclore brasileiro. Acontece geralmente nas folias onde os foliões dançam no som da viola e sanfona batendo as mãos e os pés.

Os foliões com mais experiências ensinam a dança da catira para os jovens. Sobre estes repasses de saberes, Pessoa (2005) assevera:

A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias. (PESSOA, 2005, p. 39).

Após o banho, cerca de dezenove horas, é servido o jantar com o mesmo ritual do almoço. Geralmente a família que oferece o pouso começa a se mobilizar uma semana antes para organizar os porcos os frangos, para que no dia de receber os foliões tudo já esteja preparado (fotografia 19), sem muitos trabalhos no dia, pois se cozinha para cerca de 150 pessoas e a preocupação do anfitrião é de ter sempre muita fartura.

**Fotografia 19:** Preparativos para o almoço da folia



Fonte: NEIA, Luiz dos Santos, (2020).

A senhora Maria Bento Corrêa (Dona Bentinha) expõe os seus motivos e de sua família oferecerem pouso de folia:

Eu, juntamente com meus pais, sempre demonstro pouso de folia. Quando casei eu e meu marido também sempre tivemos muita fé em Deus e, mesmo com muitas dificuldades para criar os filhos, sempre demos pouso de Santos Reis, Almoço da folia de São João Batista e janta da folia do Divino. Tem cinco anos que meu vó morreu e mesmo sem ele os santos me abençoaram, me deram força e para minha família para dar o pouso de Santos Reis e o almoço de São João, a do Divino nós não fazemos porque não temos folia mais. Então filho, eu

faço os pousos todos ano pra retribuí as graça que Deus e os Santo dá pra mim e meus fios sempre<sup>82</sup>.

Existe, na Folia de Santos Reis, a tradição de alguém pedir aos foliões para cantarem a algum ente já falecido. A pessoa que pediu segura a bandeira de frente para si e, no início, o embaixador, cantando, pede para essa pessoa se ajoelhar com a bandeira, no meio do cântico, os foliões interrompem para fazer a oração de um Pai Nosso, três Ave-Marias e três Santas Marias, em seguida, voltam a cantar e, ao fim, pedem para que a pessoa se levante com a bandeira. O cântico para pessoas falecidas<sup>83</sup> é muito bonito e emocionante.

- Deus vós salve esta família.  
Pra nós cumprir a obrigação.  
Pra cantar pro falecido.  
Vai colocando a bandeira no chão.  
- Deus vós salve o falecido.  
Ai nesta hora nesse momento.  
Que receba estas palavras.  
É dos três Reis do oriente.  
- Deus vos salve o falecido.  
Ai que este mundo já deixou.  
Foi pro reino da glória.  
Lá do céu é morador.  
- Lá do céu é morador.  
Está do lado de Deus.  
Está pedindo prós irmãos.  
Pra rezar o “Pai Nosso”.  
**- Faz o sinal da cruz. Reza-se:**  
1 Pai Nosso.  
3 Ave Maria.  
3 Santa Maria.  
- A Deus salve esse devoto.  
Ai os três Reis mandou falar.  
Já cumpriu a obrigação.  
Já pode alevantar.  
- A Deus vós salve nesta hora.  
Nesta hora verdadeira.  
Ai os três Reis é penitente.  
Ai alevanta essa bandeira.  
- Deus vós salve a hora bendita.  
Deus vós salve nesta hora.  
Abençoe esta bandeira.  
Aonde está Nossa Senhora  
- Nós já fizemo a oração.  
Ai leva ela pra santa cruz.  
Pai, Filho e Espirito Santo.  
Ai para sempre amém Jesus.  
- Viva os Santos Reis! Viva!

---

<sup>82</sup> Entrevista concedida no dia 1º de janeiro de 2020, por Maria Bento Corrêa da Silva.

<sup>83</sup> Fonte: Joaquim Corrêa da Silva, 2020.

Viva a luz que alumia! Viva!  
Viva Santa Maria! Viva!  
Viva o dono da casa! Viva!  
Viva toda família! Viva!  
Viva a nossa rezadeira! Viva!  
Viva o Encarregado! Viva!  
Viva os foliões! Viva!  
Viva a todos que aqui estão! Viva!  
Viva o Embaixador! Viva!  
Viva aquele que chegou! Viva!  
Viva a paz de Deus entre nós! Viva!

Por fim, os encarregados convidam a todos para novamente a se aconchegar ao altar para rezar novamente o terço, com a Dona Cecília procedendo os mesmos rituais realizados na chegada e após o almoço. Um pouso da Folia de Santos Reis é um dia de muitas orações, com duração longa, desde a madrugada, com a aproximação da folia, continua com o almoço e finda com o jantar, quando os foliões saem para o giro até chegar ao próximo pouso.

Nos últimos anos, com a folia saindo e fazendo alguns pousos também no espaço urbano de Goiás, ficou inviável manter a tradição do giro a pé e a cavalo devido à distância. Antes, os foliões giravam apenas dentro da comunidade. Para resolver essa situação, atualmente os foliões se locomovem de caminhonetes e alguns carros que também acompanham. Uma das caminhonetes pertence a Ismael Corrêa da Silva, um dos encarregados, e a outra é de propriedade do folião Divino Corrêa da Silva, que organizam bancos de madeira para que os integrantes possam se assentar e cobertura de lona para se protegerem do sereno e do sol (fotografia 20).

**Fotografia 20:** Veículos utilizados para locomoção dos foliões



Fonte: NEIA, Luiz dos Santos, (2020).



São mudanças significativas ao se comparar as formas com que os foliões se locomovem atualmente com o que era praticado a décadas passadas, antes do início deste século, no entanto, são estratégias necessárias para manter a tradição viva entre os que vivem na comunidade, bem como para os ex-moradores. Na seção seguinte, apresenta-se o ritual do almoço e do pouso da Folia se São João Batista.

#### **4.5 Ritual de almoço e pouso da Folia de São João Batista da Comunidade Quilombola Água Limpa**

A Folia de São João Batista chega no almoço por volta de onze horas, é recepcionada pelo morador que recebe a bandeira das mãos do encarregado que entra com a bandeira até o altar previamente montado, como apresenta a fotografia 21, no momento da chegada dos foliões para o almoço na casa da senhora Maria Bento Corrêa (Dona Bentinha), no dia 23 de junho de 2019.

**Fotografia 21:** Chegada da bandeira da Folia de São João Batista



Fonte: NEIA, Luiz dos Santos, (2019).

Dona Bentinha e seu genro Ronnie recepcionaram a folia e receberam a bandeira das mãos do encarregado. Após, todos os foliões entrarem para a sala da casa e cantarem para o morador, diferente de folias de outros lugares, nas folias da Comunidade Água Limpa não possuem arco na entrada, se canta na entrada da casa e dentro da casa, no altar. O cântico desse momento é o mesmo que o da Folia de Santos Reis, o canto para os moradores.

Após cantarem, é organizado o almoço e, quando as panelas estão servidas à mesa, um dos encarregados soa o apito convidando a todos para, em volta da mesa, destampadas as panelas, rezar a oração do Pai Nosso, seguido de três Ave-Marias e Santas Marias. De maneira igual à Folia de Santos Reis, servem os alimentos de forma hierárquica, a começar pelo embaixador, encarregados, foliões e os demais, nessa ordem (fotografia 22).

**Fotografia 22:** Oração do Pai Nosso, seguido de três Ave-Marias e Santas Marias antes do almoço



Fonte: NEIA, Luiz dos Santos, (2019).

Um tempo após todos terem almoçado, ao som do apito, um dos encarregados convida todos para rezar o Bendito de Mesa, que também é o mesmo rezado nos pousos da Folia de Santos Reis, mudando apenas o nome do santo (fotografia 23).

**Fotografia 23:** Reza do Bendito de Mesa



Fonte: NEIA, Luiz dos Santos, (2019).

Em seguida, Dona Cecília (rezadeira) convida os presentes para junto do altar (fotografia 24), para rezarem o terço, idênticos aos rezados nos pousos da Folia de Santos Reis e seguido da Ladainha de Nossa Senhora, em latim, característico daquele lugar. Cada sujeito tem seu lugar natural, onde sua memória reporta episódios vivenciados. “Cada pessoa está rodeada por ‘camadas’ concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação” (BUTTIMER, 1982, p. 178).

**Fotografia 24:** Altar em louvor a São João Batista



**Fonte:** NEIA, Luiz dos Santos, (2019).

Ao término do terço, todos descansam e se descontraem conversando e revendo os parentes que morram longe e se reencontram na folia. À tarde, serve-se o lanche, acompanhado de uma roda de catira, com duas ou três modas, nutridas com um bom trago de cachaça para os adeptos, o que garante a animação dos que ali estão brincando.

Em função do atual surto de Coronavírus e atendendo às recomendações sanitárias de distanciamento/isolamento social, a folia de São João Batista, de junho de 2020, foi cancelada pelo encarregado. Foi realizado no dia 23 de junho o terço em louvor a São João Batista na casa do senhor Frontino Bento Corrêa, na Comunidade Água Limpa (fotografia 25).

O terço em Louvor a São João Batista foi realizado atendendo às recomendações sanitárias, com um grupo de 21 pessoas, e com utilização de máscaras pelos participantes da comunidade, com exceção do encarregado, embaixador e do pesquisador que também foi convidado, ambos moram em Goiás.

**Fotografia 25:** Terço em louvor a São João Batista, em 23 de junho de 2020



**Fonte:** NEIA, Luiz dos Santos, (2019).

Foi servido o jantar às vinte horas e trinta minutos, após, foi rezado o terço do mesmo modo que nos pousos de folia. A seguir, foi entregue velas para todos e realizada uma pequena procissão com a imagem de São João Batista passando e acendendo a fogueira, seguindo até o mastro, depois de todos rezarem e passarem embaixo da bandeira, ergueu-se o mastro. Ficou acertado entre os presentes o retorno para descer o mastro no dia 29 de junho dia de outro santo, São Pedro.

Durante o terço, chamaram atenção as palavras dos anciãos de que os tempos difíceis irão passar, referindo ao atual surto de coronavírus. Em nenhum momento eles mencionam os nomes coronavírus, Covid-19, pandemia ou surto. Questionado, o embaixador Joaquim Corrêa da Silva em depoimento revelou: “não podemos ficar falando esses nomes não, quanto mais fala mais força dá. Eu tenho fé no pai que do mesmo jeito que isso chegou isso vai embora<sup>84</sup>. A fala do ancião revela a importância que eles exercem na comunidade, eles possuem sempre palavras de otimismo e sabedoria para aconselhar os mais novos e gerir os momentos delicados que demandam tomadas de decisões importantes.

---

<sup>84</sup> Entrevista concedida no dia 23 de junho de 2020, por Joaquim Corrêa da Silva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inquietação inicial que motivou a realização desta pesquisa foi a de compreender a identidade quilombola e perceber que as relações das religiões e religiosidades contribuem no processo de manutenção do território e das tradições na Comunidade Quilombola Água Limpa no município de Faina – GO.

Com as pesquisas de campo, entrevistas e leituras teóricas, considera-se que a Comunidade Quilombola Água Limpa, atualmente, é composta por 21 famílias, divididas em três grupos, com os sobrenomes, Pinto Barroso, Corrêa da Silva e Serafim de Aguiar. Essas famílias tiveram a identidade quilombola entremeada por elementos culturais indígenas e da identidade camponesa, com isso, introduziram à sua cultura quilombola costumes e tradições, como as rezas, folias, benzimentos, incorporadas pelo catolicismo, dos conhecimentos de plantas medicinais do Cerrado e as atividades nas lavouras.

A partir da elaboração e análise dos gráficos elaborados a partir dos dados da pesquisa empírica, constata-se um aumento no reconhecimento de comunidades quilombolas em todo o país nas últimas duas décadas, porém um número ainda muito baixo, haja vista que a estimativa é de menos de 7% de regularização de terras de todas as comunidades quilombolas no país.

Retomando a problemática que motivou o desenvolvimento da pesquisa, ficou explícito, após as entrevistas realizadas, que a pressão e as tensões impostas pelo agronegócio que iniciaram no fim da década de 1960, e a ausência de políticas públicas por parte da União, do estado de Goiás e da prefeitura de Faina foi a principal causa de várias famílias terem sofrido o processo de desterritorialização da Comunidade Água Limpa e se reterritorializarem em municípios vizinhos, principalmente nos municípios de Goiás e Faina, com predominância de migração para o primeiro, processo que se iniciou no início da década de 1990, se intensificou e perdurou até a década de 2010.

A Comunidade Quilombola Água Limpa possui diversos momentos valorosos como os períodos de férias, feriados, Dia de Finados, reza de terço e os festejos da Folia de São João Batista, em junho, e a de Santos Reis, que coincide com as festas de fim de ano, época em que as famílias se reúnem.

Momentos esses que, a partir de 2010, têm fortalecido a identidade cultural e unido os sujeitos da comunidade e aqueles desterritorializados, que se deslocaram para municípios vizinhos. O fato de estarem sempre presentes na comunidade, participando dos costumes e

manifestações culturais, fez com que a comunidade continue os recebendo como quilombolas, da mesma forma os que saíram continuaram assim se identificando. Portanto, os sujeitos que saíram não saíram de fato, sempre voltam, tornando este processo apenas um deslocamento físico e de reelaborações.

Fica evidente também a existência na memória dos anciãos da comunidade muito conhecimento tradicional guardado, dentre os quais, muitos ainda são praticados, tais como o plantio das roças, a sapiência sobre períodos e fases da lua propícios para plantio e colheita. Os anciãos também possuem um vasto saber sobre plantas medicinais do Cerrado, que fazem uso nos humanos e animais domésticos e de criação. A fé cristã e a religiosidade estão sempre presentes nas falas dos moradores, que sempre rezam um terço em casa no dia de cada santo e ajudam a organizar e a oferece pousos na folia de São João Batista em junho e Santos Reis no final de dezembro e início de janeiro.

Um fator relevante é a ausência da prática de benzimentos, constatou-se que, atualmente, não existem mais, na comunidade e, segundo relatos, já faz cerca de trinta anos que o último benzedor faleceu e ninguém mais assumiu essa tarefa de benzer na comunidade. Entretanto, esta prática ainda permanece pelo fato de sempre que alguém que necessita de benzimento ou de algum ritual para si, para a propriedade ou para algum animal, buscam essa proteção sagrada em outros lugares.

Com relação aos rituais de matrizes africanas, os relatos dos anciãos dão conta que atualmente não há mais na comunidade de forma explícita, conquanto, existem elementos de formas sutis. Estão presentes no cuidado com os mortos, nas visitas aos túmulos dos ancestrais no Dia de Finados, no jeito e nas épocas certas de plantar, que mesmo sendo características das culturas camponesa e indígena, é também de matrizes africanas. Os rituais religiosos e os santos católicos cultuados na comunidade quilombola possuem relações com as entidades africanas e, portanto, são heranças da matrizes africana.

O protestantismo foi introduzido na comunidade no final da década de 1960, e continua até os dias atuais. Os que se denominam evangélicos e participam dos cultos e reuniões na Igreja Assembleia de Deus Campus Água Limpa somam 24%. Entre evangélicos e católicos 52% frequentam os cultos e reuniões evangélicas e também participam ou acompanham as folias e terços organizados nos dias de cada santo. Observa-se, com isso, que existe na comunidade uma harmonia religiosa entre católicos e evangélicos, havendo respeito à opção religiosa de cada um. Um dos fatores para essa relação é o alto grau de parentesco no lugar.

A tradição das folias na Água Limpa é centenária, fato relacionado à fé em Deus e nos santos que as famílias cultivam. Até meados de 1980, havia três folias, a de Santos Reis, São João Batista e a Folia do Divino Espírito Santo. Do fim da década de 1980 em diante, não mais conseguiram realizar a Folia do Divino Espírito Santo. Pela proximidade de datas entre as duas últimas, tornou-se difícil conseguir os pousos e o festeiro para o encerramento da folia do Divino Espírito Santo, assim foram mantidas apenas as outras duas.

Com o processo de desterritorialização de muitas famílias da comunidade, a partir de 2007 as folias de São Batista e Santos Reis têm a saída e três ou quatro dias de giro no espaço urbano de Goiás, com os pousos marcados, geralmente, nas casas de famílias que antes moravam na Água Limpa. A reorganização da folia se deu para atender aos moradores que moram na cidade de Goiás, e para que estes, após os giros na cidade, acompanhem a bandeira que se desloca para a comunidade rural para cumprir os giros restantes e fazer a entrega, mantendo e revivendo as manifestações religiosas específicas do lugar. Compreende-se que o lugar para os quilombolas possui significado afetivo, pois é na comunidade que os antepassados viveram e estão sepultados, é onde atualmente as famílias vivem e possuem um sentimento de pertencimento ao lugar de vivência.

A presente pesquisa foi de grande relevância, pois a Comunidade Quilombola Água Limpa contém uma identidade cultural preservada com a tradição e os costumes seculares dos quilombolas, ligados à cultura indígena e ao modo de vida camponês, saberes e práticas sobre o Cerrado e os rituais das Folias de São João Batista e Santos Reis, enfim, tradições que devem ser preservadas e merecem ser abordadas em pesquisas futuras de doutorado, de tal modo a ampliar as investigações da memória dos anciãos sobre os conhecimentos tradicionais e ampliar a pesquisa cartográfica para conhecer a extensão da área total da comunidade antes do processo de desterritorialização das famílias.

Enfim, este trabalho dissertativo revela que as comunidades quilombolas, em sua maioria, não só em nível nacional, mas também em Goiás, vivem uma enorme invisibilidade social, não sendo diferente na Comunidade Água Limpa, que nunca foi beneficiada com nenhuma política pública estadual e municipal, nem mesmo serviços básicos de saúde, como tratamento médico e odontológico, haja vista que a maioria dos moradores possuem idade superior a sessenta anos e carecem de um cuidado maior com a saúde. Outro problema que os moradores enfrentam são as dificuldades de locomoção, uma vez que a prefeitura de Faina não realiza manutenção das estradas, que em grande parte estão em péssimas condições e, ficando para os próprios sujeitos locais a sua conservação.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL, [www.agenciabrasil.ebc.com.br](http://www.agenciabrasil.ebc.com.br) Acesso em: 10 de mai. de 2020.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os Quilombos e as Novas Etnias. In: O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 43-82.

ALMEIDA, Moacir, J.C.P. O desenvolvimento da atividade agrícola e o meio ambiente no Brasil. **Reforma Agrária**, Campinas, v. 20, nº 1/3, p.13-22, abr/dez, 1990.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **O conceito de classe camponesa em questão**. Terra Livre, São Paulo, v. 2, n. 21, 2003, p. 73 – 88.

ALVES, José. **A dinâmica agrária do Município de Ortigueira (PR) e a reprodução social dos produtores familiares: uma análise das Comunidades Rurais de Pinhalzinho e Vila Rica**, 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

ALVES, Rubem. **O velho que acordou menino**. São Paulo: Planeta, 2005.

ARAÚJO, C.; SCALON, C. (Org.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 304 p.

ARIÉS, Philipe. 1982. **O Homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, Vol. II, 1982.

ARRUDA, Rinaldo. **“Populações Tradicionais” e a proteção de recursos naturais em Unidades de Conservação**. In: Ambiente & Sociedade, ano II, n 5, 1999.

ARRUTI, José M. **Terras de Quilombo: identidade étnica e os caminhos do reconhecimento**. Tomo, São Cristovão-SE. Nº 11, jul./dez. 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA (ABA). **Documento do Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais**, Rio de Janeiro: 1994. p. 81-82. Disponível em: <http://www.abant.org.br/?code=2.39>. Acesso em: 27 de abr. de 2020.

AUBERTIN, C., PINTON, F. Novas fronteiras e populações tradicionais: a construção de espaços de direitos. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 1, n. 2, p.1-26, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/3011>. Acesso em: 27 de abr. de 2020.

AZEVEDO, Eliane. **Raça, conceito e preconceito**. São Paulo: ÁTICA, 1987 – Série Primavera.



BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/Secad/Museu Nacional/UFRJ, 2006.

BARREIRA, D. D.; NAKAMURA, A. P. **Resiliência e a auto-eficácia percebida**: Articulação entre conceitos. Aletheia, 2006.

BARTH, Fredrik. **O Guru**: o Iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BARTOLY, Flávio. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **GEOgraphia**, Vol.13, n. 26, 2011.

BASTIDE, R. **Geografia das Religiões Africanas no Brasil**. IN: BASTIDE, R. As Religiões Africanas no Brasil. São Paulo, Ed. Pioneira, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências Humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 1999.

BERGOLD, Raul Cezar; SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. **Os direitos dos povos indígenas no Brasil**: desafios no século XXI. Curitiba: Letra da Lei, 2013.

BÍBLIA DE JERUZALÉM. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BHABHA, H. (org.) **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembrança de Velhos. 2. ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010288392001000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392001000200011&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 de fev. de 2020.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp.183-191.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. 21ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **Identidade e etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, (1990).

\_\_\_\_\_. **A folia de Reis de Mossâmedes.** In: De Tão Longe Eu Venho Vindo: Símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: UFG, 2004.

\_\_\_\_\_. **O trabalho de saber:** cultura camponesa e escola rural. São Paulo: FDT, 2009.

\_\_\_\_\_. **A comunidade tradicional.** In Cerrado, Gerais, Sertão: comunidades tradicionais dos sertões roseanos. Montes Claros: 2010 (Relatório de Pesquisa).

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988.

\_\_\_\_\_. Decreto 6.040 de 7 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm). Acesso em: 15 de jun. de 2020.

BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre Fotografia.** São Paulo: Editora Pioneira, 1998.

BUTTNER, Anna. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio. **Perspectiva da Geografia.** São Paulo: Difel, 1982.

\_\_\_\_\_. Campo de Movimiento y sentido del lugar. In: RAMÓN, M. D. G. (org.) **Teoría y Método em la Geografía Anglosajona.** Barcelona, Ariel, 1985.

CALHEIROS, Felipe Peres; STADTLER, Hilda Helena Coraciara. Identidade étnica e poder: os quilombos nas políticas públicas brasileiras. **Rev. katálysis**, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/16.pdf>. Acesso em: 9 de mai. de 2020.

CAMMAROTA, M.; BEVILAQUA, L. R. M.; IZQUIERDO, I. Aprendizagem e memória. In: LENT, R. **Neurociência da mente e do comportamento.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas:** Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. **Consumidores e Cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CAPUTO, Rodrigo Feliciano. O Homem e suas Representações Sobre a Morte e o Morrer: Um Percurso Histórico. Saber Acadêmico: **Revista Multidisciplinar Da Uniesp**, n. 6, dez. 2008 p.73 –80. Disponível em: [www.uniesp.edu.br/revista/revista6/pdf/8.pdf](http://www.uniesp.edu.br/revista/revista6/pdf/8.pdf). Acesso em: 26 mar. de 2020.

CARNEIRO, E. **O Quilombo dos Palmares.** / Edison Carneiro. São Paulo. Ed. Nacional, 1988. 4ª ed.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica.** 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura política e política cultural.** São Paulo: Estudos Avançados 9(23), 1995, p.71-84.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento** (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense, 1984.

CLAVAL, Paul. As Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Explorações Geográficas: Percursos no fim do Século.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 89-118.

\_\_\_\_\_. **Geografia Cultural,** Florianópolis, Ed UFSC, 2001.

CONTI, Daniele Taíse. **Estudo dos fatores de influência na migração rural/urbana no município de Orizontina.** 80 f. Trabalho de Conclusão (Bacharel em Ciências Econômicas). Faculdade Horizontina – FAHOR, Horizontina – Rio Grande do Sul, 2012.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.** 20ª ed. São Paulo: Global, 2001.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura.** 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 92-123.

COSTA, Fábio R. ROCHA, Márcio Mendes. Geografia: conceitos e paradigmas – apontamentos preliminares. **Ver. GEOMAE Campo Mourão.** v. 1 n. 2, p. 25-56, 2010.

COSTA, João Batista de Almeida. A (des)invisibilidade dos Povos e Comunidades Tradicionais: A produção da identidade, do pertencimento e do modo de vida como estratégia para efetivação de direito coletivo. In: Dieter Gawora; Maria Helena de Souza Ide; Rômulo Soares Barbosa. (Org.). **Povos e Comunidades Tradicionais no Brasil.** 1 ed. Montes Claros: Editora Unimontes, 2011, v. 1, p. 51-68.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil.** MAUAD Editora Ltda. Rio de Janeiro. 2007, p. 21.

DELUEZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs–capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Peter PálPelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, v. 5, 1997.

DEUS, Maria Socorro de. **Romeiros de Goiás: a Romaria de Trindade no século XX**. Dissertação (Mestrado em História). Goiânia: UFG, 2000.

DINIZ, João. **O que fazer para diminuir o êxodo rural?** Areia-PB, 2 de abril de 2011.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 191 p.

ESPÍRITO SANTO, Moisés. **A Religião Popular Portuguesa**. Lisboa: Assírio & Alvim, Coleção Lusitânia, 1990.

FEATHERSTONE, Mike. **O Desmanche da Cultura: Globalização, Pós-modernismo e Identidade**. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1997.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Os camponeses, os agricultores familiares: paradigmas em questão**. Geografia, Londrina, v. 15, n. 1, 2006, p. 205 – 219.

FÉLIX, Madeleine e PESSOA, Jadir. **As viagens dos reis magos**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2007.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brasil: 500 anos de luta pela terra**. Cultura Vozes. v.93, 2001.

FERNANDES, B. M. Sobre a tipologia dos territórios. In: SAQUET, M. A, SPÓSITO, E. S. **Territórios e territorialidade: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 197-216.

FERNANDES, João Luís Jesus (2008): **A desterritorialização como factor de insegurança e crise social no mundo contemporâneo**; in I Jornadas Internacionais de Estudos sobre Questões Sociais; AGIR – Associação para a Investigação e Desenvolvimento Sociocultural; Povia de Varzim (pp.423-447).

FERRAZ, A.C.C.P.; TORRES, I.G.E. **Transporte Público Urbano**. 2. ed. São Carlos: RiMa, 2004.

FERREIRA, Luiz Felipe. **Illuminando o Lugar: três abordagens** (Relph, Buttimer e Harvey). Boletim Goiano de Geografia. Goiânia, jan/julho de 2002. v. 22, n.01. p. 43-72.

FERREIRA, M. de M. (Coord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998. 316 p.

FIGUEIREDO, André Videira de. **O Caminho Quilombola**: sociologia jurídica do reconhecimento étnico. Curitiba: Appris, 2011.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H L.; RABINOW, P. Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FRANCISCO, Dalmir. **Comunidade, Identidade Cultural e Racismo**. In: FONSECA, Maria Nazareth (Org.). *Brasil Afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 117-152.

FRENTRESS, James & WICKHAM, Chris. **Memória Social, novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992.

FREITAS, Décio. **Palmares: A Guerra dos Escravos**. 4ª ed. Editora Graal. Rio de Janeiro. 1982.

GEERTZ, C A. **interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GIUMBELLI, E. **A Presença do Religioso no Espaço Público**: Modalidade no Brasil. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 80-101, 2008.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de Quilombolas**: Mocambos e comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro, Séc. XIX/ Flávio dos Santos Gomes. Ed. Rev. e Ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mocambos e Quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre Relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, Núbia; PEREIRA, Edmilson de Magalhães e de Almeida. **Do Presépio À Balança**: Representações da Vida Religiosa. A.A. Mazza Edições, 1995.

GOMES, Núbia P., PEREIRA, Edmilson de A. **Negras Raízes Mineiras**. Mazza Edições, 2002.

GORZ, André. **O Imaterial. Conhecimento, Valor e Capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

GRAZIANO NETO, José. **Questão Agrária e ecologia: crítica da moderna agricultura.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_. **A nova dinâmica da agricultura brasileira.** 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1998.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Micropolítica: cartografias do desejo.** 10ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GUSMÃO, Neusa M. de. **Da antropologia e do direito: impasses da questão negra no campo.** Fundação Cultural Palmares. Brasília, 1999.

GUTIERREZ, Ramón. **As Missões Jesuíticas dos Guaranis.** Brasil: Unesco, 1987. 110p.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste.** Niterói: Eduff, 1997.

\_\_\_\_\_. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 169-190.

\_\_\_\_\_. **Territórios alternativos.** Niterói: Eduff; São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade.** 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. **Concepções de território para entender a desterritorialização.** In: SANTOS, M. et al. **Território, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial.** 2 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 43-70.

HAGE, Salomão Mufarrej. **A realidade das escolas multisseriadas frente às conquistas na legislação educacional.** In: Reunião Anual do ANPED, 29, 2006. Anais... Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: desafios e compromissos manifestos. Caxambu: 13 ANPED, 2006. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/.../gt13-2031--int.pdf>. Acesso em: 26 de mar. de 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade;** tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 3 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2011.

HOBSBAWM, E. **Pessoas Extraordinárias – Resistências, Rebelião e Jazz.** 2ª edição, 1999.

HOONAERT, Eduardo. **A Formação do Catolicismo Brasileiro: 1550-1800**. Petrópolis: Editoras Vozes, 1974.

IANNI, O. **A sociedade global**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

IKEDA, Alberto. **Folias de Reis, Sambas do Povo**. São José dos Campos: CECP, FCCR, 2011.

JEDLOWSKI, Paolo. **Memórias**. Temas e problemas da sociologia da memória no século XX. Pro-posições. V. 14, n. 1 (40), jan/abril 2003.

JODELET, D. (2001). **Representações sociais: um domínio em expansão**. Em D. Jodelet (Ed.). As representações sociais (p. 17-44). 2001, Rio de Janeiro, RJ: Eduerj.

KANDEL, E. R. **Em busca da memória: o nascimento de uma nova ciência da mente**. Trad: Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KNEIB, Érika Cristine. Mobilidade Urbana: A Busca por Ações Efetivas e Soluções. In: FILHO, J.V.; MORAES, L.M. (Org.). **Políticas sociais urbanas: a cidade para todos e todas**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2013. Cap. VIII, p. 151-167.

LEITE, Antonio Ferreira. **Giros e pousos, moradores e foliões: identidade territorial e mobilidade espacial na folia de reis da “comunidade negra rural” de Água Limpa, Faina, Goiás**. 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

LEITE, Ilka Boaventura. **Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas**. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, n. 1, p. 1-5, 2003.

LITTLE, Paul Elliot. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série antropologia, Brasília, n. 322, p. 251-290, 2002.

\_\_\_\_\_. **Mapeamento conceitual e bibliográfico das comunidades tradicionais no Brasil**. Produto de consultoria, Brasília, Ministério do Meio Ambiente, 2006.

LEITE, Ubajara Berocan. **Os efeitos regionais da ‘Grande Mineração’: a experiência do Norte de Goiás**. 148 p., 297 mm, (UnB-GEA, Mestre, Produção do Espaço e Território Nacional, 2013).

LOPES, Fernanda. Para além da barreira dos números: desigualdades raciais em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5 p. 1.595-1.601, set./out., 2005.

MACHADO, Maria Clara T. **Culturas Populares e Desenvolvimentismo no interior das Gerais**: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985). Tese (doutorado) – USP, São Paulo: – USP, 1997.

MACHADO, Maria Helena. **O plano e o pânico**: os movimentos sociais na década da abolição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, EDUSP, 1994.

MALCHER, Maria Albenize Farias (2006). **A Geografia da Territorialidade Quilombola na Microrregião de Tomé-açu**: o caso da ARQUINEC – Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos Nova Esperança de Concórdia do Pará. Belém: CEFET. (Trabalho de Conclusão de Curso).

MARQUES, M. M. A atualidade do uso do conceito de camponês. **Revista Nera**, ano 11, n. 12, jan/jun, 2008.

MARTINS, J. de S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 207.

MATTEI, L. **Políticas públicas de fomento à produção familiar no Brasil**: o caso recente do Pronaf. Florianópolis: UFSC, 2001.

MATTOSO, Kátia de Queiroz. **Ser Escravo no Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

MAUSS, Marcel. "**Sociologia e Antropologia**". Precedido de uma Introdução à obra de Marcel Mauss por Claude Lévi-Strauss. Textos de Georges Gurvitch e Henri Lévy-Bruhl. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MEDEIROS, R. M. V. **Camponeses, cultura e inovações**. In: LEMOS, A. I. G.; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. L. (Org.) América Latina: cidade, campo e turismo. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: USP, 2006. p. 281-293.

MELO, L. A. **Crédito Rural no Brasil**: Uma Realidade para a Mulher Agricultora Familiar? Coordenação Geral de Estudos Ambientais e da Amazônia CEAMB. Recife-PE, p.1-9, 2006.

MENDES, Luciana Aparecida de Souza. **As Folias de Reis em Três Lagoas**. Dissertação (Mestrado em 2007), Dourados. Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, 2007.

MIRANDA, A. C. P.; SILVA, L. L. Mamuna – herdeiros de escravos ameaçados pela aeronáutica. In: ANDRADE, Maristela de Paula; SOUZA FILHO, Benedito. **Fome de**



**farinha:** deslocamento compulsório e insegurança alimentar em Alcântara. São Luís: EDUFMA, 2006.

MOLINARO, Carlos Alberto; DANTAS, Fernando Antonio de C. Da cultura. CANOTILHO, J. J., et al. In: **Comentários à Constituição do Brasil**. São Paulo: Saraiva/Almedina, 2013.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Lisboa: Europa-América, 1973.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1980.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo Capitalista de Produção, Agricultura e Reforma Agrária**. 1ª. ed. São Paulo: FFLCU/LABUR Edições, 2007. 184 p.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é Benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Eficácia Simbólica de cura e razão analógica**. 2006.

PACHECO, M. E. L. **Sistemas de Produção:** Uma perspectiva de gênero. Uma versão preliminar deste texto, foi apresentada no workshop “Gênero, Democracia e Políticas Públicas - construindo referências para a política de atuação das ONGs Brasileiras”. Coordenação de SOS CORPO Gênero e Cidadania e apoio da entidade alemã GTZ. São Paulo, p. 1-13, 1996.

PALACIN, Luiz; MORAES, Maria Augusta de S. **História de Goiás (1722-1972)**. 7 ed. Goiânia: Vieira, 2008.

PEREIRA A. M. S. **Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping**. In: Tavares J, organizador. Resiliência e educação. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 2001. p. 77-94.

PESSOA, Jadir de Martins. **Saberes em Festa: Gestos de Ensinar e Aprender na Cultura Popular**. Goiânia. Ed: UCG/ Kelps, 2005, p. 39.

PORTO, G. **As Folias de Reis**. Instituto Nacional de Folclore. Rio de Janeiro: MEC/SEC/FUNARTE: 1982.

RAFFESTIN, Claude (1993): **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática.

RETONDAR, J. J. M. **Alguns sentidos do ato de jogar**. Dissertação (Mestrado em 1995). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho. 1995.

REZENDE, Elaine. **Marketing Pentecostal: inovação e inspiração para conquistar o Brasil**. Revista de Estudos da Religião junho/2010, p. 21.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, F. S. **Eletrificação rural de baixo custo.** São Paulo, 1993. Tese (livre docência) - Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

RIOS, Aurélio Virgílio. Quilombos na Perspectiva da Igualdade Étnico-Racial: raízes, conceitos, perspectivas. In DUPRAT, Déborah. **Pareceres Jurídicos: Direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais.** Manaus: UEA, 2007.

ROCHA, Marcelo Cardona; FAVILLA, Kátia Cristina. Doze anos de inserção dos Povos e Comunidades Tradicionais no cenário político do Estado brasileiro e na garantia de direitos individuais e coletivos. In: CERQUEIRA, Edmilton; SOUZA, Luiz Fernando M. de; MELO, Patrícia; SANTOS, Quêner C. dos; PIRES, Tauá Lourenço (Orgs.). **Os povos e comunidades tradicionais e o ano internacional da agricultura familiar.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2015.

SANTOS, José Luiz dos. **O Que é Cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, M. **Por Uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **Território e sociedade.** 2ª reimpr. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção-** 4ª Ed. 2ª reimpressão. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo, 2006.

SALES, Celecina. **Mulheres Rurais: Tecendo Novas Relações e Reconhecendo Direitos.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.15, n.2, p.437-443, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades:** uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. 1º Ed. São Paul: Outras Expressões, 2011.

SEIXAS, Jacy Alves. **Percursos de Memória em terras de História:** problemáticas atuais. IN: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia. (orgs) Memória e (res)sentimento – Indagações sobre uma questão sensível. Campinas-SP: Editora da Unicamp. 2004.

SILVA FILHO, João Bernardo da; LISBOA, Andrezza Kelly. **Quilombolas:** resistência, história e cultura. São Paulo: IBEP, 2012.

SILVA, J. F. G. **O capitalismo verde**. Agricultura sustentável. Jaguariúna/SP: Brasiliense, 1994.

SOARES, M. P. **Almas e Encantados**: uma cosmologia sobre o mundo dos mortos na região do Baixo Amazonas. 2013. 1-278 f. Universidade federal Fluminense, 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/ppga/wp-content/uploads/2013/10/SOARES-Mariana-Pettersen-2.pdf>. Acesso em: 8 de jun. de 2020.

SOBRAL, F.; ALKETA, P. **Administração: teoria e prática no contexto brasileiro**. São Paulo: Prentice Hall, 2008.

SOBRARE. **Guia Rápido o que é Resiliência**. Disponível em: <http://sobrare.com.br/ebook-o-que-e-resiliencia/>. Acesso em: 2 de out. de 2020.

STÉDILE, J. P. (Org.). **História e natureza das ligas camponesas**. São Paulo: Expressão Popular, 2002. História da questão agrária no Brasil. In: (Org.). **A questão agrária no Brasil: o debate na esquerda 1960-1980**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

SUESS, Guenter Paulo. **Catolicismo popular no Brasil**. Trad. Antonio Steffen. São Paulo: Loyola, 1979.

TRINDADE, Solano. **Cantares ao meu povo**. São Paulo: Fulgor, 1961.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. **Trocando olhares: Uma Introdução a Construção Sociológica da Cidade**. São Paulo, Educ-Studio Nobel, 2000.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O campesinato brasileiro: uma história de resistência**. Rev. Econ. Sociol. Rural, Brasília, v. 52, supl. 1, p. 25-44, 2014.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991.

WELCH, Clifford Andrew; FERNANDES, Bernardo Mançano. Agricultura e Mercado: campesinato e agronegócio da laranja nos EUA e Brasil. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (Orgs). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

WOORTMANN, E. F.; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

WOORTMANN, Klaas. **“Com parente não se neguceia” o Campesinato Como Ordem Moral**. Anuário Antropológico. 1987: Editora UnB/Tempo Brasiliense, 1990. p. 11-40.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A - Fontes orais

ALMEIDA, Sebastião de. **Sebastião de Almeida**, idade: 57 anos. Depoimento [jan. 2020]. Entrevistador: Luiz dos Santos Neia. Goiás, 2020. 1 áudio mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Comunidade Quilombola Água Limpa.

BARROSO, Manoel Pinto. **Manoel Pinto Barroso**, (*in memoriam*), idade: 64 anos. Depoimento [nov. 2019]. Entrevistador: Luiz dos Santos Neia. Goiás, 2020. 1 áudio mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Comunidade Quilombola Água Limpa.

BARROSO, Ronie Pinto. **Ronie Pinto Barroso**, idade: 42 anos. Depoimento [mar. 2020]. Entrevistador: Luiz dos Santos Neia. Goiás, 2020. 2 áudios mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Comunidade Quilombola Água Limpa.

CORRÊA, Maria Benta. **Maria Benta Corrêa**, idade: 74 anos. Depoimento [dez. 2019 - jan./mar. 2020]. Entrevistador: Luiz dos Santos Neia. Goiás, 2020. 3 áudios mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Comunidade Quilombola Água Limpa.

PASSOS, Luiz de Deus. **Luiz de Deus Passos**, idade: 52 anos. Depoimento [fev./mar./ago. 2020]. Entrevistador: Luiz dos Santos Neia. Goiás, 2020. 5 áudios mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Comunidade Quilombola Água Limpa.

SILVA, Cecília Corrêa da. **Cecília Corrêa da Silva**, idade: 64 anos. Depoimento [jan. 2020]. Entrevistador: Luiz dos Santos Neia. Goiás, 2020. 2 áudios mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Comunidade Quilombola Água Limpa.

SILVA, Divino Corrêa da. **Divino Corrêa da Silva**, idade: 40 anos. Depoimento [jan./jun. 2020]. Entrevistador: Luiz dos Santos Neia. Goiás, 2020. 2 áudios mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Comunidade Quilombola Água Limpa.

SILVA, Emílio Corrêa da. **Emílio Corrêa da Silva**, idade: 67 anos. Depoimento [jan./mar. 2020]. Entrevistador: Luiz dos Santos Neia. Goiás, 2020. 2 áudios mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Comunidade Quilombola Água Limpa.

SILVA, Ismael Corrêa da. **Ismael Corrêa da Silva**, idade: 38 anos. Depoimento [fev. 2020]. Entrevistador: Luiz dos Santos Neia. Goiás, 2020. 2 áudios mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Comunidade Quilombola Água Limpa.

SILVA, Joaquim Corrêa da. **Joaquim Corrêa da Silva**, idade: 89 anos. Depoimento [jan./mar./jun./ago. 2020]. Entrevistador: Luiz dos Santos Neia. Goiás, 2020. 6 áudios mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Comunidade Quilombola Água Limpa.

SILVA, José Corrêa da. **José Corrêa da Silva**, idade: 51 anos. Depoimento [jan./jun. 2020]. Entrevistador: Luiz dos Santos Neia. Goiás, 2020. 3 áudios mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Comunidade Quilombola Água Limpa.

SILVA, Julieta Corrêa da. **Julieta Corrêa da Silva**, idade: 70 anos. Depoimento [jan. 2020]. Entrevistador: Luiz dos Santos Neia. Goiás, 2020. 2 áudios mp4. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Comunidade Quilombola Água Limpa.

**APÊNDICE B** - Roteiro de entrevista para os (as) moradores (as) da Comunidade Quilombola Água Limpa.



**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS (AS) MORADORES (AS) DA COMUNIDADE QUILOMBOLA ÁGUA LIMPA**

**Entrevista concedida no dia ----- do mês de ----- de 20----, idade -----**

**Por -----**

1. Há quanto tempo o(a) senhor(a) mora na comunidade?
2. O(a) senhor(a) gosta de morar na comunidade? Por quê?
3. O(a) senhor(a) sabe a quanto tempo existe a comunidade? Como surgiu?
4. Vocês se consideram remanescentes de quilombo?
5. Quantas famílias e quantas pessoas moram na comunidade?
6. O número de famílias que moram hoje na comunidade tem aumentado ou diminuído?
7. Quais os animais criados pelas famílias na comunidade? Domésticos e de produção?
8. Como é a produção agrícola na comunidade? O que se produz? Qual o destino desses produtos?
9. Quais são as maiores dificuldades encontradas para viver na comunidade?
10. Qual aprendizado que você teve com seus pais ou outra pessoa da família que você gostaria de destacar?
11. Existem na comunidade práticas de herança de matriz africana?
12. As folias são momentos de cultivar a fé, mas também são momentos para reunir as famílias?
13. Os rituais das folias são repassados para os jovens mantendo a tradição dos anciãos?
14. Os ex-moradores da comunidade conseguem comparecer todos os anos nas folias?
15. A mudança de tantas pessoas da comunidade prejudicou ou prejudica a realização das folias?
16. O que significa as folias de São João Batista e de Santos Reis para quem mora na comunidade?
17. Como são a relação dos católicos com os evangélicos na comunidade?
18. Na comunidade ainda existem benzedeiros, raizeiros ou outras pessoas com essas habilidades?

**APÊNDICE C** - Roteiro de entrevista para os (as) moradores (as) que mudaram da Comunidade Quilombola Água Limpa para municípios vizinhos



**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS (AS) MORADORES (AS) QUE MUDARAM DA COMUNIDADE QUILOMBOLA ÁGUA LIMPA PARA MUNICÍPIOS VIZINHOS E PARTICIPAM DAS FOLIAS**

**Entrevista concedida no dia ----- do mês de ----- de 20----, idade -----**

**Por -----**

1. O(a) senhor(a) sabe a quanto tempo existe e como surgiu a Comunidade Água Limpa?
2. Qual aprendizado que você teve com seus pais ou outro familiar que você gostaria de destacar?
3. Os rituais das folias são repassados para os jovens mantendo a tradição dos anciãos?
4. O que as folias significam para o/a senhor/a?
5. O que as folias significam para a comunidade?
6. As folias são momentos de cultuar a fé, mas também são momentos para reunir as famílias?
7. O(a) senhor(a) morou na comunidade? Quantos anos?
8. Há quanto tempo que o(a) senhor(a) se mudou da comunidade?
9. O que levou vocês a mudarem da comunidade?
10. Você acha melhor onde atualmente reside ou na comunidade?
11. Que recordações o/a senhor/a guarda da comunidade?
12. Quais as principais dificuldades encontradas para ir às folias?
13. A mudança de tantas pessoas prejudicou na organização e cotidiano da comunidade?
14. Quais suas perspectivas futuras, voltar para a comunidade ou continuar na cidade? Por quê?
15. A mudança de tantas pessoas da comunidade prejudicou ou prejudica na realização das folias?
16. Os ex-moradores da comunidade conseguem comparecer todos os anos nas folias?
17. É necessário fazer conciliação no trabalho na época das folias? Quais?
18. Por quem foram criadas as folias de São João Batista, Divino Espírito Santo e de Santos Reis na comunidade?



## **ANEXOS**

UEG - UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE GOIÁS



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** QUILOMBO ÁGUA LIMPA FAINA-GO: DESAFIOS E RESISTÊNCIA NO CAMPO

**Pesquisador:** LUIZ DOS SANTOS NEIA

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 22535119.0.0000.8113

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIAS

**Patrocinador Principal:** UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIAS

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.947.047

**Apresentação do Projeto:**

Projeto de dissertação de mestrado que se propõe estudar a Comunidade Quilombola Água Limpa em Faina -GO.

Como percurso metodológico serão realizadas diversas visitas a campo para conhecer e compreender as práticas e relações existentes na comunidade, fazer registro fotográfico de moradores, das residências e das atividades do cotidiano das famílias, realizar entrevistas com os anciãos para entender a identidade Quilombola, se eles se reconhecem como Quilombolas ou Camponeses e de que forma escolheram a região para se abrigarem.

Far-se-á um levantamento do número exato de famílias que existe na comunidade, homens, mulheres e jovens, quantas famílias de fato reside e quantas possuem dupla moradia e as causas da saída de moradores para cidades vizinhas e entender a relação dos sujeitos com manifestações religiosas específicas como Cultos, Folia de São João e de Reis. O método de pesquisa é o fenomenológico. A coleta de dados na comunidade Quilombola Água Limpa em Faina – GO estava programada de

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 º Bloco III º Térreo

**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903

**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS

**Telefone:** (62)3328-1434

**E-mail:** cep@ueg.br

Continuação do Parecer: 3.947.047

acordo

com o cronograma para o mês de dezembro de 2019 e janeiro e fevereiro de 2020. De acordo com o CEP, o início da coleta de dados deverá acontecer no prazo de 60 (sessenta) dias a partir da data de validação/aceitação do projeto, assim será feito.

Possui cronograma e orçamento detalhado nas informações básicas.

Tamanho da Amostra no Brasil: 8.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

A identidade Quilombola e as relações da religião e religiosidade na manutenção do território e das tradições na Comunidade Quilombola Água Limpa e Fina-GO.

Objetivo Secundário:

- \* Estudar a influência da hibridação cultural através dos cultos religiosos e das folias de São João e de Santos Reis para a manutenção das tradições no Quilombo Água Limpa.
- \* Analisar os conhecimentos das tradições no cotidiano dos quilombolas e compreender o porquê das percas deste conhecimento por parte dos moradores jovens.
- \* Descrever as memórias dos anciãos para entender a Identidade Quilombola, se reconhecem como Quilombolas ou Camponeses e os critérios da escolha da região e deste território para se habitarem.
- \* Diagnosticar o número de famílias, homens, mulheres e jovens e os motivos da desterritorialização dessas famílias que estão abandonando o Quilombo e migrando para municípios vizinhos.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

De acordo com o pesquisador:os riscos relacionados à participação neste estudo são: A presente pesquisa poderá acarretar desconforto emocional e/ou de possíveis riscos psicossociais, pois na entrevista o participante poderá resgatar lembranças e emoções que o levará a tal situação, se isto

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 2 Bloco III 2 Térreo

**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903

**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS

**Telefone:** (62)3328-1434

**E-mail:** cep@ueg.br

Continuação do Parecer: 3.947.047

ocorrer a entrevista/pesquisa será cessada imediatamente e o entrevistado será conduzido ao Centro de Referência de Assistência Social – CRAS do município de Faina-GO.”.

quanto aos benefícios: esta pesquisa terá como benefícios acadêmicos e sociais. A formação do pesquisador e registro dos aspectos históricos e sociais da comunidade, contribuindo para a educação formal da comunidade.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Verificar lista de pendências.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Verificar lista de pendências.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Mediante análise dos documentos, considero o protocolo aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UEG considera o presente protocolo APROVADO. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado e lembramos que os relatórios de pesquisa devem ser enviados semestralmente, comunicando ao CEP a ocorrência de eventos adversos esperados ou não esperados, conforme disposto na Norma Operacional do CNS nº 001/2013. O prazo para a entrega do relatório final, via notificação na Plataforma Brasil, é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1391619.pdf	26/02/2020 13:57:57		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	26/02/2020 13:57:36	LUIZ DOS SANTOS NEIA	Aceito
Outros	PROJETO_AGUA_LIMPA_Finalizado.odt	13/02/2020 15:38:36	LUIZ DOS SANTOS NEIA	Aceito
Outros	Termo.pdf	15/11/2019 11:19:16	LUIZ DOS SANTOS NEIA	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	15/11/2019 10:43:47	LUIZ DOS SANTOS NEIA	Aceito
Outros	Outros.pdf	01/10/2019	LUIZ DOS SANTOS	Aceito

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 º Bloco III º Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br

Continuação do Parecer: 3.947.047

Outros	Outros.pdf	20:15:27	NEIA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodetalhadobrochurainvestigador.p df	11/08/2019 09:24:32	LUIZ DOS SANTOS NEIA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	02/08/2019 16:06:29	LUIZ DOS SANTOS NEIA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	02/08/2019 15:16:22	LUIZ DOS SANTOS NEIA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não


ANAPOLIS, 01 de Abril de 2020

---

**Assinado por:**  
**MARIA IDELMA VIEIRA D ABADIA**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99 º Bloco III º Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1434 **E-mail:** cep@ueg.br

ANEXO B – Certidão de Autodefinição



**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES**  
Criada pela Lei n.º 7.668 de 22 de agosto de 1988

**Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro**

**CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO**

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção n.º 169, ratificada pelo Decreto n.º 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação n.º 01420.013039/2016-84 **CERTIFICA** que a **COMUNIDADE ÁGUA LIMPA** localizada no município de Faina/GO, registrada no Livro de Cadastro Geral de Imóveis e Registro n.º 2.500, fl. 121, nos termos do Decreto supramencionado e do Processo de Titulação da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, **SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTE DOS QUILOMBOS.**

Eu, **Carolina Conceição Nascimento**, (Ass.), .....  
Diretora do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extrai.  
Brasília/DF, **30 de março de 2017.**

O referido é verdade e dou fé.

  
**Erivaldo Oliveira da Silva**  
Presidente  
Fundação Cultural Palmares



## RECIBO

Recebemos da Fundação Cultural Palmares, a Certidão de Autodefinição da **COMUNIDADE ÁGUA LIMPA**, localizado no município de Faina/GO.

*Goianinha 190.*  
Em *12/06/2017*

*Luiz de Jesus Ramos*

Nome:

CPF: *852437601-53*

Setor Comercial Sul - SCS - Quadra 02, Bloco C, nº 256 - Edifício Toufic  
CEP 70.302-000 - Brasília - DF Site: [www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br)